

Educar para Valores através da Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Filipa Alexandre Medeiros Pereira

Mestrado em

**Educação Pré-Escolar e Ensino do
1.º Ciclo do Ensino Básico**



Educar para Valores através da Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

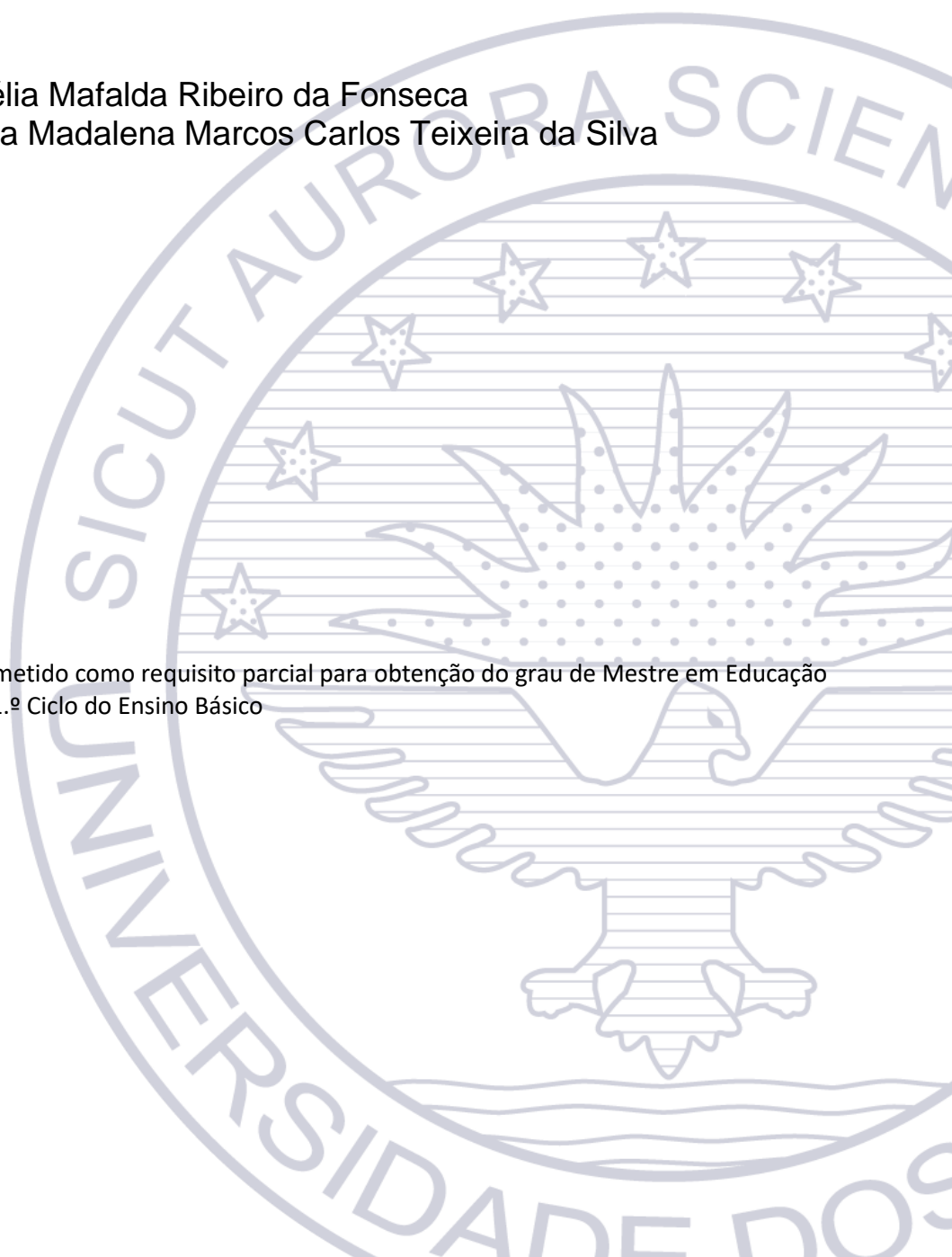
Filipa Alexandre Medeiros Pereira

Orientadores

Prof.^a Doutora Josélia Mafalda Ribeiro da Fonseca

Prof.^a Doutora Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico



À minha família, que sempre me apoiou em tudo!

Agradecimentos

Chegando ao final desta grande etapa da minha vida, sinto-me na obrigação e no dever de agradecer a todos aqueles que me apoiaram e que estiveram ao meu lado durante estes anos.

Agradeço aos meus pais, por terem feito um enorme esforço para que eu pudesse concretizar este meu sonho, que sempre me apoiaram e nunca desistiram de mim!

Agradeço às minhas três irmãs, por todo o amor e carinho que me deram ao longo destes anos de formação, por todas as palavras de incentivo e por terem lutado sempre comigo!

Agradeço ao meu noivo, Iago, por todo o amor e compreensão que tem tido para comigo, por toda a ajuda e paciência que tem demonstrado!

Agradeço à minha família, no geral, que sempre me apoiou e que sempre esteve comigo!

Agradeço aos meus colegas de curso, por todas as experiências vividas, por todas as gargalhadas e desabafos!

Agradeço às docentes cooperantes de estágio, por me terem inspirado com a sua paixão pela educação e com os seus exemplos!

Agradeço às minhas orientadoras de Relatório de Estágio, a professora Doutora Josélia Fonseca e a professora Doutora Maria Madalena Silva, por todas as lições que me ensinaram, pela orientação e disponibilidade e por terem percorrido este desafio comigo!

Agradeço à professora Sandra Moura, por todas as palavras de incentivo e força para que eu continuasse o meu percurso!

Agradeço às crianças com que me cruzei durante estes anos, por me terem dado a certeza que estava no caminho certo, por todo o amor e carinho que me deram!

Agradeço a todos os professores desta universidade com que me cruzei ao longo destes anos, desde a licenciatura até ao mestrado, e que em muito contribuíram para a minha formação e para educadora/professora que sou hoje!

Agradeço-vos, do fundo do meu coração, a todos vós!

Resumo

O presente documento surge da análise e reflexão das práticas pedagógicas desenvolvidas em contexto dos estágios inseridos nas unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e II. Estas disciplinas integram o plano curricular do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade dos Açores.

Este Relatório de Estágio intitula-se *Educar para Valores através da Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico* e tem como foco a importância da educação para valores e da literatura infantil nestes níveis de ensino.

Neste trabalho, apresentamos a práxis educativa axiológica onde implementamos um processo de educação para valores aliado à literatura infantil, com o objetivo de promover o gosto pela leitura entre os mais novos e, também, levar os alunos a refletir sobre as suas ações, para que construíssem uma consciência moral autónoma. De modo a atingir os nossos objetivos realizámos entrevistas à educadora e professora cooperantes e às crianças/alunos, para compreendermos as suas conceções sobre os valores e sobre a importância que atribuem à literatura infantil.

O atual Relatório está dividido em duas grandes partes que dialogam entre si. A primeira é destinada à reflexão sobre conceitos como educação, valores, literatura infantil, a relação que se pode estabelecer entre estes conceitos e quais as metodologias a adotar numa educação para valores aliada à literatura infantil. A segunda parte enfoca-se na análise reflexiva acerca das práticas pedagógicas adotadas no âmbito dos estágios na educação pré-escolar e no ensino do 1.º ciclo do ensino básico. Para além da reflexão sobre as nossas próprias práticas pedagógicas, são também apresentados os objetivos que orientam a elaboração deste trabalho, são caracterizados os contextos onde foram realizados os estágios, são identificadas as conceções/representações de vários educadores e professores sobre a educação para valores e a importância da literatura infantil e, também, são descritas as atividades implementadas nos estágios no âmbito da temática deste relatório.

No final, é elaborada uma reflexão global acerca da educação para valores através da literatura infantil, na qual se reconhece a importância de criar ambientes propícios à discussão de valores, recorrendo à utilização de textos e obras literárias, que irá promover a construção de uma consciência moral autónoma das crianças/alunos.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico; Educação; Valores; Literatura Infantil.

Abstract

The present document arises from the analyse and reflection of the pedagogical practices developed in the context of the stages inserted in the curricular stages of the Pedagogical Stage I and II. These subjects integrate the curricular plan of Master in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, of the University of the Azores.

This Report entitled *The Education for Values through Children's Literature in Pre-School Education and Basic Education* and focus on the importance of the education for values and the children's literature at these levels of education.

With this work, we intended to plan an environment conducive to an education for values, combining it with children's literature, to promote the interest in reading among the youngest. In order to achieve our goals, we found it pertinent to carry out interviews with the cooperating kindergarten teacher and 1st cycle teacher and children/students, to understand their conceptions about the values and the importance of children's literature.

The report consists of two parts that articulate and dialogue with each other. The first one is intended to reflect in concepts such as education, values, children's literature, the relationship that can be established between these concepts and which methodologies to adopt in an education for values allied to children's literature. The second one focuses on a reflective analysis of the pedagogical practices adopted within the scope of internships in pre-school education and in teaching the 1st cycle of basic education. In addition of that, there are also presented the goals that consolidate the elaboration of this work, the description of the contexts where the internships were carried out, the conceptions/representations of various educators and teachers on education for values and the importance of children's literature and as the description of the activities that were implemented in the internships within the scope of the theme of this report.

In the end, it's elaborated a global reflection of the education for values through children's literature, in which is recognized the importance of creating environments conducive to the discussion of values, using texts and literary works, which will promote the construction of an autonomous moral conscience of children/students.

Keywords: Pre-School Education; Teaching of the 1st Cycle of Basic Education; Education; Values; Children's Literature.

Índice Geral

Agradecimentos	5
Resumo	6
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas	10
Índice de Gráficos	10
Índice de Apêndices	11
Introdução	12
Capítulo I – Educação, Valores e Literatura para a Infância	14
1. Os Valores e a Educação	14
1.2. O papel do educador/professor numa Educação para Valores	19
1.3. Noção de Literatura Infantil e as suas funções	21
1.5. A estrutura dialógica da literatura infantil e a interiorização reflexiva de valores: metodologias e estratégias	24
Capítulo II – Percurso, opções metodológicas e concepções dos educadores de infância e dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico	27
2.1. Contexto de investigação	27
2.2. Objetivos	27
2.2.1. Objetivos do Relatório	28
2.2.2. Objetivos centrados nas aprendizagens das crianças/alunos	28
2.3. Metodologia	29
2.5. Representações dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a Educação para Valores e a Literatura Infantil	31
Capítulo III – Educação para Valores e Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar	39
3.1. Caracterização do Meio Envolvente	39
3.2. Caracterização da Escola	40
3.3. Caracterização da Sala de Atividades	41
3.4. Caracterização do grupo de Crianças	42
3.5. Reflexão sobre as atividades desenvolvidas no contexto do Estágio Pedagógico I	45
3.5.1. Atividade “Pasta dos Contos e dos Valores”	51

3.5.2. Atividade “Televisão da Memória”	55
3.5.3. Atividade “Ajudar o Ambiente”	58
Capítulo IV – Educação para Valores e Literatura Infantil no 1.º ciclo	61
4.1. Caracterização da Sala de Aula	61
4.2. Caracterização do Grupo de Alunos	62
4.3. Reflexão sobre as atividades desenvolvidas no contexto de Estágio Pedagógico II	67
4.3.1. Atividade “Roleta dos Problemas e dos Valores”	76
4.3.2. Atividade “Correio da Amizade”	80
4.3.3. Atividade “A importância da preservação ambiental”	84
Considerações Finais	86
Bibliografia	89
Apêndices	94

Índice de Figuras

Figura 1 – Implementação do recurso “Pasta dos Contos e dos Valores”

Figura 2 – Implementação do recurso “Televisão da Memória”

Figura 3 – Implementação da atividade “Ajudar o ambiente”

Figura 4 – Implementação da atividade “Roleta dos Problemas e dos Valores” (EaD)

Figura 5 – Implementação “Roleta dos Problemas e dos Valores” (Ensino presencial)

Figura 6 – Ilustração dos recados

Figura 7 – Apresentação dos recados

Figura 8 – Poema “Mar”, de Regina Gouveia, e perguntas de interpretação

Figura 9 – Poemas criados pelos alunos

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Síntese das atividades realizadas ao longo do Estágio Pedagógico I

Tabela 2 – Síntese das atividades realizadas ao longo do Estágio Pedagógico II

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Nível de ensino em que lecionavam os docentes

Gráfico 2 – Definição do conceito de “educação”

Gráfico 3 – Definição do conceito de “Valores”

Gráfico 4 – Importância dada à Educação para Valores

Gráfico 5 – Responsáveis pela promoção de uma Educação para Valores

Gráfico 6 – Formas de promover uma Educação para Valores

Gráfico 7 – Tipos de estratégias utilizadas na promoção de uma Educação para Valores

Gráfico 8 – Uso da Literatura Infantil nas práticas pedagógicas para promoção dos Valores

Gráfico 9 – Frequência da implementação da Literatura Infantil na prática pedagógica

Gráfico 10 – Estratégias utilizadas para promover a discussão de Valores a partir das(os) obras/contos/poemas

Índice de Apêndices

Apêndice 1 - Protocolo de Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em Estudos de Investigação

Apêndice 2 - Guião das entrevistas aos educadores/professores cooperantes

Apêndice 3 - Transcrição da entrevista realizada à educadora cooperante

Apêndice 4 - Transcrição da entrevista realizada à professora cooperante

Apêndice 5 – Sistema de categorias

Apêndice 6 - Inquérito por questionário aos educadores e professores do 1.º ciclo do Ensino Básico

Apêndice 7 - Guião da entrevista semiestruturada às crianças (4/5 anos)

Apêndice 8 - Transcrição da entrevista inicial realizada ao grupo de crianças de educação pré-escolar

Apêndice 9 - Transcrição da entrevista final realizada ao grupo de crianças de educação pré-escolar

Apêndice 10 – Transcrição da entrevista inicial realizada à turma do 3.º ano do Ensino Básico

Apêndice 11 – Transcrição da entrevista final realizada à turma do 3.º ano do Ensino Básico

Introdução

O presente Relatório de Estágio, intitulado “Educar para Valores através da Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico”, é apresentado com o propósito de obtenção do grau de mestre que habilitará para a docência na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este documento constitui-se a partir de todo o trabalho desenvolvido no âmbito das unidades curriculares de Estágios Pedagógicos I e II, integradas no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade dos Açores.

Neste sentido, pretendemos dar relevância ao nosso tema predominante, ao mesmo tempo que procedemos à análise e reflexão das nossas práticas pedagógicas, mencionando as experiências pedagógicas vividas, de forma reflexiva e crítica.

A sociedade em que viemos tem-se tornado cada vez mais exigente, pelo que se torna fulcral investir na formação das crianças enquanto cidadãs ativas e reflexivas, responsáveis e com sentido crítico, para que possam atuar na sociedade em que vivem.

A opção por este tema deveu-se aos aspetos anteriormente referidos e também à certeza de que é possível (e traz inúmeros benefícios) planificar uma Educação para Valores aliada à Literatura Infantil.

O presente documento divide-se em quatro capítulos, sendo que, no primeiro capítulo, *Educação, Valores e Literatura para a Infância*, iremos apresentar o enquadramento teórico do tema foco, essencialmente iremos clarificar conceitos como “educação”, “valor”, “literatura infantil” e iremos relacionar estes três conceitos, em simultâneo.

O segundo capítulo, *Percursos, opções metodológicas e conceções dos educadores de infância e dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico*, destina-se à explicação e clarificação das opções metodológicas que foram tomadas, nomeadamente o contexto de investigação, os objetivos (do Relatório e os que estão centrados nas aprendizagens das crianças/alunos) e a apresentação da metodologia adotada, para realizarmos uma investigação qualitativa. Os principais instrumentos de recolha de dados para este estudo foram a observação direta e um inquérito por questionário. Este inquérito por questionário foi implementado a 45 educadores de infância e professores do 1.º ciclo do ensino básico.

O terceiro e quarto capítulos, *Educar para Valores e Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar* e *Educar para Valores e Literatura Infantil no 1.º Ciclo*,

respetivamente, dedicam-se à nossa ação educativa implementada em contexto das unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II. Faremos uma apresentação dos contextos em que decorreram os estágios, nomeadamente, do meio envolvente, da escola, da sala de atividades e o grupo de crianças. Para além disto, teremos também o a análise e reflexão das atividades realizadas em contexto de estágio, particularmente a descrição, em pormenor, de três atividades para cada estágio pedagógico.

A última parte destina-se às considerações finais, onde refletimos de forma crítica sobre a nossa ação educativa e sobre o impacto no desenvolvimento das crianças/alunos, onde pudemos concluir que a Educação para Valores através da Literatura Infantil não é algo estanque, é algo que deve ser trabalhado ao longo de toda a vida.

Capítulo I – Educação, Valores e Literatura para a Infância

1. Os Valores e a Educação

Apresentar uma definição do conceito de “educação” não é fácil, devido à polissemia da palavra. No entanto, tentar-se-á definir esse conceito tendo em conta a sua raiz etimológica e a sua evolução histórica.

Tendo em conta a raiz etimológica, o conceito de “educar” provém de dois vocábulos latinos – *ducere* e *e-ducere* –, sendo que o primeiro significa “nutrir para crescer” e o segundo “conduzir para fora”. Deste modo, e segundo Fonseca (2011), *ducere* associa a educação a um processo mais simples, onde as famílias criam as gerações mais novas e iniciam-nas no saber instituído. Por sua vez, *e-ducere* remete-nos para o trilhar de um caminho que leva à mudança, isto é, para um processo de desenvolvimento.

Por outras palavras, “a educação pode ser concebida como o caminho de desocultação, ou seja, como o processo que permite ao homem o ‘desencarcerar’ das suas capacidades físicas, intelectuais e afectivas” (Fonseca, 2011, p. 14).

De modo a clarificar a definição do termo “educação”, observemos a evolução histórica desse conceito, que tem assumido diferentes significados. Na Antiguidade, nomeadamente na Grécia Antiga, surgiram duas concepções de educação, a de Protágoras e a de Sócrates. Enquanto o primeiro afirmava que “o homem é a medida de todas as coisas”, o segundo dizia “conhece-te a ti mesmo”. Foi na Grécia Antiga que se fez a primeira referência à educação como sendo um processo antropológico, sendo nele que nos vamos focar.

A perspectiva de Protágoras insere-se no “relativismo cultural”, isto é, a educação era vista como uma forma de ensinar os valores e as atitudes. Desta forma, defendia-se a endoutrinação e a transmissão direta de valores.

Sócrates incentiva a busca de sabedoria, já que, segundo ele, o homem deve afirmar-se como um ser ignorante. Nesta linha de pensamento, a educação socrática insere-se no “perfeccionismo humano”, pois incentiva a procura de conhecimento. A perspectiva de Sócrates demonstrava uma preocupação com a formação axiológica, ou seja, ele dava primazia ao desenvolvimento do indivíduo.

O vocábulo “educação” tem adquirido diversos sentidos desde a antiguidade, passando pela Idade Média, pela época Renascentista, pelas épocas Moderna e Pós-

Moderna, até à Contemporaneidade, afirmando-se como sinónimo de cultura, instrução e formação.

Após percebermos estas alterações de significado ao longo do tempo, recentremo-nos na contemporaneidade e vejamos definições de outros autores acerca da palavra “educação”.

Segundo Quintana Cabanas (2002, p. 52),

“Chamamos educação, de facto, a coisas tão variadas como: a actuação do educador relativamente ao seu educando, a qualidade de uma pessoa que foi educada, o sistema escolar de um país, o comportamento segundo as normas de urbanidade, o nível de instrução de uma população, o “capital humano” (ou a formação da força de trabalho), o desenvolvimento pessoal quando orientado, a transmissão cultural no seio de uma sociedade, etc.”

Ou seja, há uma variedade de significados que podemos atribuir ao conceito de “educação”, como já tínhamos referido. Importa referir que iremos utilizar, neste Relatório, o significado atribuído por Calleja (2008, p.109), que define educação como sendo

“a ação que desenvolvemos sobre as pessoas que formam a sociedade, com o fim de capacitá-las de maneira integral, consciente, eficiente e eficaz, que lhes permita formar um valor dos conteúdos adquiridos, significando-os em vínculo direto com o seu cotidiano, para atuar conseqüentemente a partir do processo educativo assimilado.”

Isto quer dizer que a educação é o processo de desenvolvimento das pessoas que pertencem a uma sociedade, tornando-as capazes de adquirir conhecimentos que possam utilizar no seu dia-a-dia.

A educação também pode ser vista como um processo axiológico, onde se pretende promover o desenvolvimento moral autónomo do homem, com o intuito de o formar como cidadão reflexivo e ativo na sociedade.

De acordo com Patrício (1993, p. 141), “educar é transformar em pessoa; educar-se é fazer de si uma pessoa humana, é desenvolver em si a pessoa humana que se é germinalmente. O homem não nasce pessoa feita; nasce pessoa a fazer e, em rigor, pessoa a fazer-se”. Ou seja, é com a educação que o homem se transforma em pessoa humana, que possui valores que irão guiá-lo na sua vida. Nesta linha de pensamento, é possível

observar a relação intrínseca que existe entre educação e valores, pois o autor afirma que através da educação o homem se vai transformando em pessoa humana.

Dada a relação intrínseca que existe entre educação e valores, passemos à definição de Educação para Valores. Segundo Bolarinho (2019, p.12), a educação para valores “consiste na promoção do desenvolvimento do raciocínio e de uma consciência moral autónoma dos indivíduos, com o fim de os tornar cidadãos ativos, interventivos, críticos e reflexivos”. Neste sentido, a educação tem o como propósito desenvolver uma consciência moral e autónoma, permitindo às pessoas uma escolha livre do quadro axiológico.

É nesta lógica que Fonseca (2011), afirma que a expressão “educação de valores” é uma redundância, no sentido em que a palavra “educação”, por si só, já nos remete para a “promoção e desenvolvimento da ‘pessoa’, consciente, livre, responsável” (p. 69) e para a “vivência dos valores como a liberdade, a responsabilidade, a justiça, a igualdade, a solidariedade” (p. 69), uma vez que se pretende formar cidadãos ativos e reflexivos na sociedade.

Pode-se, então, definir valores como sendo qualidades independentes do sujeito e de carácter absoluto que são desejadas e valoradas pelo indivíduo ou pelo grupo social”, isto é, “o valor será um determinante de um comportamento humano, tanto da sua conduta como das suas atitudes, ocupando a parte central da personalidade do indivíduo” (Marques, 2003, p. 16). Ou seja, concebe-se os valores como os princípios que orientam a ação humana. Assim sendo, “os valores possuem um importante papel no equilíbrio da personalidade, guiando as condutas e orientando a tomada de decisões para que não sucedam incongruências entre atitudes e acções que possam pôr em risco a saúde mental.” (Sousa, 2001, citado por Marques, 2003, p. 15).

Segundo Bolívar (2000),

“o conceito de *valor* e *valores* tem um duplo significado, dependendo do ângulo segundo o qual é tratado: filosófico-moral e psicológico-attitudinal. Num sentido moral, mais objectivo, faz referência àquilo que – por razões justificáveis – merece ser apreciado, como formas desejáveis de comportamento ou de vida. Numa perspectiva psicológica, mais individual, os valores são marcos preferenciais que orientam e integram socialmente o indivíduo no mundo, nas suas atitudes e conduta.” (p. 136).

Antes de aprofundar mais a questão dos valores, considera-se importante fazer a distinção entre valores, atitudes e normas, uma vez que estes três termos podem ser confundidos. Assim sendo, os valores são uma espécie de guia e orientam as ações humanas, sustentando-as. Já a atitude, de acordo com Morissette (1989), citado por Beraza (2000, pp. 24 - 25), “é a predisposição interior da pessoa, que se manifesta através de reacções emotivas moderadas que são adoptadas cada vez que uma pessoa está na presença de um objecto. Estas reacções levam-na a aproximar-se ou a afastar-se deste objecto”. Finalmente, as normas são as regras de conduta que sustentam um sistema de valores.

Considerando as várias perspectivas apresentadas, é possível afirmar que os valores guiam a vida das pessoas, no sentido em que são eles que orientam a conduta humana e suportam as ações dos indivíduos.

Importa referir que os valores possuem bipolaridade e hierarquia. A bipolaridade significa que há dois extremos, o positivo e o negativo, e que o valor está situado entre esses polos. Assim, pode-se declarar que existem os valores e os contravalores, ou seja, valores positivos e valores negativos.

Quanto à hierarquia de valores, esta “resulta de que alguns valores não podem alcançar-se sem a mediação dos outros que são condição dos primeiros. Assim, cada valor inferior representa a base em que assentam e florescem os valores superiores.” (Marques, 2003, p.17).

Louis Lavelle criou, no *Tratado dos Valores*, três patamares: “os valores que pertencem ao mundo (económicos e afectivos), os valores que permitem contemplar o mundo (intelectuais e estéticos), os valores que transcendem o mundo (morais e religiosos)” (citado por Marques, 2003, p.17).

No geral, quando se fala em “educar para valores” não se está a referir à inculcação dos mesmos, uma vez que “a educação moral deve evitar as metodologias moralistas e adoptar exclusivamente as que assentam na tomada de consciência de valores” (Patrício, 1993, p.149).

Os valores estão intrinsecamente ligados à educação, uma vez que, e como já foi referido, a educação nos remete para a vivência de valores como a liberdade, a responsabilidade, a justiça, a igualdade e a solidariedade. Estes são valores indissociáveis da educação, dado que contribuem para a formação social e pessoal do ser humano.

Segundo Bolarinho (2019, p.11), “podemos com legitimidade afirmar que é impossível existir um processo educativo com a ausência dos valores, porque toda a

educação se consubstancia em valores e visa a transmissão destes com o intuito de facilitar o desenvolvimento das crianças/alunos enquanto indivíduos também eles comunitários”.

É possível corroborar esta perspetiva tendo em conta que todo o sistema educativo se organiza e se sustenta tendo por base os valores. Por exemplo, a *Lei de Bases do Sistema Educativo Português* (Lei n.º 46/86) promove uma educação para valores, pois defende “o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico o meio social em que se integram” (art. 2.º).

Além desta orientação, também existe um documento orientador para a Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras (Direção-Geral da Educação, 2013) e que “visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo” (p.1).

Considera-se importante fazer a distinção entre Educação *de* Valores e Educação *para* Valores. De acordo com Fonseca (2011, p.91), a educação de valores é o “processo que está associado à endoutrinação dos valores, à transmissão da tabela de valores axiológica já existente, numa perspetiva fixista”. Este tipo de educação “não se preocupa em formar o homem como um sujeito moral autónomo, que compreende os valores como princípios éticos que suportam os procedimentos e as atitudes humanas”. Enquanto esta perspetiva apenas se foca em incutir os valores, na educação para valores é o oposto, pois implica outros sentidos.

Nesta linha de pensamento e, segundo a autora acima referida, a educação para valores “promove na pessoa o desenvolvimento de capacidade que lhe permita exercer a sua humanidade – agir autónoma, justa e responsabilmente com e pelos outros – em situações e circunstâncias novas” (p. 94). Através da educação para valores, a pessoa compreende as suas ações passadas e prepara-se para agir no futuro.

1.2. O papel do educador/professor numa Educação para Valores

Normalmente, associa-se à profissão de professor a ideia de que este ensina algo, de que, em contexto escolar, é ele quem leciona uma disciplina. No entanto, esta profissão não se restringe apenas a isto, uma vez que, acima de tudo, é ele que contribui para a educação dos alunos. Santos (2007) defende esta última, pois, segundo ele, “a profissão docente, assim entendida, não se esgota no tempo lectivo. Ela transcende as paredes da sala de aula ou mesmo os muros da escola” (p.107). Isto é, os professores devem guiar-se por objetivos que ultrapassem o contexto de sala de aula, de modo a contribuir para a formação dos alunos, tanto a nível escolar, como a nível pessoal, enquanto cidadãos ativos.

O docente deve respeitar as concepções morais de todos os alunos, de maneira a proporcionar igualdade a todos, independentemente da raça, da cultura, da religião, etc.. Então, o docente deve ser neutro e imparcial com os alunos e com toda a comunidade.

O educador/professor deve promover situações que façam os alunos refletirem sobre as suas ações e, conseqüentemente, ganharem uma consciência de valores. Não é porque o professor instrui o aluno a acreditar numa determinada hierarquia de valores que ele a irá aceitar. Para isso, o professor deve desenvolver um ambiente educativo que permita à criança a vivência desses valores, que favoreça progressivamente a tomada de posse da sua autonomia, a assunção da sua responsabilidade. Esta afirmação é corroborada por Fonseca (2011), quando declara que “aos professores está reservada a tarefa de criarem espaços e tempos pedagógicos que possibilitem aos alunos a construção de aprendizagens significativas” (p. 179).

Carreras (1994), citado por Santos (2007), afirma que

“a educação moral tem como principal objectivo contribuir para a construção da personalidade do indivíduo, permitindo-lhe estabelecer, de forma autónoma, uma hierarquia entre o que importa ou o que é contingente, entre o que é justo e o que é arbitrário, entre o que é um valor e o que é um sentimento, crença, interesse ou atitude” (p. 32).

Desta forma, o indivíduo aprende a viver em sociedade, conseguindo distinguir o bem do mal, o correto do incorreto.

De acordo com Goergen (2005), citado por Andrade (2015),

“o educador deve subsidiar, mediante as relevâncias que imprime aos conteúdos que ministra e suas atitudes didáticas, o processo de desenvolvimento da liberdade, da emancipação e da responsabilização dos educandos. Neste processo, suas aulas não podem resultar em doutrinação, senão que num processo discursivo-argumentativo que vise sempre motivar o educando para que assuma gradativamente sua autonomia pessoal e responsabilidade social.” (p. 17).

O professor não deve inculcar valores nos alunos, mas sim promover situações que os levem a refletir sobre as suas ações, para que eles próprios ganhem consciência das mesmas e aprendam a geri-las da melhor forma.

Um outro papel do professor é o de promover a inclusão escolar, pois cada aluno “merece a atenção pedagógica cuidada do professor para que se desenvolva de acordo com as suas potencialidades. O aluno, com a sua dignidade de pessoa, é um fim, máxima que, segundo Kant, é o próprio fundamento da ética” (Cunha, 1996, p.81).

Tendo em conta tudo o que já foi mencionado, é possível concluir que, quer seja de forma consciente quer inconsciente, os valores estão sempre presentes, já que “a forma como comunicamos com os nossos alunos, a capacidade que demonstramos para os ouvir e compreender, a maneira como os sabemos valorizar têm, sem sombra de dúvida, grande influência na sua auto-estima” (Pires, 2007, citado por Lima, 2016, p.16).

1.3. Noção de Literatura Infantil e as suas funções

Antes de falarmos em literatura infantil, vamos esclarecer o conceito de literatura. Então, segundo afirma Aguiar e Silva (1982), a literatura é “uma arte, uma específica categoria da criação artística e um conjunto de textos resultantes dessa actividade criadora” (p.10). Ou seja, a literatura é a arte da palavra e é o que cada sociedade considera como tal. Cada sociedade cria um conjunto de critérios para proceder a essa valorização artística, critérios esses que mudam ao longo dos tempos.

Cerrillo (2010, p.11) afirma que “a Literatura é um produto da criação do homem que, como a língua, é o seu meio de expressão, é o resultado da aplicação de convenções, normas e critérios de carácter expressivo e comunicativo”. Isto quer dizer que a literatura é um meio de comunicação e de expressão artística que é orientado por normas próprias.

O conceito de Literatura Infantil é ainda, por vezes, alvo de polémica porque, como nos explica Roig Rechou (2013), as crianças deixaram de ser consideradas como um adulto em miniatura e passaram a ser vistas como um “quase” adulto com as suas próprias necessidades. Deste modo, criou-se a ideia errada de que tudo o que era feito para as crianças era única e exclusivamente para o uso escolar, ou seja, era uma não-literatura.

Ainda de acordo com Roig Rechou (2013), os autores que defendem a existência do conceito de Literatura Infantil fazem-no porque, do mesmo modo que a psicologia infantil é diferente da psicologia adulta, também é necessário aceitar que há essa diferença na literatura, entre crianças e adultos. Assim sendo, aqueles que defendem o conceito de Literatura Infantil e/ou Juvenil acreditam que é “um conjunto de obras estéticas destinadas a um recetor infantil e/ou adolescente” (Roig Rechou, 2013, p. 23).

Antes de haver propriamente literatura infantil, “como a criança era vista como um adulto em miniatura, os primeiros textos infantis resultaram de adaptações ou da minimização de textos escritos para os adultos” (Paço, 2009, p.13).

Cervera (1991), citado por Rosado (2011), classifica a literatura infantil em três categorias distintas: a literatura adquirida - literatura ganha - que inclui todas as obras que inicialmente foram escritas para adultos, mas que acabaram por ser adotadas pelas crianças; a literatura criada para crianças - literatura creada para los niños - que são as obras que foram escritas com o propósito de serem lidas por crianças; e a literatura instrumentalizada que inclui todas as obras em que a função didática prevalece sobre a função literária. Todavia, importa não esquecer que “os textos literários não podem omitir

a sua natureza estética e a sua capacidade de fomentar a aquisição e o efectivo desenvolvimento de uma competência literária, independentemente da temática abordada” (Silva, 2010, p.24).

Como defende Velosa (2014), é necessário ter em conta que

“o adulto-mediador não deve ignorar (e tampouco menosprezar) os gostos e os interesses de leitura das crianças, sob pena de estar a comprometer o seu futuro de leitores apaixonados e envolvidos com os livros e o universo da leitura, mas não pode demitir-se da sua missão educativa que, neste contexto, passa por dar a ler às crianças livros de qualidade estética e literária - mas também livros informativos de qualidade, que cumprem necessariamente outros desígnios, igualmente meritórios.” (p. 39).

De acordo com esta linha de pensamento, cabe ao educador/professor apresentar livros com qualidade estética e literária às crianças, tendo sempre em atenção aos gostos e aos interesses das mesmas.

Segundo Lourenço (2011, p.23), um aspeto interessante relativamente à Literatura Infantil é “a agradável articulação entre dois modos de representação e de significação que se conjugam complementam e interpenetram: o texto verbal e o texto icónico ou gráfico-plástico”. Esta junção do texto verbal e do texto icónico é muito importante, principalmente quando falamos de crianças de tenra idade e que ainda não adquiriram o método da leitura. É através do texto gráfico que a criança é cativada e tem a possibilidade de tornar “real” os acontecimentos fictícios, dando largas à sua imaginação.

De acordo com Silveiro (2012, p.27), o livro destinado às crianças “é visto como um média constituído, normalmente, por imagens e texto, tendo como objetivo permitir a entrada da criança na cultura. Torna-se assim, numa ferramenta de formação e adaptação que representa um meio de acesso à cultura”.

Para além disso, “a leitura infantil oferece à criança a possibilidade de voar por terras e mundos insondáveis, de construir e explorar mundos imaginários e simbólicos, que se revelam fundamentais na consolidação da sua personalidade” (Couto, 2003, citado por Velosa, 2014, p.38). Isto é, a leitura permite que a criança desenvolva as suas capacidades de imaginação e de criatividade, o que será benéfico na construção da sua identidade.

Lourenço (2011, p.29) corrobora este pensamento, já que afirma que “o livro também pode ser analisado como forma de permitir um envolvimento, estimular o leitor através da originalidade, proporcionando viagens fantásticas”.

Além do mais, “a leitura pode ser trabalhada de forma a promover uma tomada de consciência sobre a natureza construída das representações de gênero e a possibilidade da sua reconstrução” (Silveiro, 2012, p.30). Ou seja, através da literatura infantil, neste caso, é possível explorar as questões relacionadas com os valores e apresentar diferentes pontos de vista, criando, assim, uma discussão e reflexão sobre os mesmos.

Na sua linha de pensamento, Cervera (1992) afirma que é possível comparar a literatura infantil com um jogo, pois ambos são criações humanas, que envolvem a ficção. Para além disso, a forma como a criança aborda a literatura infantil é lúdica, pois, inicialmente, a criança gosta de inventar nomes, diverte-se com as rimas, com os trava-línguas, entre outros. À medida que ela se desenvolve, a sua compreensão leitora aumenta e estes jogos verbais ficam menos evidentes. Nesta altura, em que a compreensão leitora aumenta, é quando aparecem os jogos de representação, a criança identifica-se com as personagens presentes nos livros, através de um jogo subtil que, posteriormente, se pode manifestar nos sonhos.

1.5. A estrutura dialógica da literatura infantil e a interiorização reflexiva de valores: metodologias e estratégias

Como já foi referido, os valores são transversais a todas as áreas, isto quer dizer que é possível trabalhá-los nas diversas áreas do currículo. Tendo em conta o que já foi abordado, explicar-se-á de que forma é que os valores se podem relacionar com a literatura infantil e vice-versa.

Importa ressaltar que a literatura infantil não impõe nada, ou seja, ao falar da sua relação com os valores, não se está a defender o endoutrinamento de valores. A literatura infantil tem uma função dialógica, isto é, dialoga com o leitor, dilata as dimensões do pensamento, desenvolve o espírito crítico e ajuda a firmar valores.

Sendo a literatura um meio de representação da condição humana, os seus textos permitem à criança explorar diversas experiências de vida e diferentes perspetivas que lhe permitem refletir sobre questões morais. Assim sendo, conciliar a literatura infantil com a educação para valores apresenta-se como um caminho a explorar com grandes vantagens para o desenvolvimento das crianças. Como afirma Silveiro (2012, p.28), “o livro continua a ser um dos meios mais apropriados para a promoção da educação em valores, quer sejam, valores afetivos, estéticos, éticos e sociais, mas todos essenciais para conviver em respeito”.

Segundo Rosado, (2011, p. 32), “não se podem dissociar, ao falar de literatura para a infância, as ideias de cultura e sociedade, uma vez que esta é uma manifestação de arte que permanece ao longo dos tempos, garantindo a preservação e a divulgação de valores culturais que representam uma determinada sociedade”.

Os livros com que as crianças têm contacto e que, geralmente, têm presentes questões de valores culturais e sociais, podem levá-las a refletir, ainda que numa fase inicial, sobre as suas ações para consigo próprias e para com os outros.

De acordo com Silva (2010, p.25), “os textos literários partilham sempre com os seus leitores valores de natureza social, cultural, histórica ou ideológica, uma vez que surgem integrados num processo comunicativo e são uma realização cultural”.

Para além disso, é possível estimular as crianças para a socialização com outras crianças/colegas, uma vez que “através dos valores educativos que os livros representam, as crianças poderão estabelecer contacto com outras culturas, povos e raças, contrapondo-se às suas formas de vida” (Silveiro, 2012, p.28).

Os livros são uma excelente forma de desconstruir ideias e preconceitos, já que são apresentadas realidades diferentes daquelas a que as crianças estão habituadas. Isto faz com que se crie uma abertura para aceitar e respeitar as diferenças entre as culturas e para que haja, de facto, respeito pelos outros.

A escola tem um papel fundamental na formação e educação dos alunos, logo cabe à instituição promover atividades que integrem as várias áreas do currículo. Para isso, é importante planificar tendo em conta uma Educação para Valores, já que os valores são um dos grandes pilares que orientam a vida humana.

Como já se verificou, existe de facto uma ligação que se pode estabelecer entre a Educação para Valores e a Literatura Infantil, pois a mesma proporciona inúmeros benefícios para as crianças.

Assim, neste capítulo, tentar-se-á apresentar diversas metodologias e estratégias que permitam trabalhar e promover, em contexto escolar, uma Educação para Valores aliada à Literatura Infantil.

Algumas das metodologias para desenvolver uma Educação para Valores são as abordagens informativo-instrutivas e as abordagens de exploração reconstrutiva. Como afirma Bolarinho (2019, p.13), tendo em conta o pensamento de Menezes e Campos (1998), as primeiras “fundamentam-se numa abordagem retórica e didática, visto que dão ênfase na transmissão de conteúdos ou em formas supostamente adequadas para conhecer e exercer os valores.” Em oposição, as segundas “ênfatizam a promoção do desenvolvimento de processos que estão implicados na (ativa dos significados pessoais e sociais dos valores”.

Por tudo aquilo que já foi abordado previamente e tendo em consideração o tema do presente Relatório de Estágio, haverá um principal foco nas abordagens de exploração reconstrutiva, dado que as mesmas permitem desenvolver, efetivamente, a consciência moral da pessoa humana.

Como afirma Fonseca (2011, p. 98), a educação para valores “deve utilizar estratégias que, para além de facultarem o conhecimento de valores, favoreçam a análise e a discussão das questões/problemas contemporâneos à luz dos princípios éticos universais, como sejam a autonomia, a justiça e a responsabilidade”. Então, uma das formas possíveis para promover uma educação para valores é a discussão de problemas, quer sejam dilemas criados com esse propósito, quer sejam situações específicas que ocorram no quotidiano com as crianças.

É possível explorar um livro e fazer essa discussão acerca de algo que se passou no enredo do mesmo. Silveiro (2012) valida esta ideia, uma vez que ele defende que “o livro pode conduzir ao alargamento do conhecimento do mundo e da vida, querendo com isto dizer que a Literatura para a Infância pode servir como ferramenta de construção pessoal e social da pessoa, na medida em que educação e educação para os valores são inseparáveis.” (p. 28).

Capítulo II – Percurso, opções metodológicas e concepções dos educadores de infância e dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.1. Contexto de investigação

Relativamente à duração dos estágios pedagógicos, o primeiro (Estágio Pedagógico I) decorreu de outubro de 2020 a fevereiro de 2021, no contexto da Educação Pré-Escolar. Posteriormente, o segundo (Estágio Pedagógico II) decorreu de março a junho de 2021, no âmbito do 1.º ciclo do Ensino Básico.

Nos dois estágios, tivemos momentos de observação, nomeadamente, do grupo de crianças/turma, das suas rotinas, da sala de atividades/aula, bem como das estratégias de ensino adotadas pela educadora de infância e pela professora cooperantes. Após esta fase inicial de observação, começámos a intervir, alternadamente, uma vez que o grupo pedagógico era composto por dois elementos. No total, foram implementadas doze intervenções, sendo cinco no âmbito da Educação Pré-Escolar e as outras sete no 1.º ciclo do Ensino Básico.

É de salientar que, devido ao Ensino à Distância, ao longo dos estágios, houve alterações na distribuição dos dias de intervenção e também nos conteúdos lecionados.

2.2. Objetivos

Neste capítulo, iremos elencar o conjunto de objetivos que nos propusemos alcançar no decorrer das práticas pedagógicas de Estágio Pedagógico I e II. Demos importância a documentos curriculares regionais e nacionais, como, por exemplo, as OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), tendo como foco a Área de Formação Pessoal e Social, o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e os programas do 1.º ciclo, nomeadamente da disciplina de Cidadania e da disciplina de Português, entre outros documentos. Para além disso, com estes objetivos, também pretendemos ir ao encontro das características dos contextos educativos presentes nos estágios pedagógicos.

O grande foco deste trabalho compreendeu a criação e planificação de uma educação para valores aliada à literatura infantil, que proporcionasse às crianças/alunos a experiência e a vivência de diferentes valores e que, simultaneamente, despertasse o gosto e o interesse pela leitura.

2.2.1. Objetivos do Relatório

- Observar os contextos dos Estágios Pedagógicos I e II, com o fim de compreender as necessidades das crianças/alunos e organizar um processo de ensino-aprendizagem contextualizado e significativo;
- Planificar uma Educação para Valores através da Literatura Infantil nos contextos dos Estágios Pedagógicos I e II;
- Contribuir para a formação dos alunos enquanto cidadão ativos, responsáveis e autónomos;
- Compreender as conceções dos alunos e dos educadores/professores relativamente à Educação para Valores;
- Compreender a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento dos valores morais das crianças;
- Promover a leitura nas crianças da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- Compreender de que forma os educadores/professores implementam a Literatura Infantil nas suas práticas pedagógicas;
- Promover a consciência crítica nas crianças, através da Literatura Infantil;
- Implementar atividades que interliguem a Educação para Valores com a Literatura Infantil;
- Refletir acerca das práticas educativas desenvolvidas ao longo dos Estágios Pedagógicos I e II.

2.2.2. Objetivos centrados nas aprendizagens das crianças/alunos

- Saber o que são valores como: autonomia, responsabilidade, justiça, solidariedade, honestidade e amizade;
- Manifestar atitudes de respeito pelo outro;
- Saber ser solidário com os colegas e restante comunidade educativa;
- Desenvolver o raciocínio moral autónomo;
- Compreender o enredo de um conto;
- Expressar a sua opinião acerca do conto;
- Recontar o enredo do livro;
- Refletir acerca das suas próprias ações.

2.3. Metodologia

Atendendo à natureza e aos objetivos da nossa investigação, colocámos em prática um estudo de carácter qualitativo, uma vez que este paradigma metodológico tem como “objectivo é compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações em vez de através de números” (Bento, 2012, p.1).

Na investigação qualitativa, os investigadores “estudam a realidade no seu contexto natural, conforme acontece, tentando dar sentido ou interpretar os fenómenos de acordo com os significados que eles têm para as pessoas envolvidas” (Gómez, Flores & Jiménez, 1999, p. 32), ou seja, este tipo de investigação pretendeu interpretar as representações de conceitos como educação, valores e literatura infantil das pessoas envolvidas.

Esta investigação é descritivo/interpretativa, pois “esta área de investigação permite estudar, compreender e explicar a situação actual do objecto de investigação” (Carmo & Ferreira, 2008, p.231) e apresenta laivos de uma investigação-ação, já que se trata “de uma metodologia de pesquisa, essencialmente prática e aplicada, que se rege pela necessidade de resolver problemas reais” (Coutinho, 2009, p.362).

Deste modo, os principais instrumentos de recolha e de sistematização de informação que utilizámos foram: a observação direta-participante, as entrevistas às crianças/alunos e às docentes cooperantes e os inquéritos por questionários a outros educadores de infância e professores do 1.º ciclo.

A observação direta é muito importante na investigação qualitativa, uma vez que “as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (Bogdan e Biklen, 1994, p.48), isto é, através da observação direta é possível captar emoções, gestos, etc., que nos permitem uma melhor interpretação da realidade pelo olhar dos sujeitos envolvidos.

Na observação participante “é o próprio investigador o instrumento principal da observação, num contacto directo, frequente e prolongado com os actores sociais e os seus contextos (Neves, 2009, p.28), ou seja, neste estudo, a observação participante foi uma mais-valia, pois permitiu-nos registar informações mais fidedignas, uma vez que o registo foi sendo feito na hora em que a situação ocorreu. Deste modo, efetuámos a observação direta através de registos fotográficos que serão apresentados numa fase posterior.

A entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 134). As mesmas foram semiestruturadas e aplicadas às docentes cooperantes (ver o quadro do sistema de categorias – apêndice 5), com o intuito de compreender de que forma é que elas trabalham a educação para valores na sala de aula, como promovem a literatura infantil e de que maneira apresentam os livros às crianças.

Para além das entrevistas às cooperantes, também realizámos entrevistas ao grupo de crianças/alunos dos contextos de Estágio Pedagógico I e II, de forma a compreender a importância que as crianças/alunos dão à literatura infantil, quais as conclusões que dela tiram, como relacionam a literatura infantil com os valores e para avaliarmos o impacto da nossa prática educativa junto das crianças. Para isso, aplicámos duas entrevistas a cada turma, uma no início do estágio e outra no fim. As entrevistas eram de carácter semiestruturado, isto é, havia um guião que orientava a conversa e os pontos a ter em conta (ver apêndice 2). Tanto para as entrevistas às cooperantes, como para as entrevistas às crianças foi aplicado um Protocolo de Consentimento Informado (apêndice 1).

Com a realização das entrevistas às crianças, houve a partilha de ideias e de opiniões, as crianças/alunos gostaram bastante e isso permitiu-nos observar a simplicidade com que elas explicam certos conceitos. Esta é a definição do conceito de injustiça para um aluno do 3.º ano: “A10 – Por exemplo, os dois querem a bolacha. Eles partem a bolacha ao meio e há uma parte que fica maior do que a outra. Um fica com a parte maior e outro com a parte pequena. Isso é uma injustiça” (ver apêndice 10).

O questionário é “um instrumento fundamental no processo de produção do conhecimento, o inquérito por questionário é especialmente usado na investigação devido ao seu carácter estruturado e à automatização do tratamento estatístico dos dados” (Santos & Henriques, 2021, p.7). O guião encontrava-se organizado, na sua maioria, por respostas fechadas (ver apêndice 6). Importa também referir que o questionário foi implementado via *Google Forms*.

Ao longo deste percurso investigativo, assegurámos todos os cuidados éticos que são inerentes à investigação, particularmente, o anonimato, tanto das pessoas envolvidas como dos contextos em questão, a confidencialidade e a realização de um consentimento informado.

Os dados recolhidos foram organizados e analisados a partir de quadros de categorias, como iremos mostrar mais à frente.

2.5. Representações dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a Educação para Valores e a Literatura Infantil

Como já foi referido anteriormente, utilizámos dois tipos de instrumentos de recolha de dados para realizar a recolha de dados aos educadores de infância e aos professores do 1.º ciclo do Ensino Básico. O primeiro foi uma entrevista realizada apenas à educadora e à professora cooperantes. O segundo foi um inquérito por questionário realizado a 45 educadores de infância e professores do 1.º ciclo do Ensino Básico.

Os dados apresentados nos gráficos reportam-se aos questionários realizados aos 45 educadores de infância e professores do 1.º ciclo, de diferentes zonas da ilha de São Miguel.

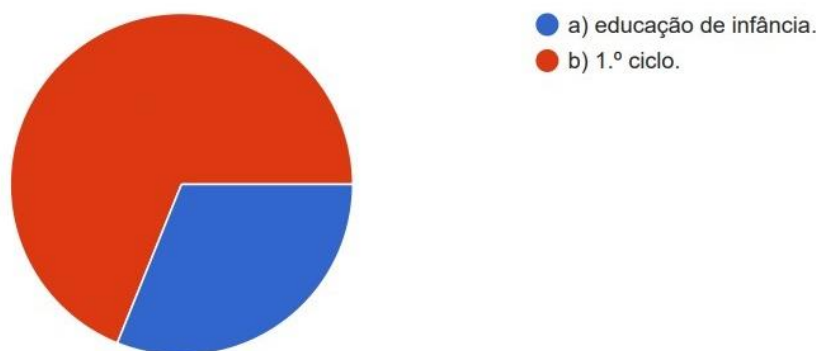


Gráfico 1 – Nível de ensino em que lecionavam os docentes

Como podemos observar pelo gráfico acima apresentado, a maior parte dos inquiridos (31 pessoas) são professores do 1.º ciclo, sendo a restante parte (14 pessoas) é composta pelos educadores de infância.

Ainda sobre os inquiridos, grande parte dos docentes pertencem ao sexo feminino (39 pessoas), tem entre 36 e 45 anos de idade e têm todos bastante tempo de serviço (entre os 12 e os 20 anos).

Após esta apresentação sobre os dados relativos à nossa amostra, passemos à análise dos dados relativos às suas conceções sobre a Literatura Infantil e sobre os Valores.

Numa fase inicial, questionámos os docentes acerca da definição que eles consideravam ser a mais correta para o conceito de “educação”. Grande parte das respostas (39 pessoas), considera a educação como sendo o “processo de

desenvolvimento de conhecimento, de valores e de atitudes”. Uma pequena parte associa o conceito de “educação” ao “ensino de conhecimentos, regras, atitudes e valores”, tal como podemos verificar no gráfico abaixo. Nenhum dos inquiridos optou por dar uma definição pessoal do conceito.

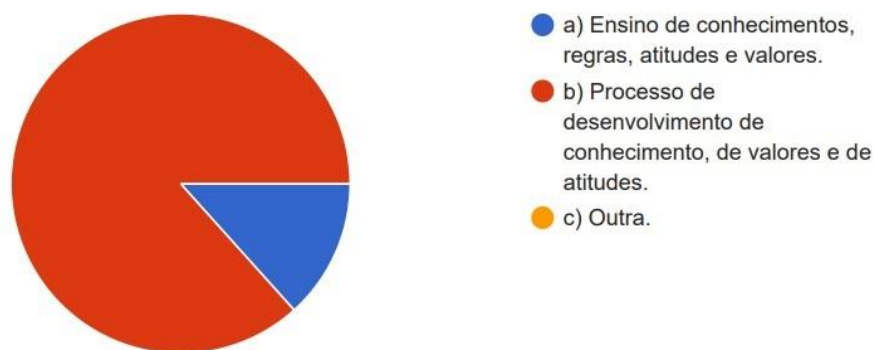


Gráfico 2 – Definição do conceito de “educação”

Relativamente ao conceito de “valores”, 19 inquiridos acreditam que os valores são “características ideais que permitem aos sujeitos interpretar a realidade”; 11 docentes creem que os valores são “um conjunto de atitudes”, 13 pessoas acreditam que os valores são “um conjunto de normas e regras sociais” (ver gráfico abaixo) e apenas dois inquiridos quiseram responder por palavras próprias, sendo que as respostas foram: “conjunto de princípios pelos quais se guia o indivíduo” e “regras estabelecidas, por um determinado conjunto de pessoas (pois os valores são diferentes de acordo por exemplo com a cultura) para uma convivência saudável dentro de uma determinada sociedade ou grupo que as estabeleceu”. Nestas duas últimas respostas, é possível observar que os inquiridos confundem o conceito de valores com normas e regras. Conceitos esses que já vimos anteriormente que são diferentes.

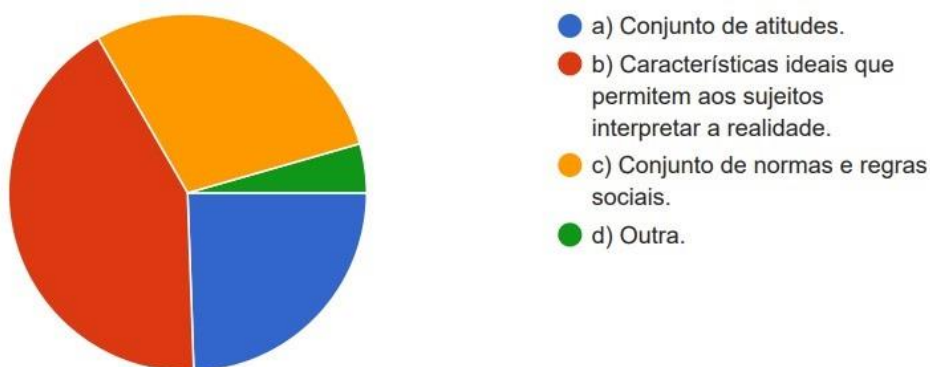


Gráfico 3 – Definição do conceito de “Valores”

Quando questionados acerca da importância atribuída à Educação para Valores, 25 pessoas consideraram ser “extremamente importante”; 18 inquiridos consideraram ser “muito importante” e apenas uma pessoa considerou ser “importante” (ver gráfico abaixo).

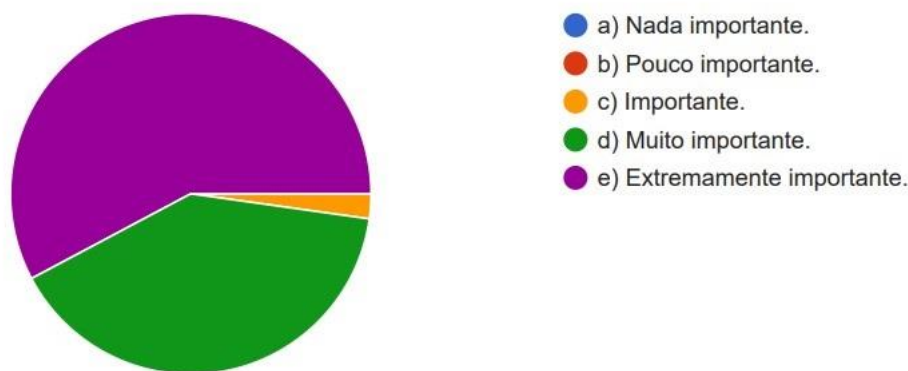


Gráfico 4 – Importância dada à Educação para Valores

Quando lhes foi pedido que justificassem as suas respostas relativamente à importância da Educação para Valores, algumas respostas foram: “Permite a formação integral do indivíduo”, “O indivíduo deve alinhar os seus valores para ser e estar em plenitude”, “A Educação para os Valores vai permitir o desenvolvimento, a reflexão de atitudes do sujeito/criança para uma vida de maior integração na sociedade/em grupos, em relacionamentos de amizade, de maior satisfação, respeito, amor e alegria”, “Porque promove o crescimento pessoal, ajuda na definição de objetivos na nossa vida e torna-nos bons cidadãos” e “É o que faz de nós pessoas”. A partir destas respostas, podemos concluir que, de facto, os inquiridos veem os a Educação para Valores como algo importante e que vai implicar diretamente na sociedade, uma vez que uma das frases proferidas foi “torna-nos bons cidadãos”, ou seja, cidadãos reflexivos e ativos na vida em sociedade.

No que diz respeito aos responsáveis pela promoção de uma Educação para Valores, uma grande parte indicou “todos os membros da sociedade”, mais de um quarto indicou “os educadores/professores em articulação com os pais” e uma pequena parte indicou que esta era uma responsabilidade apenas dos pais (ver gráfico abaixo).

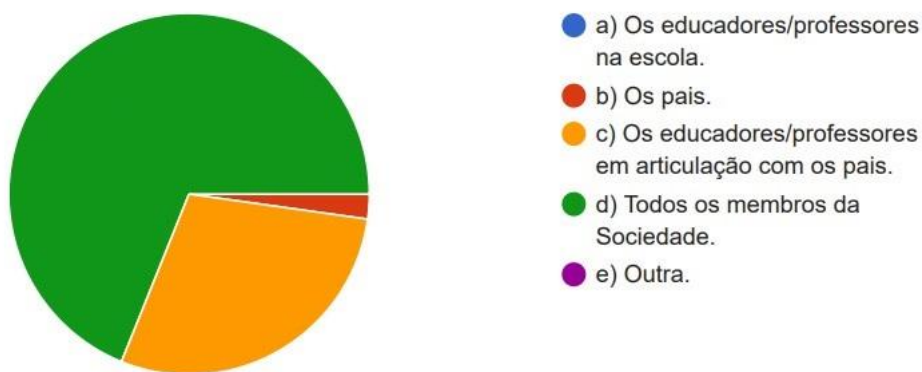


Gráfico 5 – Responsáveis pela promoção de uma Educação para Valores

Relativamente às estratégias a adotar para promover uma Educação para Valores, uma grande parte das respostas (31 pessoas) foi que deveria ser “Através do desenvolvimento de situações que favoreçam o desenvolvimento do raciocínio moral”, cerca de um quarto (13 inquiridos) julga que deve ser “pelo exemplo dos adultos” (ver gráfico abaixo) e três pessoas deram as suas próprias respostas: “A resposta A e a D são ambas válidas” (pelo exemplo dos adultos e através do desenvolvimento de situações que favoreçam o desenvolvimento do raciocínio moral); “Pelo exemplo dos adultos e pelo desenvolvimento de situações, resolução de problemas, em situação de pequenas dramatizações que façam a criança interagir, vivenciando os valores e a forma de atuar de acordo com os mesmos” e “Através daquilo que é transmitido à criança, seja por situações criadas intencionalmente, seja pelo exemplo dado pelo adulto, ou pelo que a rodeia”.

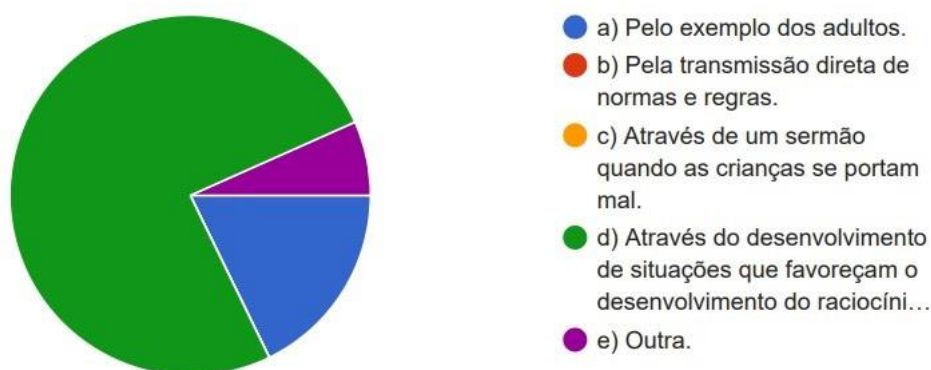


Gráfico 6 – Formas de promover uma Educação para Valores

Todos os docentes afirmaram que promovem uma Educação para Valores nas suas práticas pedagógicas e de forma integrada com as outras áreas. Quanto ao tipo de

estratégias adotadas, quase todos disseram adotar a “Exploração reconstrutiva (utilização de metodologias ativas que levam os alunos a experienciar Valores e a refletir sobre eles)”, apenas uma pequena parte respondeu adotar estratégias “informativo-instrutivas (transmissão direta dos Valores como conteúdos)” (ver gráfico abaixo).

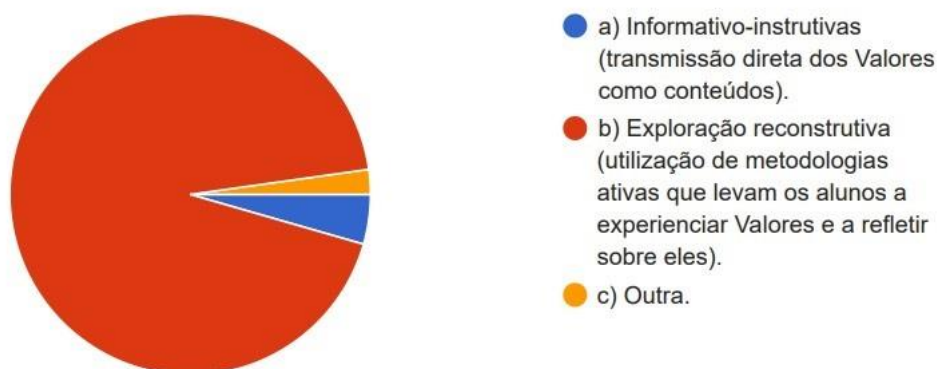


Gráfico 7 – Tipos de estratégias utilizadas na promoção de uma Educação para Valores

Os exemplos de estratégias dados pelos docentes são: “No conto de uma história em que aparecem situações. Coloco a situação para a reflexão e avaliação das próprias crianças”, “Diálogo sobre situação vividas, exploração de relatos partilhados e vivenciados pelos alunos, exploração de vídeos e histórias”, “Práticas sobre: resolução de conflitos, inclusão social, respeito pela natureza e pelos animais, poupar/consumo, saúde...”, “Conselho de Turma; Dilemas; Dinâmicas de grupo”, “Diálogos em grupo e individual sobre comportamentos menos adequados como bater nos colegas, tirar objetos/brinquedos da mão, estar constantemente a interromper quem está a falar levando-os a refletirem e a respeitarem mais os outros. A construção do quadro do Campeão do Comportamento foi muito positiva para a reflexão diária, o respeito ao outro e para a mudança de comportamentos e atitudes” e “valorizar os conhecimentos que as crianças já trazem consigo para a escola e as conquistas alcançadas no dia a dia. Criar estratégias para dar outro significado à noção de ‘erro’, de forma que seja percebido como necessário e orientador para o processo de desenvolvimento. Reconhecer e celebrar as boas atitudes e conquistas das crianças”.

De acordo com os exemplos acima referidos, os inquiridos utilizam, na sua maioria, estratégias de exploração reconstrutiva, onde são utilizadas metodologias ativas que levam os alunos a experienciar Valores e a refletir sobre eles.

Relativamente às áreas com as quais promovem uma Educação para Valores, as respostas mais frequentes são: Cidadania, Português, Estudo do Meio e Expressões –

referente ao 1.º ciclo – e área de Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação e Conhecimento do mundo – referente à educação pré-escolar. As áreas pouco ou quase nada referidas foram a Matemática e a Educação Física. Duas das respostas foram “todas as áreas” e “em todas as áreas do desenvolvimento pois a educação para os Valores é transversal a todas”.

Praticamente todos os educadores/docentes responderam que utilizam a Literatura Infantil nas suas práticas educativas para os Valores (ver o gráfico abaixo).

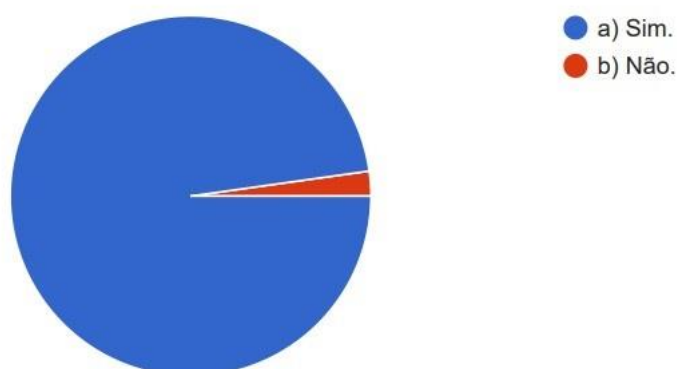


Gráfico 8 – Uso da Literatura Infantil nas práticas pedagógicas para promoção dos Valores

No que diz respeito à frequência da implementação da Literatura Infantil na prática pedagógica, uma grande parte (35 inquiridos) respondeu “frequentemente”, menos de um quarto (8 pessoas) respondeu “sempre” e uma pequena parte (2 docentes) respondeu “raramente” (ver gráfico abaixo).

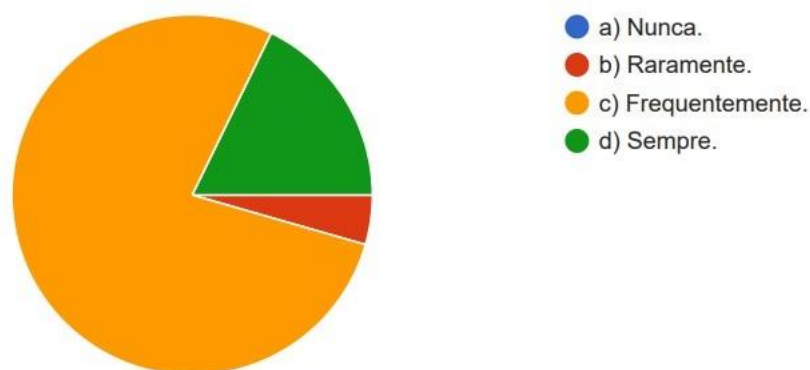


Gráfico 9 – Frequência da implementação da Literatura Infantil na prática pedagógica

Todos os participantes acreditam que a Literatura Infantil pode facilitar a discussão de Valores e quase todos utilizam obras/contos/poemas para trabalhar a Educação para Valores. Alguns dos exemplos de Literatura Infantil utilizada foram: “Há uma coleção que se chama ‘educação para os valores’ onde cada livro trata de uma situação específica”, “Todos os recomendado pelo plano nacional de leitura e outros que pontualmente são sugeridos”, “*Monstro das Cores*, coleção do lobo, entre outros”, “Exploração de histórias tais como: *É para isso que servem os Amigos*, *Saudades do teu Abraço*, *Um Abraço*, *O Monstro das Cores*, *O Nabo Gigante*, *Um Nadinha Apertados!*, *Adivinha Quanto eu gosto de ti*”, “*Malaquias não gosta de perder!*, *O nabo gigante*, *A Galinha Ruiva*, *A que sabe a Lua*”, “Diversos, principalmente aqueles que ‘abrem’ mentes” e “*Pássaro da alma*”.

Relativamente às estratégias utilizadas para promover uma discussão de Valores a partir das obras/contos/poemas trabalhados a que foi mais selecionada foi o debate, seguindo-se as perguntas e, em terceiro lugar, a criação de um final diferente do enredo (ver gráfico abaixo). Dois participantes responderam que utilizam a Assembleia de Turma e a Dramatização de Situações para fazer essa discussão de Valores após explorar algum tipo de Literatura Infantil. Com estas respostas, podemos afirmar que os educadores/professores utilizam, efetivamente, metodologias e estratégias que promovem a reflexão por parte dos alunos, ou seja, os alunos são colocados em situações que provavelmente nunca estariam se não fosse através desta reflexão.

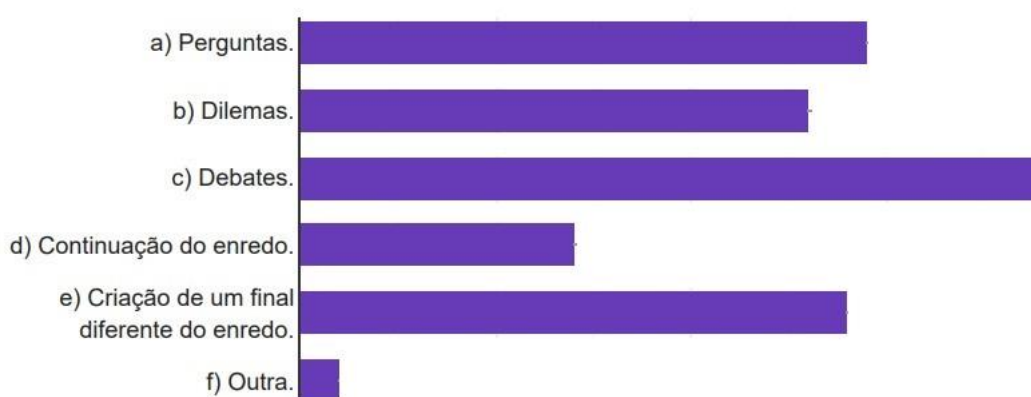


Gráfico 10 – Estratégias utilizadas para promover a discussão de Valores a partir das(os) obras/contos/poemas

Por fim, quisemos compreender quais os valores que os educadores/professores consideram fulcrais desenvolver no processo educativo. Os valores apresentados foram: autonomia, cooperação, responsabilidade, solidariedade, justiça, tolerância, respeito,

honestidade, generosidade e amizade. Praticamente todos os participantes atribuíram os graus “muito importante” e “extremamente importante” aos valores apresentados.

No que diz respeito às entrevistas realizadas à educadora e à professora cooperantes, educadora considera que os valores devem ser inculcados (“tento sempre inculcar nas crianças valores” – apêndice 3) e afirma utilizar as estratégias informativo-instrutivas e também a exploração reconstrutiva na sua prática pedagógica. Por outro lado, a professora afirma utilizar apenas as estratégias de exploração reconstrutiva e acredita que os alunos devem refletir sobre as suas ações. Segundo a professora cooperante, deve-se “criar o ambiente, criar as condições, que levem os alunos a refletir sobre os seus atos e, posteriormente, sobre os valores que lhes são inculcados e os outros que eles vão por si só escolhendo e valorizando” (apêndice 4). Neste caso, a educadora ao referir “valores que lhes são inculcados” não está a seguir propriamente uma estratégia de exploração reconstrutiva, pois quando se “incute” valores não se privilegia a reflexão por parte dos alunos. Neste caso, podemos afirmar que esta é uma estratégia de transmissão direta de valores.

Ambas as cooperantes não planificam a sua prática pedagógica com o intuito de trabalhar os valores. A professora não escolhe obras específicas para trabalhar com os alunos os valores, ela cinge-se às obras recomendadas para o ano de escolaridade. No entanto, ambas acreditam que a literatura infantil facilita a discussão de valores e fazem essa articulação à posteriori.

As estratégias utilizadas para explorar a literatura infantil são: reconto, perguntas orais, inventar um final diferente para o enredo, a descrição das personagens, debates, dilemas a partir de algumas frase/parágrafo do texto, escrever um texto, inventando um final diferente, entre outras.

Através destes resultados é possível fazermos uma reflexão sobre os mesmos. Apesar da maioria dos inquiridos e das professores cooperantes afirmarem que utilizam estratégias de exploração reconstrutiva para trabalhar os Valores, nem sempre é verdade, pois, por vezes, há, de facto, a descrição de atividades em que o objetivo é a transmissão direta de valores, sem promover momentos de reflexão. O facto de a maioria dos inquiridos se limitar às obras que estão no Plano Nacional de Leitura também demonstra que a Literatura Infantil nem sempre tem um papel tão importante nas práticas pedagógicas como é afirmado.

Capítulo III – Educação para Valores e Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar

3.1. Caracterização do Meio Envolverte

Ambos os estágios pedagógicos foram realizados na mesma instituição, daí caracterizarmos o mesmo meio envolvente e a mesma instituição.

A escola localiza-se numa freguesia pertencente ao concelho de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel. Tratava-se de uma freguesia urbana que, nos últimos anos, tem vindo a registar um elevado crescimento habitacional, empresarial e turístico e que tem como principal atividade o comércio.

É de salientar que a população escolar desta instituição é proveniente de diferentes meios socioeconómicos e culturais. Grande parte da população está ligada ao setor terciário (comércio), como já foi referido; no entanto, existe uma minoria que está ligada aos setores primário e secundário.

A escola está muito bem localizada, próxima de vários tipos de instituições e serviços, tais como outras instituições de ensino, bibliotecas, jardins, o posto da polícia, cafés, padaria, entre outros.

Todas as instituições e serviços acima mencionados deviam ser utilizados na abordagem ao conhecimento do meio que rodeia os alunos ou até mesmo em áreas mais específicas. Devido à pandemia que atualmente atravessamos, tornou-se mais difícil o acesso a essas instituições e serviços como estratégias de ensino, no entanto, o mesmo verificou-se ao longo dos estágios, como será explicado numa fase seguinte.

De acordo com Roldão (2004), citada por Silva (2015, p.28), “o meio é, por si mesmo, um factor de motivação ‘natural’ para a criança e o conhecimento da realidade próxima é o mais imediato e atractivo dos conhecimentos” (Roldão, 2004, p.23).

Assim, e como referem Vieira & Restivo (2014, p.20), “cabe ao professor reunir as competências em todas as tecnologias ao seu dispor para experimentar e escolher, em cada momento, a que lhe pareça mais eficaz para os objetivos que se proponha” e “o ambiente escolar deverá incentivar o professor a manter esta experimentação permanente, dando ao aluno a noção de que a escola é um lugar aberto à modernidade tecnológica”.

3.2. Caracterização da Escola

A instituição onde decorreram os estágios é primária e núcleo de uma escola básica e integrada. Tem um total de 241 alunos, sendo que 198 são do 1.º ciclo do ensino básico e 43 da educação pré-escolar.

Relativamente ao pessoal docente, existem 28 funcionários, tendo sido contabilizados educadores de infância, professores titulares de turma, professores dos apoios educativos, professores dos apoios de Educação Especial, professores de Educação-Física, professores de Inglês e professores de Educação Moral e Religiosa Católica.

Quanto ao pessoal não-docente, existem 5 funcionários que pertencem efetivamente aos quadros de pessoal da instituição. Para além destes, há também outros funcionários que trabalham nesta escola ao abrigo de um programa da Junta de Freguesia.

A escola está organizada em 3 blocos: um dos blocos tem 2 salas no rés-do-chão e 2 salas no 1.º piso de educação pré-escolar, sendo uma delas ocupada por alunos do 1.º ciclo, e 2 casas-de-banho em cada piso, adaptadas às idades das crianças da educação pré-escolar, não existindo casa-de-banho para os professores/educadores; os restantes dois blocos têm 3 salas no rés-do-chão e 3 salas no 1.º piso, que estão ocupadas pelo 1.º ciclo e pela UNECA (Unidade Especial de Currículo Adaptado), e 3 casas-de-banho em cada piso, uma delas destinada aos professores/educadores.

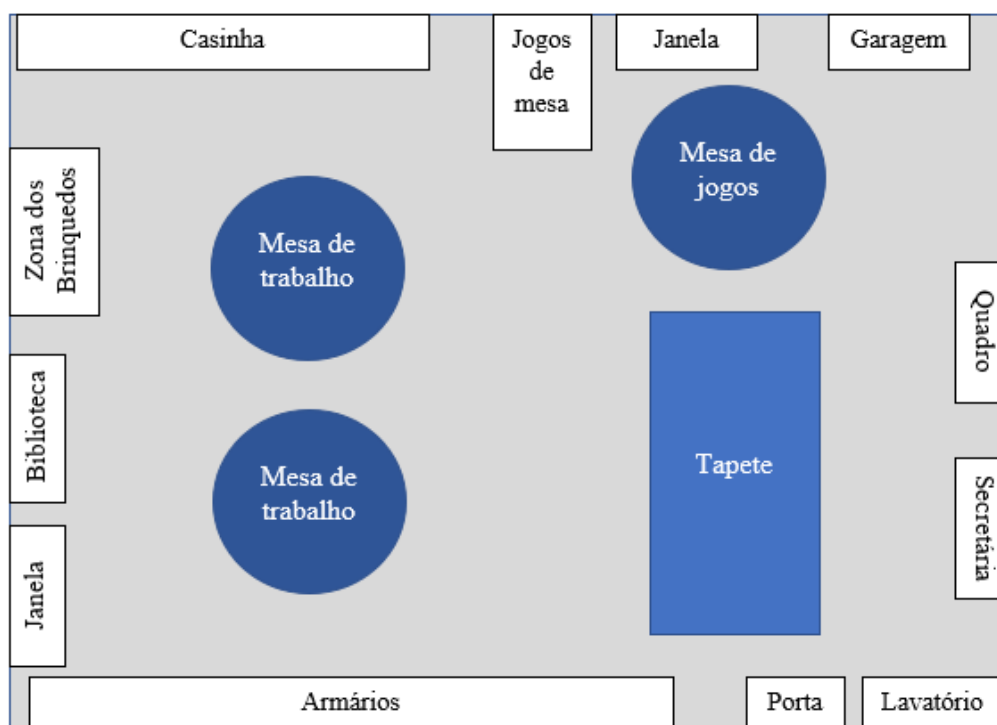
Dada a pandemia, o espaço do recreio exterior estava condicionado, todos os materiais que se tornassem num fator de risco acrescido (devido à sua utilização com as mãos) estavam interditos, como é o caso do escorrega e dos baloiços. É importante referir que o recreio está organizado com horários diferentes e espaços diferentes, quer para o 1.º ciclo, quer para a educação pré-escolar.

Ainda sobre o exterior da escola, o parque de estacionamento pertencente à instituição é de apenas 4 lugares (2 deles para professores e os outros 2 para pessoas que apresentem deficiência), pelo que não é suficiente para o número de pessoal docente e não-docente.

O *hall* de entrada da escola é destinado à entrada e saída das pessoas que frequentam esta instituição. Devido à conjuntura de pandemia, a entrada dos encarregados de educação e de pessoal não autorizado está interdita.

3.3. Caracterização da Sala de Atividades

A sala é bastante iluminada, tem muitos armários, o que proporciona bastante lugar para arrumação e está dividida em 6 áreas de brincadeira e/ou trabalho: a área do tapete, a área do quadro de giz, a área da garagem, a área dos jogos de mesa, a área da casinha e a área da biblioteca. Junto a cada área há um lugar específico para a colocação da fotografia de cada aluno (de modo a limitar o número máximo de crianças por área).



Na área do tapete podemos encontrar além deste, o quadro das presenças, o quadro do tempo, o calendário, o alfabeto e alguns dos trabalhos realizados que ficam expostos.

A área do quadro de giz tem apenas, como o nome indica, o quadro de giz e as crianças utilizam-na com bastante regularidade para fazer desenhos e para escrever o seu próprio nome.

A área da garagem é composta por uma estante onde são guardados os brinquedos, como os carros, legos, entre outros, e por um pequeno tapete onde as crianças se podem sentar e brincar.

A área dos jogos de mesa é composta por uma estante para guardar os jogos e, ainda, por uma mesa, que tanto serve para fazer trabalhos como para brincar com os jogos (puzzles, jogos de encaixe, de memória, etc.). É nesta área que podemos encontrar os animais da sala, em cima do móvel, o Bolinhas (peixe) e a Maria Antónia (tartaruga).

A área da casinha é composta por uma cozinha, por mesa e cadeiras mais pequenas, por um móvel para arrumação de brinquedos, por um fogão, por um pequeno armário para arrumação de utensílios de cozinha e por um guarda-fato com adereços, cordões, etc.

A área da biblioteca é composta por uma estante com livros e por um móvel onde as crianças arrumam o seu material de trabalho, como os cadernos, os estojos, os materiais de recorte e colagem, entre outros.

3.4. Caracterização do grupo de Crianças

O grupo era constituído por catorze crianças, uma delas com quatro anos e treze com cinco anos. Seis crianças eram do sexo masculino, enquanto as outras oito eram do sexo feminino.

Uma das crianças tinha NEE, apresentava características de autismo (aguardava avaliação pelos Serviços Especializados da Unidade Orgânica) e era acompanhada fora da sala por uma educadora especializada e, ainda, no restante tempo, era acompanhada por uma pessoa não-especializada, que estava presente dentro da sala de aula.

Para além disso, existiam quatro outras crianças que eram acompanhadas, quatro vezes por semana, por uma educadora de apoio, dentro da sala, e que apresentavam dificuldades de concentração e de realização de alguns trabalhos (pintar, fazer desenhos, entre outros).

No geral, era um grupo muito curioso, que gostava de aprender e que fazia muitas perguntas, mesmo não estando relacionadas com o conteúdo explorado.

A criança A realizava as atividades propostas, no entanto, distraía-se muito facilmente. Ela tinha dificuldade em cumprir as regras e em gerir conflitos, uma vez que batia com alguma frequência nos colegas.

A criança B era capaz de se expressar com bastante clareza, gostava de ouvir histórias e era capaz de recontá-las, fazendo referência a vários detalhes. Ela respeitava as regras da sala e os colegas e, também, tentava integrar a criança com características de autismo no grupo.

A criança C realizava os trabalhos rapidamente para depois ir brincar nas áreas, no entanto, os mesmos ficavam incompletos. Apesar disso, ela respeitava as regras da sala de aula e os colegas.

A criança D compreendia e respeitava as regras da sala de aula e os colegas. Quando uma determinada área atingia o número máximo de crianças permitido, ela própria conseguia escolher outra área autonomamente.

A criança E era, no geral, muito tímida e só participava quando solicitada. Das poucas vezes que participava de forma espontânea, ela levantava o dedo para falar e esperava pela sua vez. Para além disso, ela também respeitava as outras regras da sala e os colegas.

A criança F era muito tímida, o que fazia com que, por vezes, não expunha acontecimentos importantes ocorridos nos intervalos. Ela cumpria as regras da sala, levantando o dedo e aguardando pela sua vez de falar e respeitava os colegas, embora não participasse muito, apenas quando solicitada.

A criança G, por vezes, falava sem pedir e esperar pela sua vez. No entanto, ela compreendia, autonomamente, quando uma área atingia o número máximo de crianças e respeitava os colegas.

A criança H participava ativamente e de forma autónoma dentro da sala e realizava com atenção e de maneira completa as atividades pedidas. Era capaz de descrever acontecimentos de forma lógica e com bastantes pormenores. Nem sempre pedia permissão e esperava pela sua vez de falar, por vezes, respondia no lugar dos colegas.

A criança I ainda se encontrava numa fase de adaptação ao contexto educativo, uma vez que chorava quando os pais a deixam na escola. Apresentava dificuldades em estar sentada no tapete durante o acolhimento e noutras atividades, distraíndo-se facilmente com os brinquedos da sala. Tinha o hábito de sair do tapete, durante as atividades, e ir brincar para as outras áreas. Mostrava certa relutância em realizar as atividades pedidas, uma vez que, quando se pedia algum trabalho ela dizia que não queria fazer e ia brincar para as áreas. Ela não respeitava as regras da sala nem os colegas, pois batia-lhes com alguma frequência.

A criança J, por vezes, participava sem pedir permissão, mas, de resto, respeitava as regras da sala, convivia bem com os colegas e respeitava-os.

A criança K apresentava dificuldades em articular corretamente algumas palavras (“professora” ela pronunciava “fessora”). Com frequência, não levantava o dedo para falar nem esperava pela sua vez, dado que respondia no lugar dos colegas.

A criança L participava ativamente e de forma autónoma dentro da sala e realizava com atenção e de maneira completa as atividades pedidas. Era capaz de descrever acontecimentos de forma lógica e com bastantes pormenores. Cumpria quase sempre as

regras, levantando a mão para falar e esperando pela sua vez, para além disso, também respeitava os colegas.

A criança M tinha sido sinalizada com características de autismo e havia uma pessoa não-especializada que a acompanhava todos os dias dentro da sala. Em alguns dias da semana, tinha terapia da fala no hospital. Para além disso, tinha também apoio (todos os dias das 9:45h às 10:30h) fora da sala com uma educadora especializada em NEE, no entanto, ela estava de baixa e quem o acompanhava era outra educadora, mas sem especialização em NEE. Ela não articulava corretamente as palavras, o que dificultava a compreensão por parte do recetor, no entanto, gesticulava bastante, de modo a conseguir transmitir aquilo que pretende. Ela tinha muitas dificuldades em respeitar as regras da sala, quando não queria fazer alguma coisa gritava, não conseguia ficar muito tempo sentado no tapete, por vezes, batia nos colegas para conseguir algum brinquedo, não respeitava o número máximo de crianças por cada área, mas os colegas já conheciam o seu comportamento.

A criança N cumpria quase sempre as regras, levantando a mão para falar e esperando pela sua vez, para além disso, também respeitava os colegas e participava, geralmente, quando solicitada.

3.5. Reflexão sobre as atividades desenvolvidas no contexto do Estágio Pedagógico I

Ao longo do Estágio Pedagógico I, desenvolvido no contexto da Educação Pré-Escolar, realizámos cinco intervenções, totalizando vinte e sete dias. Todas as intervenções realizadas foram estruturadas e fundamentadas em sequências didáticas, que, depois, foram avaliadas e refletidas. As atividades foram planificadas tendo em conta as diferentes áreas e domínios de conteúdo contemplados nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

Foram implementadas quarenta e quatro macro-atividades, que englobaram as diferentes áreas/domínios/subdomínios de conteúdo. A maioria das atividades teve como foco as temáticas do Relatório de Estágio, nomeadamente a área de Formação Pessoal e Social e o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Calendarização			Áreas/Domínios/Subdomínios de conteúdo										
Intervenção	Datas	Atividade	Formação Pessoal e Social	Conhecimento do Mundo	Expressão e Comunicação								
					Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática	Educação-Física	Educação-Artística					
								Artes Visuais	Jogo Dramático	Música	Dança		
1. ^a intervenção	2, 3 e 4 de novembro	1. ^a											
		2. ^a											
		3. ^a											
		4. ^a											
		5. ^a											
2. ^a intervenção	23, 24, 25, 26, 27	6. ^a											
		7. ^a											
		8. ^a											
		9. ^a											
		10. ^a											
		11. ^a											
		12. ^a											

		13. ^a									
		14. ^a									
		15. ^a									
		16. ^a									
		17. ^a									
		18. ^a									
		19. ^a									
		20. ^a									
		21. ^a									
3. ^a intervenção*	7, 9, 14, 15 e 16	22. ^a									
		23. ^a									
		24. ^a									
		25. ^a									
		26. ^a									
		27. ^a									
		28. ^a									
4. ^a intervenção**	18, 19, 20, 21 e 22 de janeiro	29. ^a									
		30. ^a									
		31. ^a									
		32. ^a									
		33. ^a									
		34. ^a									
		35. ^a									
5. ^a intervenção	1, 2, 3, 4 e 5 de fevereiro	36. ^a									
		37. ^a									
		38. ^a									
		39. ^a									
		40. ^a									
		41. ^a									
		42. ^a									
		43. ^a									
44. ^a											
<p>“*” – intervenção realizada com o outro elemento do par</p> <p>“**” – intervenção realizada no Ensino à Distância</p>											

Tabela 1 – Síntese das atividades realizadas ao longo do Estágio Pedagógico I

Na Tabela 1, a primeira coluna apresenta as datas das intervenções, a segunda coluna, apresenta o número de atividades implementadas e as restantes colunas referem-se às áreas de conteúdo e domínio. Importa referir que esta tabela contém apenas algumas das macro-atividades, uma vez que o trabalho autónomo e os momentos de acolhimento não estão contemplados.

Após uma breve análise à Tabela 1, é possível verificar que uma das áreas de menor incidência foi a Educação-Física. Isso deveu-se ao facto de a lecionação da mesma

ser no final da semana e as intervenções ocorrerem com mais frequência no início da semana.

Acreditamos que uma educação para valores deve ser planejada, de forma a possibilitar uma integração curricular que contribua para a promoção de valores. Assim, a nossa intenção foi a de utilizar as estratégias de exploração reconstrutiva, pois as mesmas favorecem o desenvolvimento moral autónomo, aliando-as ao diálogo e à interdisciplinaridade.

Diariamente, com a rotina das crianças, havia áreas/domínios/subdomínios que eram sempre trabalhados, como, por exemplo, a área de Formação Pessoal e Social, uma vez que as crianças tinham de respeitar os colegas e esperar pela sua vez de participar em todas as atividades; a área de Expressão e Comunicação, nomeadamente o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, quando as crianças partilhavam as suas vivências e ideias; o domínio da Matemática, no momento em que era feita a contagem dos meninos presentes e daqueles que estavam a faltar; e o domínio da Educação Artística, quando eram cantadas várias músicas ao longo do dia, principalmente no momento do acolhimento.

A primeira intervenção decorreu nos dias 2, 3 e 4 de novembro, tendo como temática os “Órgãos reprodutores femininos e masculinos”. Nesta intervenção, desenvolveram-se diversas competências nas áreas/domínios e subdomínios de conteúdo, como a área de Formação Pessoal e Social, a área do Conhecimento do Mundo, a área de Expressão e Comunicação, particularmente o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e o domínio da Educação Artística, nomeadamente no subdomínio da Música e das Artes Visuais.

Essa temática surgiu da curiosidade que as crianças tinham em saber como é que os bebés nascem, o que me levou a trabalhar a mesma ao longo da 1.ª intervenção. Para além da parte relacionada com área do Conhecimento do Mundo, também foi feita uma atividade relacionada com a área da Formação Pessoal e Social e que estava ligada às emoções. Como estávamos a trabalhar o nascimento, foi feita a ponte com as emoções, no sentido de compreender que emoções é que as crianças já tinham experienciado desde o seu nascimento. Então, explorou-se o livro *O monstro das cores* e, à vez, cada criança partilhou um conjunto de momentos específicos em que sentiu determinadas emoções (como a raiva, a alegria, o amor, a tristeza, entre outras). A maior parte das crianças fez uma reflexão sobre vivências passadas e apercebeu-se de emoções que não sabia que já tinha experienciado.

A segunda intervenção decorreu de 23 de novembro a 3 de dezembro e teve como temas as “Profissões” e o “Natal”. Nesta intervenção, desenvolveram-se diversas competências nas áreas/domínios e subdomínios de conteúdo, como a área de Formação Pessoal e Social, a área do Conhecimento do Mundo, a área de Expressão e Comunicação, particularmente o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o domínio da Matemática, o domínio da Educação-Física, e o domínio da Educação Artística, nomeadamente nos subdomínios da Música, das Artes Visuais, da dança e do jogo dramático/teatro.

Para trabalhar as profissões, e uma vez que estávamos em contexto de pandemia, pedimos aos pais/encarregados de educação que nos enviassem vídeos a mostrar o seu local de trabalho e a explicar em que consistia. Depois, os vídeos foram compilados e apresentados ao grupo de crianças. As crianças adoraram e aprenderam, de facto, curiosidades acerca de algumas profissões, elas ficaram a conhecer, por exemplo, o interior de um avião e pormenores acerca das funções das assistentes de bordo. É de referir que ao longo da semana foram introduzidas, com a guitarra, diferentes músicas relacionadas com as profissões, nomeadamente, as dos professores, padeiros, bombeiros e cabeleireiras.

Foram realizadas atividades relacionadas com o Natal, nomeadamente a construção dos enfeites, do presépio, a própria montagem da árvore e a elaboração dos postais de Natal.

Relativamente à área de Formação Pessoal e Social, esta foi trabalhada diariamente, através das conversas sobre os recreios, e também através da “Televisão da Memória” que foi um recurso construído para trabalhar os Valores aliados à Literatura Infantil (aos contos trabalhados durante a semana) e que explicaremos mais à frente.

Ainda nesta semana de intervenção, foi realizado um jogo cooperativo, em educação-física. Segundo Amaral (2009), citado por Comparin (2012, p.10), “o jogo cooperativo propõe a busca de novas formas de jogar, com o intuito de diminuir as manifestações de agressividade nos jogos, promovendo atitudes de sensibilidade, cooperação, comunicação, alegria e solidariedade”, ou seja, as crianças tinham de compreender que existia um objetivo comum e que para atingi-lo era necessário a colaboração e cooperação de todos.

A terceira intervenção decorreu de 7 a 16 de dezembro, foi realizada a pares e teve como objetivo construir a prenda de Natal, bem como a gravação de uma coreografia de Natal, já que não houve festa na escola.

As crianças construíram uma estrela com a sua fotografia e decoraram-na. Também decoraram o papel de embrulho, recorrendo à técnica de pintura da tinta espirrada e da estampagem de elementos natalícios.

A música foi ensaiada diversas vezes, gravada e enviada aos pais, como celebração desta época, uma vez que não foi possível realizar a festa da escola, devido à pandemia. É importante manter uma relação entre a escola e a família, uma vez que esta beneficia as aprendizagens das crianças. Pois, segundo Freitas (2002, p. 250), “as escolas que valorizam a participação dos pais têm resultados mais satisfatórios ao nível qualitativo da educação (valores e atitudes básicas: respeito, responsabilidade, tolerância, coerência, etc.) e também ao nível quantitativo da aprendizagem”.

Ainda durante esta intervenção, foram trabalhados conteúdos relativos ao domínio da Matemática, nomeadamente através de jogos, como o *SNAP!*, o jogo da memória e o bingo de Natal. Os jogos são muito ricos na aprendizagem que proporcionam às crianças, uma vez que “o brincar e o jogo favorecem o envolvimento da criança na resolução de problemas, pois permitem que explore o espaço e os objetos, oferecendo também múltiplas oportunidades para o desenvolvimento do pensamento e raciocínio matemáticos” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.75).

Como é possível verificar, o domínio da Educação Artística foi bastante trabalhado, particularmente as Artes Visuais, dado que foram realizados diversos trabalhos alusivos ao Natal e com recurso a diferentes materiais. Como está consagrado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “as crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.49).

A quinta intervenção decorreu de 18 a 22 de janeiro, foi realizada a pares e o ensino foi à distância. Esta intervenção teve por base o modelo que a educadora cooperante utilizava: 2/3 tarefas diárias e sugestões de outras atividades/desafios.

Para que todas as crianças fossem capazes de realizar as atividades, optámos por trabalhar os tipos de casas e as respetivas divisões. Para isso, utilizámos pequenas fichas, elaboração de desenhos, criámos um jogo interativo e introduzimos uma música sobre casas. Como desafio, pedimos que as crianças construíssem uma casa com materiais reciclados. Elas gostaram bastante e demonstraram a sua criatividade.

A sexta e última intervenção decorreu de 1 a 5 de fevereiro e o ensino foi presencial. Os temas trabalhados estavam relacionados com a preservação ambiental e

com a reciclagem. Ao trabalhar estes temas, “promovem-se assim valores, atitudes e comportamentos face ao ambiente que conduzem ao exercício de uma cidadania consciente face aos efeitos da atividade humana sobre o património natural, cultural e paisagístico” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.85).

Nesta intervenção, foi criada uma atividade em que as crianças retiraram um cartão, à sorte, de dentro de um saco. O cartão continha diversas ações do quotidiano como, por exemplo, lavar os dentes deixando a torneira aberta, fazer a reciclagem, deixar as luzes da casa acesas. Então, as crianças tinham de classificar a atitude como correta ou errada e justificar a sua resposta. Assim, as crianças estavam a trabalhar o seu discurso oral, juntamente com os valores ambientais. Para além desta atividade, também criámos papel reciclado caseiro. As crianças gostaram bastante e foram capazes de observar as diferenças entre o papel “comum” e o papel reciclado. Quando falamos em cidadania ativa, falamos, inevitavelmente, de cidadãos que são responsáveis e que têm uma consciência ambiental. Isto quer dizer que um cidadão ativo “tem que responder às novas exigências da globalização, que tem que aprender a viver democraticamente com o outro e a dialogar com a diferença, que tem que ser eticamente responsável e solidário, que tem que ter preocupações ambientais” (Fonseca, 2011, p. 132).

É importante referir que tanto na planificação das atividades como na sua implementação foram tidas em conta as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), dado que este é um documento que possui as diversas aprendizagens para cada faixa etária.

Por uma questão de limitação de páginas, vão ser apresentadas três das atividades desenvolvidas no âmbito do Estágio Pedagógico I, que no conjunto das atividades desenvolvidas são representativas da abordagem do tema foco deste Relatório.

3.5.1. Atividade “Pasta dos Contos e dos Valores”

A primeira atividade selecionada da prática pedagógica em contexto da Educação Pré-Escolar intitula-se “Pasta dos Contos e dos Valores”.

Após as primeiras semanas de observação notou-se que a área menos utilizada era a da biblioteca. As crianças, normalmente, preferiam estar na área da garagem e dos jogos, por exemplo. A área da biblioteca era pouco atrativa, uma vez que não havia renovação dos livros que estavam na biblioteca. Com isto, as crianças acabaram por perder o interesse pelas histórias e pelos livros. Então, numa tentativa de apelar e incentivar o gosto à leitura, criou-se uma atividade/recurso. Construímos este recurso também com o intuito de promover a educação para valores, neste caso concreto valores como a amizade, a responsabilidade, a cooperação, a partilha e o respeito, e promover o gosto pela Literatura Infantil. Neste sentido, elaborou-se uma pasta, designada “Pasta dos Contos e dos Valores”, onde eram colocados os contos que se iam explorando diariamente/semanalmente com as crianças.

Com esta atividade, foi nos possível trabalhar a Área de Formação Pessoal e Social, bem como a Área de Expressão e Comunicação, nomeadamente o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

As crianças ficaram muito curiosas, porque as histórias eram sempre lidas, tendo como suporte o livro, e não recorrendo a outras estratégias. Para apresentar as histórias, utilizámos o fantocheiro da sala, onde foi pendurado um fio, de forma a explicar o enredo através de um estendal. Notámos que o facto de ser uma estratégia diferente permitiu captar a atenção e curiosidade das crianças, elas mostraram-se muito disponíveis a participar no diálogo posterior à história.

O desenvolvimento desta atividade está ilustrado na figura que se segue.



Figura 1 – Implementação do recurso “Pasta dos Contos e dos Valores”

Legenda da figura: a) estagiária a contar o enredo da história; b) crianças a ouvirem o enredo; c) e d) crianças a brincarem com a “Pasta dos Contos e dos Valores” nos momentos de brincadeira livre; e) recurso construído, com o livro *O Dragão Rabugento: um livro sobre a Amizade*.

Todos os dias, havia o momento do conto, no qual, como o nome indica, era lido um conto ao grupo. O conto era lido com recurso a cartões com a ilustração do enredo e a um estendal, onde os mesmos iam sendo pendurados à medida que se ia lendo o conto. Após a leitura, era criado um diálogo com as crianças e eram feitas perguntas de interpretação do texto (“O que aconteceu na história?”, “Quais são as personagens?”, etc.), bem como perguntas sobre as ações das personagens (“Achas que a personagem teve uma atitude correta?”, “O que farias se estivesses no lugar da personagem?”, entre outras). Esta estratégia foi importante, pois permitiu o desenvolvimento da consciência moral autónoma das crianças e permitiu, também, o desenvolvimento de competências associadas à Literatura Infantil, como, por exemplo, dar a conhecer outras realidades/situações, a questão da compreensão textual e do gosto pela leitura.

Depois da conversa, eram explorados os Valores que estavam presentes no enredo da história e eram dados exemplos concretos para que as crianças os compreendessem.

Noutro dia da semana, ou mesmo a seguir à conversa com as crianças (dependendo da sua disposição e do seu interesse), era-lhes pedido que fizessem o reconto do conto, utilizando os cartões, de modo a facilitar a sequência lógica.

Nas primeiras vezes, as crianças mostravam-se tímidas e com receio de partilhar as suas opiniões. Apresentavam discursos incompletos e confusos e, por vezes, nem se percebia bem o que queriam dizer. No entanto, houve uma situação interessante, quando

da exploração do livro *O segredo do Nabo Gigante: um livro sobre a Generosidade e a Ganância*, de Rogério Moreira (2003). Surgiu a pergunta sobre o que é que as crianças fariam se tivessem um nabo gigante a crescer no seu quintal, muitas delas disseram que o partilhariam com a família e com os amigos, mas houve algumas crianças que afirmaram precisamente o contrário, que ficariam com ele todo para si para poderem ficar ricos. Foi nesta altura que surgiu a troca de ideias entre os colegas, com a justificação de opiniões. A estratégia adotada foi importante na medida em que estes momentos de diálogo/discussão facilitam a clarificação de valores e desenvolvem as competências argumentativas. Outra situação interessante foi quando duas crianças estavam a brincar nas áreas e uma disse para a outra “Ah, mas temos de partilhar, não te lembras da história do nabo gigante?”. Esta é sem dúvida uma “prova” de que as crianças aprendem muito com estes momentos de reflexão.

Ao explorarmos uma história e, depois, discutir acerca dos valores nela presentes, fez com que as crianças os compreendessem mais facilmente, o que foi ótimo, visto que o conceito de valor é algo abstrato e complexo. Por exemplo:

“E – Alguém sabe outras histórias que nós trabalhámos?”

C1 – Eu sei! *O Dragão Rabugento*.

E – De que é que fala a história?

C2 – Da amizade.

E – Quem é que o Dragão ajudou?

C1 – Os meninos. Eu sei! Eles estavam perdidos numa floresta e depois eles encontraram um dragão e o dragão tentava assustar as pessoas. Só que quando os meninos contaram [que estavam perdidos] ele já não ficou rabugento, ele ajudou. E depois ele levou-os à aldeia. E depois as pessoas da aldeia ficaram assustadas. E depois eles convidaram o dragão para uma festa na aldeia. E ficaram todos felizes e amigos.” (ver apêndice 9).

Relativamente ao reconto, as crianças foram capazes de fazê-lo, pois como as imagens estavam numeradas, ajudavam a sequenciar o enredo. Notou-se que até para as crianças que possuíam um discurso menos coeso, era fácil fazer o reconto, através da “Pasta dos Contos e dos Valores”. Foi engraçado que, nos momentos de brincadeira livre, as crianças iam buscar o recurso e brincavam livremente com ele. Houve situações em que inventaram uma história completamente diferente, utilizando as imagens dos livros explorados. Tal como já vimos anteriormente, a Literatura Infantil é importante neste processo, pois permite à criança o desenvolvimento da sua criatividade e imaginação.

Foram explorados diversos contos ao longo do estágio, mas aqueles que foram colocados na pasta intitulam-se: *O Dragão Rabugento: um livro sobre a Amizade* (2003), de Katy Sleight; *Bombeiro dos pés à cabeça* (2017), de Lara Xavier e Raquel Santos; *O segredo do Nabo Gigante: um livro sobre a Generosidade e a Ganância* (2003), de Rogério Moreira; *O susto da Toupeira Marota: um livro sobre a Obediência* (2000), de Cristina Soeiro e *A girafa que comia estrelas* (2011), de Eduardo Agualusa.

Estes livros foram escolhidos tendo em conta o grupo de crianças, pois havia crianças que tinham muita dificuldade em partilhar os brinquedos e em respeitar os outros, e, também, de acordo com os temas que iam sendo trabalhados nos dias de intervenção.

3.5.2. Atividade “Televisão da Memória”

Na linha de pensamento da atividade/recurso anterior, criámos outro recurso, a “Televisão da Memória”, que serviu para trabalhar, uma vez por semana, os contos que iam sendo explorados e os valores que podíamos associar aos mesmos.

Com esta atividade, foi nos possível trabalhar a Área de Formação Pessoal e Social, bem como a Área de Expressão e Comunicação, nomeadamente o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Essa televisão tinha apenas uma imagem da história explorada e o objetivo era que as crianças fossem capazes de identificar a história e fazer o seu reconto apenas com base na imagem apresentada. Este recurso era um pouco mais complexo, pois, enquanto na “Pasta dos Contos e dos Valores” as crianças tinham os passos todos da história, o que facilitava o reconto, aqui, na televisão, elas tinham de se recordar do enredo todo através de uma só imagem, daí o nome “Televisão da Memória”. Desta forma, as crianças estimulavam a sua memória, tentando-se recordar dos acontecimentos que aconteciam no enredo.



Figura 2 – Implementação do recurso/atividade “Televisão da Memória”

Esta televisão foi um recurso que cativou muito as crianças, pois era diferente, chamava a atenção e a maneira de funcionar (rodar o tubo para a frente para desenrolar as imagens e rodar o tubo para trás para enrolar as imagens) também era para elas uma novidade. Assim, quando elas estavam nos momentos de brincadeira livre, gostavam muito de ir brincar com este material e fazer o reconto das histórias.

Tal como acontecia no recurso anterior (“Pasta dos Contos e dos Valores”), as crianças também criavam novas histórias com as imagens pertencentes à “Televisão da Memória”. Algumas vezes, elas baralhavam imagens que não se relacionavam com o mesmo livro e inventavam novas histórias, estimulando assim a sua criatividade e imaginação.

Uma vez por semana, habitualmente à sexta-feira, a “Televisão da Memória” era utilizada com as crianças, no tapete. As crianças tinham cartões com vários números (com o respetivo número de livros explorados) e tinham de retirar um à sorte, de dentro de um saco. O número que saísse correspondia ao número de vezes que o tubo era girado e, assim, era feita a seleção da história trabalhada naquele dia.

Após as crianças fazerem um reconto sobre a história selecionada, era criado um diálogo, em grande grupo, sobre os Valores que estavam associados ao respetivo livro e eram pedidos exemplos concretos de Valores. De seguida, era feito um balanço dos Valores que as crianças respeitaram durante a semana, quais as atitudes que tinham de melhorar e como é que o podiam fazer. Ou seja, as crianças eram levadas a fazer uma reflexão sobre as suas próprias atitudes/ações e tinham de justificar se as consideravam corretas ou incorretas. Neste caso específico, a estratégia de Educação para Valores utilizada foi a de exploração reconstrutiva, a partir da qual se promoveu o desenvolvimento axiológico das crianças.

Nas primeiras vezes em que realizámos esse balanço, as crianças tinham muita dificuldade em refletir sobre as suas ações, pois era algo tão natural e espontâneo que nem pensavam mais no assunto. Também o facto de, nessa faixa etária, as crianças se centrarem muito em si próprias, fazia com que fosse complicado colocarem-se no lugar do outro.

A criança I era nova no grupo de crianças e não estava habituada às regras da sala/escola, pelo que era frequente desrespeitar os colegas, retirando-lhe os brinquedos das mãos ou batendo neles. Foi difícil para esta criança fazer uma reflexão sobre as suas próprias ações, pois para ela eram naturais. Foram necessárias diversas sessões para que ela compreendesse que, de facto, não estava a agir bem para com os outros colegas.

Para a criança A esta autorreflexão também foi difícil, uma vez que ela batia frequentemente nos colegas, apesar de já pertencer ao grupo desde o ano letivo transato. Acabámos por perceber que este era o meio de esta criança comunicar, uma vez que tinha muita dificuldade em expressar os seus sentimentos e emoções. Quando ela compreendeu que, efetivamente, bater nos colegas era algo negativo, foi possível observar uma grande

evolução na sua tentativa de mudança de comportamento. Por exemplo, na entrevista final realizada no grupo de crianças da educação pré-escolar, esta criança tomou consciência de que fazia birras, porque não conseguia ficar quieta (“E – Só ele é que faz birras? C4 – Não, eu não consigo ficar quieto” – ver apêndice 9).

No caso da criança M, que tinha características de autismo, apesar de ela ouvir os diálogos, não participava nos mesmos. Ela não os compreendia e, por esse motivo, também não demonstrava interesse. Quando as situações eram abstratas, por lhe ser difícil compreender, ela perdia o foco.

A criança C, por ser a mais nova e pela imaturidade que apresentava, também demonstrou dificuldades em fazer uma autorreflexão das suas atitudes.

Com isto, queremos dizer que não foi fácil para as crianças refletirem acerca das suas ações/atitudes. No entanto, à medida que íamos trabalhando estes aspetos, foi-se tornando menos complicado. Tanto que até houve situações em que, entre brincadeiras e conversas, as próprias crianças diziam umas às outras que elas não se estavam a comportar bem e até justificavam as suas opiniões.

As crianças demonstravam interesse por estes momentos de reflexão e partilha de opiniões, gostavam da dinâmica de relembrarmos um conto já trabalhado e de depois interligarmos com as situações do quotidiano. Uma leitura partilhada é sempre um fator de coesão social, porque dota os que leram ou ouviram uma história, de uma base comum de discussão.

3.5.3. Atividade “Ajudar o Ambiente”

A terceira atividade intitulou-se “Ajudar o Ambiente” e tinha como objetivo explorar a questão da preservação ambiental e mostrar às crianças a sua importância.

Com esta atividade, conseguimos trabalhar os Valores (relacionados com a preservação ambiental) e, ainda, associar a Literatura Infantil, dado que foram explorados diversos contos relacionados com esta temática ambiental.

Esta temática da preservação ambiental é importante no desenvolvimento da criança enquanto cidadã livre e responsável, uma vez que, ao dar a conhecer os problemas ambientais e a preservação dos recursos naturais, faz com que as crianças reflitam sobre este tema e desenvolvam a sua parte crítica, ativa e responsável na sociedade, tornando-se, assim, cidadãs ativas.

Neste sentido, focámo-nos nas Área de Formação Pessoal e Social e de Expressão e Comunicação, nomeadamente o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Iniciámos esta atividade ao apresentar um diaporama que explicava em que consistia a preservação ambiental e onde eram dados exemplos do quotidiano, através de imagens, como, por exemplo, lavar os dentes com a torneira fechada, preferir andar a pé ou de bicicleta em trajetos curtos, fazer a reciclagem, não colocar lixo no chão, desligar as luzes dos cômodos vazios, entre outras.

Após essa apresentação, as crianças realizaram um trabalho prático em que tinham de selecionar e de pintar apenas as imagens que indicavam boas ações para o meio ambiente.

Ao longo desta intervenção, foram explorados diversos livros com as crianças como, por exemplo, *A maior flor do mundo*, de José Saramago, *Gomby e a dor de barriga do recicladinho*, de Pedro Matias Maria, *A árvore da escola*, de António Sandoval, e *Xico, o campeão da reciclagem*, de Maria de Jesus Sousa. A escolha destes livros deveu-se ao facto de estes estarem de acordo com a temática abordada e de terem qualidade literária para serem explorados com as crianças. Sempre que explorávamos um livro, as crianças, em seguida, faziam um reconto e partilhavam a sua opinião sobre o mesmo, se gostavam ou não e qual era a sua parte favorita. Após a exploração dos livros, eram feitas perguntas do género “De que fala o livro?”, “Qual foi a vossa parte favorita? Porquê?”, “Qual foi a parte que menos gostaram? Porquê?”, “Imaginem que estavam dentro desta história, o que fariam?”, entre outras.

Para além dos livros, também introduzimos uma música acerca deste tema, intitulada “Nem tudo o que sobra é lixo”, do Mundo Bitá. Esta é uma música brasileira, que adaptámos e fizemos a versão portuguesa, acompanhada pela guitarra. As crianças gostaram bastante e fixaram-na com bastante rapidez.

Apresentámos outro diaporama, mas desta vez estava relacionado com a reciclagem. Foram mostradas imagens dos ecopontos existentes e foram explicadas as suas funções. De seguida, e tendo por base as imagens mostradas, foram criados ecopontos para a sala. Os ecopontos foram construídos com caixas de cartão e pintados pelas crianças. O objetivo seria que as crianças pudessem fazer reciclagem dentro da sua sala. Estas atividades, bem como todas as outras implementadas, vão ao encontro dos nossos objetivos propostos neste Relatório, uma vez que as crianças devem começar, elas próprias, a sentir que têm algum impacto na realidade e que podem contribuir, desde tenra idade, para ajudar na sociedade.

Após os ecopontos ficarem prontos, foi feita uma atividade prática. Num dia de manhã, quando as crianças chegaram à sala, encontraram-na com bastante lixo no chão. Então, o intuito era que as crianças colocassem o lixo dentro dos respetivos ecopontos. As crianças gostaram muito desta atividade e, apesar de terem ficado confusas e sem saber onde colocar as embalagens *tetra pak*, no geral, a atividade foi um sucesso.

Apesar de nesta atividade nos focarmos mais na parte da reciclagem, as crianças introduziram outros tópicos, também eles relacionados com o ambiente, mas que estão mais focados no desperdício da água. Muitas crianças partilharam a sua opinião e as suas experiências. Algumas delas davam exemplos dos pais, de como os pais faziam as coisas de forma “errada” por não fecharem a torneira enquanto escovavam os dentes ou até mesmo por não fazerem a reciclagem. Em contrapartida, a criança B partilhou uma experiência muito positiva, a sua família era *vegan* e adotava muitas medidas de proteção ambiental, reutilizava diversos produtos (como frascos, latas, potes, etc.), fazia reciclagem e compostagem para uma pequena horta que tinham em casa. Os colegas ficaram interessados a ouvir esta experiência que era “incomum”, comparando com as suas.



Figura 3 – Implementação da atividade “Ajudar o ambiente”

Legenda da figura: a) b) e d) pintura dos ecopontos; e) e f) atividades práticas; g) e i) papel reciclado caseiro

De modo a mostrar às crianças formas de reutilizar/reciclar, nós produzimos papel reciclado de forma caseira. Fizemos o passo a passo todo com as crianças, para que elas pudessem ver todo o processo. Depois de fazermos a “massa” e de a deixarmos secar, foi altura de sentirmos e utilizarmos o papel reciclado. Foi dado a cada criança um bocadinho de papel para que elas pudessem sentir a textura e escrever nele também. Elas gostaram bastante do resultado, notaram que a textura era de facto bem diferente da do papel “comum” e ficaram intrigadas com o facto de o papel reciclado possuir cor azul. Então, explicámos-lhes que tinha essa cor azulada devido ao papel que utilizámos já ter sido usado e estar escrito com caneta azul.

A última atividade realizada relacionada com este tema foi um trabalho em grupos de 3/4 crianças. Este trabalho consistiu em cada grupo elaborar uma pequena apresentação oral com tudo o que foi aprendido durante a semana e dar exemplos concretos, partilhar a sua opinião e expor quais as atividades de que mais tinha gostado e quais aquelas de que menos tinha gostado. Este tipo de tarefas torna-se mais complicada para as crianças que são naturalmente tímidas, mas também é bom fazer com que as crianças se expressem e trabalhem a construção do seu discurso oral. Ao fazerem este trabalho de grupo, as crianças depararam-se com opiniões e maneiras de trabalhar diferentes, no entanto, elas conseguiram respeitar e ouvir as opiniões dos outros elementos do grupo.

Capítulo IV – Educação para Valores e Literatura Infantil no 1.º ciclo

4.1. Caracterização da Sala de Aula

A sala de aula é bastante iluminada, tem muitos armários, o que proporciona um grande espaço para arrumação, e possui doze mesas de trabalho. Estas estão divididas por uma placa de acrílico, para permitir o distanciamento entre os alunos, durante as aulas.

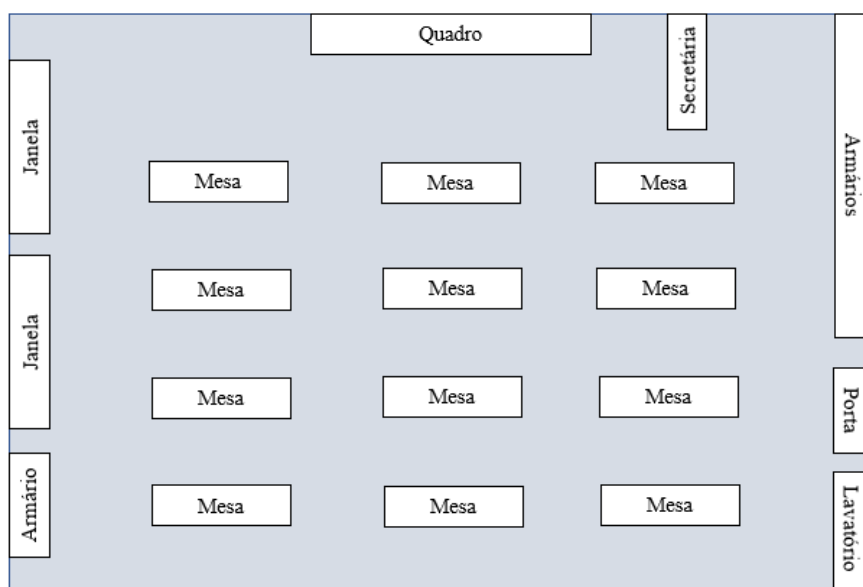
Para além disso, existe uma secretária com um computador e ligação à internet, o que é muito útil para atividades que envolvam as tecnologias, como mostrar algum vídeo, diaporama, imagem, entre outras.

O uso das novas tecnologias na sala de aula permite diversificar as estratégias de aprendizagem utilizadas, uma vez que “a atividade de ensino continua a depender do professor criativo e ambicioso na sua vontade de proporcionar aos estudantes um ambiente de aprendizagem que os cativa e os faça querer a continuar a aprender” (Vieira & Restivo, 2014, p.6).

No entanto, existe um aspeto negativo, associado ao número reduzido de projetores de vídeo, que limita a apresentação de vídeos ou fotografias.

O quadro de giz é onde a professora costuma escrever exercícios, informações importantes e onde, normalmente, são corrigidas as fichas/tarefas.

Por fim, existe um lavatório na sala, que é muito útil, tanto para a higienização das mãos, como para a limpeza dos materiais que se utilizam nas aulas de expressão plástica, como pincéis, recipientes, entre outros.



4.2. Caracterização do Grupo de Alunos

A turma era constituída por dezasseis alunos, com idades compreendidas entre os oito e os nove anos. Dez crianças eram do sexo masculino, enquanto as outras seis eram do sexo feminino.

Dois alunos apresentavam Necessidades Educativas Especiais (NEE) e eram acompanhados, três dias por semana (segundas, terças e quartas-feiras), na disciplina de Português e Matemática, fora da sala de aula, por um professor não especializado. Importa referir que um desses alunos era acompanhado quatro dias por semana.

Para além disso, existiam cinco outras crianças que tinham Apoio Educativo, nas áreas de Português e Matemática, duas vezes por semana e que eram acompanhadas por uma professora de apoio.

No geral, era um grupo curioso e que gostava de aprender. No Português, nomeadamente na leitura, tinham dificuldades em respeitar a pontuação e em interpretar os textos, o que dificultava a compreensão dos problemas matemáticos. Na matemática, os alunos tinham dificuldades em demonstrar o raciocínio lógico.

O aluno A aprendia com facilidade e mostrava interesse e dedicação no seu trabalho. Era participativo, relacionava-se bem com a turma, era autónomo na concretização dos trabalhos e respeitava as regras da sala, assim como os colegas e a professora. Na escrita, fazia algumas inversões de letra. Redigia pequenos textos, organizava corretamente as ideias, no entanto, não seguia a estrutura de um texto (introdução, desenvolvimento e conclusão). Na leitura, por vezes, fazia algumas pausas, tornando-a assim pouco fluida e, ocasionalmente, não respeitava a acentuação das palavras. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, construía um discurso coerente e exprimia com clareza as suas ideias.

A aluna B evidenciava pouca autonomia e necessitava de auxílio por parte da professora para realizar as tarefas. Era participativa no contexto de sala de aula, embora, não se esforçasse muito na consecução das tarefas, tanto na escola, como em casa. Por outro lado, relacionava-se bem com a turma e respeitava as regras da sala, assim como os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, organizava corretamente as ideias, contudo, não seguia a estrutura de um texto. Na leitura, demonstrava alguma dificuldade em pronunciar palavras maiores (exemplo: em vez de ler “laranjeira”, lia “laranja”), não projetava a voz o suficiente para ser audível em toda a sala e, também, por vezes, fazia algumas pausas, tornando assim a leitura pouco fluida. Na expressão oral,

articulava corretamente as palavras, todavia, por ser tímida, não se exprimia com tanta frequência e à vontade.

O aluno C tinha Necessidades Educativas Especiais e era acompanhado fora da sala de aula por um professor do núcleo de educação especial. Ele necessitava de reforço e orientação por parte do professor, mas era capaz de realizar as tarefas. Respeitava as regras da sala de aula, assim como a professora e os seus colegas. No que concerne à área de Português, na leitura e interpretação de texto encontrava-se no nível II e acompanhava a turma na gramática, na compreensão do oral e na educação literária, sendo que neste último domínio era necessário adaptar as fichas de trabalho ao seu grau de conhecimento. Na leitura, dado o seu nível de aprendizagem, conseguia articular corretamente as palavras, ainda que vagarosamente e, regularmente, não respeitava os sinais de pontuação. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, porém, por ser tímido, não se exprimia com tanta facilidade.

O aluno D frequentava o Apoio Educativo, pois apresentava dificuldades nas disciplinas com maior carga horária. Era pouco autónomo, necessitando do auxílio da professora para a realização dos trabalhos, não era muito esforçado e distraía-se facilmente. Apesar disso, respeitava as regras da sala de aula, assim como a professora e os seus colegas. Na escrita, redigia pequenos textos, no entanto, não desenvolvia as suas ideias e não seguia a estrutura do mesmo. Na leitura, não projetava a voz o suficiente para ser audível em toda a sala e, com alguma frequência, fazia pausas, tornando assim a leitura pouco fluida. Para além disso, nem sempre respeitava a pontuação. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, porém, o seu discurso nem sempre era bem organizado.

A aluna E aprendia com alguma facilidade e realizava autonomamente os trabalhos. Era participativa e respeitava a professora e os colegas. Em contrapartida, distraía-se com facilidade e era faladora, o que, ocasionalmente, prejudicava a realização dos trabalhos. Na escrita, redigia pequenos textos, seguia a estrutura do texto, organizava corretamente as suas ideias, todavia, por vezes, não as concluía. Na leitura, projetava a voz de forma audível e respeitava a pontuação do texto escrito. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras e exprimia com clareza as suas ideias.

O aluno F frequentava o Apoio Educativo por apresentar dificuldades nas disciplinas com maior carga horária. Ele revelava pouca autonomia e não era muito esforçado, contudo, respeitava as regras da sala, os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, no entanto, não separava as suas ideias por frases, nem realizava

parágrafos. Para além disso, não respeitava as regras de pontuação e não seguia a estrutura de um texto. Na leitura, não respeitava a pontuação e demonstrava dificuldade em pronunciar as palavras, o que tornava a sua leitura pouco fluida. Na expressão oral, não organizava o seu pensamento, o que fazia com que o seu discurso, por vezes, se tornasse confuso.

O aluno G demonstrava facilidade nas aprendizagens dos conteúdos e realizava autonomamente os trabalhos. Era autónomo, participativo, respeitava as regras da sala, assim como os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, seguia a estrutura dos mesmos, todavia, por vezes, tornava-se um pouco confuso na apresentação das suas ideias e era sucinto. Na leitura, projetava a voz de forma audível, entoava o texto com expressividade e respeitava a pontuação. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras e exprimia com clareza as suas ideias.

A aluna H frequentava o Apoio Educativo por apresentar algumas dificuldades nas disciplinas com maior carga horária. Ela não era muito participativa, necessitava de orientação para a realização dos trabalhos, todavia, relacionava-se bem com a turma, respeitava as regras da sala, assim como os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, seguia a estrutura dos mesmos, organizava corretamente as suas ideias, no entanto, era sucinta na sua produção escrita. Na leitura, fazia algumas pausas, tornando-a pouco fluida e não projetava a voz o suficiente, o que fazia com que não fosse possível ouvir em toda a sala. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, porém, por ser tímida, não se exprimia com tanta frequência e à vontade.

O aluno I revelava muita facilidade nas aprendizagens dos conteúdos e era autónomo na realização das tarefas. Era participativo, empenhado e respeitava as regras da sala de aula, os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, organizava corretamente as suas ideias, desenvolvia bastante a sua produção escrita e demonstrava criatividade ao longo do texto. Na leitura, projetava bem a voz, o que fazia com que fosse audível em toda a sala, entoava o texto com expressividade e respeitava a pontuação. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, exprimia-se com facilidade e construía um discurso coerente e bem estruturado.

A aluna J aprendia com alguma facilidade e realizava autonomamente os trabalhos. Ela era autónoma, respeitava a professora e os colegas. Em contrapartida, distraía-se com facilidade e era faladora, o que, por vezes, prejudicava a realização dos trabalhos. Na escrita, realizava algumas inversões de letras, redigia pequenos textos, seguindo a sua estrutura, porém, era um pouco confusa nas suas ideias e, por vezes, não

construía corretamente as frases. Na leitura, não projetava a voz de forma audível, fazendo com que não fosse possível ouvir na sala toda e, às vezes, não respeitava a pontuação do texto escrito. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras e exprimia com clareza as suas ideias.

A aluna K revelava muita facilidade nas aprendizagens dos conteúdos e era autónoma na realização dos trabalhos. Ela era participativa, respeitava as regras da sala de aula, os colegas e a professora, no entanto, distraía-se com facilidade quando finalizava as tarefas, porém, isto não prejudicava o seu desempenho. Na escrita, redigia pequenos textos, organizava corretamente as suas ideias e demonstrava criatividade. Na leitura, projetava bem a voz, o que fazia com que fosse audível em toda a sala e, ainda, respeitava a pontuação. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, exprimia-se com facilidade e construía um discurso coerente e bem estruturado.

A aluna L apresentava algumas dificuldades, frequentava o Apoio Educativo e era seguida por uma psicóloga fora da escola, por apresentar hiperatividade. Era participativa, relacionava-se bem com a turma e respeitava as regras da sala, os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, seguia a estrutura dos mesmos, era criativa e organizava corretamente as suas ideias, no entanto, apresentava dificuldades em separá-las por parágrafos. Na leitura, projetava bem a voz, o que fazia com que fosse audível em toda a sala, entoava o texto com expressividade, contudo, por vezes, não respeitava a pontuação. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, construía um discurso coerente e bem estruturado e exprimia-se com facilidade.

O aluno M revelava bastante facilidade nas aprendizagens dos conteúdos e era autónomo na realização dos trabalhos. Era autónomo, empenhado e respeitava as regras da sala de aula, os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, organizava corretamente as suas ideias, todavia, era sucinto na sua produção escrita. Na leitura, não projetava a voz o suficiente, de modo a ser audível em toda a sala e, por vezes, não respeitava a pontuação. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, construía um discurso coerente e bem estruturado, no entanto, era tímido, o que fazia com que não se exprimisse com tanta facilidade.

O aluno N tinha Necessidades Educativas Especiais, nomeadamente, dislexia moderada, beneficiava de terapia da fala fora do contexto escolar e era acompanhado por um professor do núcleo de educação especial, fora da sala de aula, quatro dias por semana, nas disciplinas de Português e de Matemática. Era um aluno distraído e muito pouco autónomo, o que influenciava negativamente o seu desempenho nas aulas. Apesar disso,

respeitava as regras da sala de aula, assim como a professora e os seus colegas. Na disciplina de Português, ainda não dominava o método da leitura e da escrita. Na expressão oral, apresentava dificuldades em se exprimir e em construir um discurso bem estruturado.

O aluno O demonstrava bastante facilidade nas aprendizagens dos conteúdos e era autónomo na realização dos trabalhos. Era participativo, empenhado e respeitava as regras da sala de aula, os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, organizava corretamente as suas ideias, desenvolvia bastante a sua produção escrita e demonstrava criatividade ao longo do texto. Na leitura, projetava bem a voz, o que fazia com que fosse audível em toda a sala e respeitava a pontuação. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, exprimia-se com facilidade e construía um discurso coerente e bem estruturado.

O aluno P revelava muita facilidade na aprendizagem dos conteúdos e era autónomo na realização dos trabalhos. Era participativo, empenhado e respeitava as regras da sala de aula, os colegas e a professora. Na escrita, redigia pequenos textos, organizava corretamente as suas ideias, no entanto, era sucinto na sua produção escrita. Na leitura, projetava bem a voz, o que fazia com que fosse audível em toda a sala e respeitava a pontuação. Todavia, gaguejava um pouco, fazendo com que a leitura fosse pouco fluida. Na expressão oral, articulava corretamente as palavras, exprimia-se com facilidade e construía um discurso coerente e bem estruturado.

4.3. Reflexão sobre as atividades desenvolvidas no contexto de Estágio Pedagógico II

Ao longo do Estágio Pedagógico II, desenvolvido no contexto do 1.º ciclo do Ensino Básico, foram realizadas sete intervenções, totalizando vinte e dois dias. Todas as intervenções realizadas foram estruturadas e fundamentadas em sequências didáticas, que, depois, foram avaliadas e objeto de reflexão.

Foram implementadas quarenta e duas macro-atividades, que englobaram as diferentes disciplinas do currículo. A maioria das atividades teve como foco as temáticas do Relatório de Estágio, nomeadamente a disciplina de Cidadania e de Português.

Calendarização			Áreas/Domínios de conteúdo							
Intervenção	Datas	Atividade	Cidadania	Português	Matemática	Estudo do Meio	Expressão e Educação			
							Físico-Motora	Musical	Dramática	Plástica
1. ^a intervenção	15, 16 e 17 de março	1. ^a								
		2. ^a								
		3. ^a								
		4. ^a								
		5. ^a								
		6. ^a								
2. ^a intervenção *	12, 13, 14, 15 e 16 de abril	7. ^a								
		8. ^a								
		9. ^a								
		10. ^a								
		11. ^a								

Acreditamos que uma educação para valores deve ser planejada, de forma a possibilitar uma integração curricular que contribua para a promoção de valores. Assim, a nossa intenção foi a de utilizar as estratégias de exploração reconstrutiva, pois as mesmas favorecem o desenvolvimento moral autónomo, aliando-as ao diálogo e à interdisciplinaridade.

A primeira intervenção decorreu nos dias 15, 16 e 17 de março, tendo como conteúdos: a classe dos verbos, a produção escrita, as unidades de medida de massa (quilogramas, gramas e miligramas), os primeiros socorros e diferentes tipos de deslocamento. Nesta intervenção, foram desenvolvidas diferentes competências em várias áreas/domínios de conteúdo, tais como: a área do Português, a área da Cidadania, a área da Matemática, a área do Estudo do Meio e a área da Educação-Física.

Para trabalhar a classe dos verbos, foi explorado um excerto do conto “O cão e o gato”, de António Torrado, da obra *Trinta por uma linha* (2014). Este é um texto que nos fala acerca da amizade/inimizade. O intuito era também compreender o conceito que os alunos tinham de amizade e saber mais acerca da sua conceção de valores, daí também ter realizado uma entrevista inicial com o propósito de saber quais as conceções de valores que as crianças tinham e quais as suas representações neste domínio, para depois conseguir fazer um trabalho articulado com os valores em todas as disciplinas, visto que este é um tema/conteúdo transversal a todas as áreas e que permite a construção de um cidadão responsável e ativo na sociedade. Na aula seguinte, os alunos produziram um texto, dando continuidade ao excerto trabalhado. Este tipo de atividades é muito importante, pois, para além de trabalhar a produção textual, a ortografia, a caligrafia, a organização das ideias, também se está a promover a criatividade dos alunos.

Para trabalhar as unidades de medida de massa, foram realizados exercícios de conversão no caderno e, também, um jogo de associação no quadro magnético, em que os alunos tinham de associar as respostas corretas às conversões. Para além disso, fizemos uma receita de bolachas e, assim, também estávamos a trabalhar este tema das unidades de massa.

Relativamente à disciplina de Estudo do Meio e uma vez que estávamos a trabalhar os primeiros socorros, podemos destacar a atividade da simulação do tratamento de uma ferida. Para isso, levei o *kit* de primeiros socorros e estivemos a realizar o procedimento adequado ao tratamento de feridas.

Na aula de Educação-Física, tínhamos pouco tempo (45 minutos) e então decidimos realizar um percurso para trabalhar os diversos tipos de movimento, como rastejar, saltar, correr, entre outros.

A segunda intervenção decorreu nos dias 12, 13, 14, 15 e 16 de abril e foi implementada em contexto de ensino à distância, devido à pandemia. Os conteúdos foram: banda desenhada, introdução ao algoritmo da multiplicação e a constituição das plantas e as funções dos seus constituintes. Nesta intervenção, foram desenvolvidas diferentes competências em várias áreas/domínios de conteúdo, tais como: a área do Português, a área da Cidadania, a área da Matemática, a área do Estudo do Meio e a área da Educação Musical.

Para trabalhar a banda desenhada, foi elaborado um pequeno vídeo, onde foram explicados os aspetos técnicos da mesma. Para além disso, os alunos realizaram uma ficha de trabalho referente à interpretação de uma banda desenhada e, ainda, criaram a sua própria banda desenhada. As tiras selecionadas continham uma crítica à sociedade e abordavam o valor da tolerância, em contrapartida ao preconceito e o objetivo era que os alunos conseguissem compreender esses valores e os relacionassem com a sua vida, ou seja, refletissem acerca das suas ações e compreendessem se tinham atitudes que demonstravam tolerância ou que demonstravam o preconceito. A escolha deste valor deveu-se ao facto de os alunos estarem numa idade em que começam a ter uma maior perceção da realidade e é importante que eles aprendam a ser tolerantes para com os outros e para com as suas diferenças.

Para fazer uma introdução ao algoritmo da multiplicação, foram criados dois pequenos vídeos com a explicação e optou-se por realizar exercícios do manual, como forma de garantir que todos os alunos tinham os recursos necessários para executar a tarefa.

Na disciplina de Estudo do Meio, também foi utilizado o manual para trabalhar as plantas. Na disciplina de Educação Musical, foi criada uma música relacionada com os conteúdos programáticos trabalhados em Estudo do Meio, nomeadamente a constituição das plantas e as funções dos seus constituintes. A música foi gravada e partilhada com os alunos que, além de memorizarem os conteúdos de uma forma fácil e divertida, ainda tiveram oportunidade de marcar o ritmo, quer seja com partes do corpo quer seja com objetos.

A terceira intervenção decorreu nos dias 19, 20 e 21 de abril e foi implementada em contexto de ensino à distância, devido à pandemia. Os conteúdos trabalhados foram:

revisão dos aspetos técnicos de uma banda desenhada, implementação da Roleta dos Problemas e dos Valores, os pronomes pessoais, o algoritmo da multiplicação e uma revisão sobre as plantas. Nesta intervenção, foram desenvolvidas diferentes competências em várias áreas/domínios de conteúdo, tais como: a área de Português, a área de Cidadania, a área de Matemática e a área de Estudo do Meio.

Para fazer a revisão dos aspetos técnicos de uma banda desenhada recorreu-se a uma sessão síncrona, realizada através de videochamada com os alunos. Nesta sessão, implementamos a Roleta dos Problemas e dos Valores, que será explicada mais à frente.

Os pronomes pessoais foram trabalhados através de um episódio do programa “Estudo em casa”, da RTP, através de exercícios do manual e de uma ficha de trabalho.

Relativamente à Matemática, a melhor forma encontrada para explicar o algoritmo da multiplicação, à distância, foi a criação de um pequeno vídeo e de exercícios de consolidação do manual.

Para fazer a revisão das plantas, criámos um jogo interativo, do género do “Quem quer ser milionário”, onde os alunos foram capazes de colocar à prova os seus conhecimentos sobre as plantas e os seus constituintes.

A quarta intervenção decorreu nos dias 11, 12, 13 e 14 de maio e foi implementada em contexto de ensino presencial. Dado que os alunos tinham estado em contexto de ensino à distância durante seis semanas, tornou-se fundamental verificar e retirar as dúvidas que surgiram durante este período. Os conteúdos trabalhados foram: leitura e interpretação textual, os tempos verbais, jogo dos verbos, produção escrita de um recado, revisão do algoritmo da multiplicação e introdução do algoritmo da divisão, criação e resolução de situações problemáticas, as rochas, ilustração do recado, diferentes formas de entoar a voz e criação de ritmos com o corpo. Nesta intervenção, foram desenvolvidas diferentes competências em várias áreas/domínios de conteúdo, tais como: a área de Português, a área de Cidadania, a área de Matemática, a área de Estudo do Meio, a área de Expressão Plástica, a área de Expressão Dramática e a área de Expressão Musical.

O texto trabalhado foi um conto de António Torrado, intitulado “Os ratos das botas”, da obra *Trinta por uma linha*. Através da exploração deste conto, foi possível trabalhar o valor da amizade, primeiramente através de um diálogo e, posteriormente, através da criação de recados. Estes recados serviram para a elaboração do Correio da Amizade, que foi um recurso construído e que será descrito mais à frente. Assim, promovemos a interdisciplinaridade, ao trabalharmos, também, a Cidadania e, ainda, a Expressão Plástica, através da ilustração dos recados.

De forma a aprofundar os verbos, foi criado um jogo de dados. Existiam três dados: um para os tempos verbais, outro para as pessoas e outro para os verbos no infinitivo, o objetivo era que os alunos colocassem os verbos nas pessoas e nos tempos indicados.

Segundo Piaget (1978), citado por Arraba, Fonseca, Lima, Silva e Simões (2014, p.263), o jogo é “um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças que em todo o lugar onde se consegue transformar o jogo a iniciativa da leitura ou da ortografia, [...] as crianças se apaixonam por essas ocupações tidas como maçantes”.

Na área curricular de Matemática foram realizados exercícios de consolidação do algoritmo da multiplicação e, ainda, foi introduzido o algoritmo da divisão. Para além disto, os alunos realizaram um pequeno trabalho de pares, que consistia na criação e resolução de situações problemáticas. De modo a trabalhar o algoritmo da divisão e o valor da partilha, os enunciados criados tinham de estar relacionados com a partilha, o objetivo era que os alunos refletissem acerca da importância da partilha. Após a criação dos enunciados, os mesmos eram sorteados para que outro par conseguisse resolvê-los.

No que diz respeito à área curricular de Estudo do Meio, trabalhámos as rochas e, para isso, criámos um mostruário de rochas que continha o granito, o basalto, o mármore, o calcário, a argila e a ardósia. Para além do mostruário, apresentou-se um diaporama, de modo a explicar as características e utilidades das rochas mais pormenorizadamente e com o recurso a fotografias.

Na área curricular de Expressão Plástica, como já foi referido, os alunos ilustraram o recado que escreveram para os colegas, aplicando diversas técnicas de pintura/desenho à sua escolha. Desta forma, os estudantes tiveram a oportunidade de selecionar a técnica (recorte, colagem, estampagem, pontilhado, etc.) a aplicar, de acordo com o tipo de produções plásticas escolhidas.

Na área curricular de Expressão Musical, abordou-se a colocação de tom e a criação de ritmos com o corpo. Para isso, os alunos cantaram uma música, acompanhada pela guitarra. Nesta atividade, o objetivo era que as crianças fossem capazes de criar os seus ritmos com o recurso ao batimento de palmas, de pés, entre outros movimentos.

A quinta intervenção foi de apenas um dia e decorreu no dia 28 de maio. Os conteúdos trabalhados foram: os principais rios de Portugal, as características de um poema, os valores e as famílias dos instrumentos. Nesta intervenção, foram desenvolvidas diferentes competências em várias áreas/domínios de conteúdo, tais como: a área de Português, a área de Cidadania, a área de Estudo do Meio e a área de Expressão Musical.

Relativamente à disciplina de Estudo do Meio, utilizámos o mapa com os rios de Portugal e o manual, para a resolução de exercícios sobre este tema.

Na área curricular de Português, criámos um cartaz com um poema de Luísa Ducla Soares, onde esquematizámos as características do texto poético. O poema escolhido intitula-se “Música”, presente na obra *Poemas da mentira e da verdade*, de Luísa Ducla Soares, e serviu como introdução à aula de Expressão Musical, dado que falava sobre instrumentos musicais.

Na área curricular de Expressão Musical, apresentámos um diaporama com imagens de diferentes instrumentos musicais associados às famílias de instrumentos. Esta informação foi complementada com exemplos reais de instrumentos musicais; assim os alunos tiveram oportunidade de manipular os mesmos e de os visualizar mais detalhadamente.

A sexta intervenção decorreu nos dias 31 de maio, 2, 3 e 4 de junho e os conteúdos trabalhados foram: leitura e exploração do poema “Mar”, de Regina Gouveia, produção escrita de um poema (tendo como mote o texto poético trabalhado), os verbos irregulares, os sólidos geométricos, o sistema solar, diferentes formas de deslocamento e criação de uma coreografia a pares. Nesta intervenção, foram desenvolvidas diferentes competências em várias áreas/domínios de conteúdo, tais como: a área de Português, a área de Cidadania, a área de Estudo do Meio, a área da Matemática e a área da Educação Física.

Na área curricular de Português, fizemos a leitura e exploração do poema “Mar”, de Regina Gouveia. Depois, os alunos criaram um poema, tendo como mote o texto poético previamente trabalhado. Assim, os poemas dos alunos tinham como temas a poluição do mar e a preservação ambiental. Consequentemente, ao criarem os poemas, os alunos refletiram acerca dos problemas ambientais que a sociedade enfrenta diariamente. De seguida, os textos foram apresentados à turma na aula de Cidadania. Desta forma, conseguimos trabalhar os conteúdos da disciplina de Português interligados com a disciplina de Cidadania. Os verbos irregulares foram explorados através de exercícios do manual e também através de um jogo de dados, em que os alunos tinham de conjugar o verbo selecionado, tendo em conta o tempo e a pessoa.

Na área curricular de Matemática, foram trabalhados os sólidos geométricos (nomes e características) e, para isso, utilizou-se o manual, bem como uma atividade prática em que os alunos tinham de montar uma planificação de um cubo.

No que concerne à área curricular de Estudo do Meio, foram trabalhados o sistema solar e os astros. Foram realizados exercícios do manual, foi apresentado um vídeo que

falava sobre o sistema solar e também uma música com os planetas pertencentes ao nosso sistema solar. Para além disso, os alunos construíram, em casa, maquetes do sistema solar e que foram, posteriormente, apresentadas à turma.

Na área curricular de Educação Física, foram explorados os diferentes tipos de movimentos, como saltar de pé-coxinho, saltar de pés juntos, andar para trás, fazer passos de formiga, ir de gatinhas, utilizar passos de tesoura e utilizar passos de gigante, entre outros, e, para isso, realizou-se o jogo “A Barra do Lenço”. De forma a celebrar o “Dia da Criança” e a promover a amizade entre a turma, os alunos juntaram-se a pares e criaram uma coreografia, em conjunto. Esta foi uma coreografia livre, em que era apenas fornecida a música. Assim, as crianças tiveram a oportunidade de se relacionarem com colegas que não se relacionavam com tanta frequência no seu quotidiano, dando abertura para a criação de novas amizades.

A sétima e última intervenção decorreu nos dias 14 e 15 de junho e os conteúdos trabalhados foram: leitura e exploração de um conto intitulado “As fadas” (este texto está inserido na obra *Os contos de Perrault*, de Maria Alberta Menéres), as dízimas finitas, as atividades económicas e atividades relacionadas com a perícia e manipulação. Nesta intervenção, foram desenvolvidas diferentes competências em várias áreas/domínios de conteúdo, tais como: a área de Português, a área de Cidadania, a área de Estudo do Meio, a área da Matemática e a área da Educação Física.

Na área curricular de Português, realizámos a leitura e interpretação do conto “As fadas”, inserido na obra *Os contos de Perrault*, de Maria Alberta Menéres. O livro foi apresentado aos alunos, para que eles também pudessem ver e explorar o livro físico, bem como os restantes contos que este continha. Durante a exploração oral do referido conto, fizemos a ligação com conteúdos de Cidadania, particularmente com os valores, uma vez que, no texto, são tratados valores como o amor e a família. Deste modo, foi criado um diálogo com os estudantes, de maneira a compreender a importância que eles lhes davam e como demonstravam essa importância no dia-a-dia (quais as atitudes/comportamentos que tinham).

Quanto à área curricular de Matemática, trabalhou-se as dízimas finitas, mas, introduziu-se as centésimas e a escrita das mesmas em dízima. Para isso, optou-se por se fazer uma explicação oral do conceito de centésima, ao mesmo tempo que se apresentou o “Material de Base 10”, que é um material concreto e que permitiu a visualização dos conceitos que foram abordados.

No que concerne à área curricular de Estudo do Meio, trabalhou-se as atividades económicas, nomeadamente a agricultura. Introduziu-se este tema através da apresentação de um diaporama com várias imagens de tipos de agricultura, dos produtos que são obtidos (a nível nacional e a nível regional), das máquinas/objetos necessários para trabalhar a terra, das diversas etapas que os agricultores têm de seguir, entre outros aspetos. Depois, os alunos resolveram uma ficha síntese, de forma a consolidar a matéria dada.

No que diz respeito à área curricular de Educação-Física, os estudantes desenvolveram as suas competências relacionadas com a perícia e com a manipulação. Para isso, eles foram divididos em pares e tinham de lançar bolas e arcos aos colegas, tendo em conta diversas indicações. Assim, pretendia-se que eles fossem capazes de agarrar, de lançar, de receber, de arremessar, etc., bolas e arcos tendo em conta as orientações dadas.

4.3.1. Atividade “Roleta dos Problemas e dos Valores”

Ao longo deste estágio, e como já foi referido, foi notória a dificuldade que os alunos tinham em se expressar sobre assuntos/temas do quotidiano, por mais simples que pudessem ser. Deste modo, surgiu a necessidade de “combater” esta resistência e de levá-los a exprimirem-se, sem receio do que os outros pudessem pensar.

De forma a desenvolver esta questão, criou-se um recurso pedagógico intitulado “Roleta dos Problemas e dos Valores”, que consistia, como o nome indica, numa roleta, dividida em vários triângulos. Em cada um deles, havia um excerto de um texto que, posteriormente, foi debatido/explorado oralmente, em grande grupo. Estes excertos tinham sempre presentes problemas sociais ou falavam sobre valores, alguns deles estavam relacionados com o machismo, com a tolerância, com a amizade, com o respeito, com o cuidado a ter com os animais, com a igualdade racial, com a inclusão, entre outros temas. Os textos foram seleccionados tendo em conta os conteúdos explorados nas aulas de Português, nomeadamente os tipos de texto. Esta atividade vai ao encontro dos nossos objetivos para este Relatório, uma vez que se estava a promover a reflexão por parte dos alunos.

Esta atividade dividiu-se em duas partes: a primeira parte foi realizada em contexto de Ensino à Distância (EaD), através de sessões síncronas e assíncronas (trabalho autónomo), e a segunda parte já foi realizada em regime de aulas presenciais.

A primeira parte consistiu na exploração da banda desenhada. Então, os excertos textuais foram tiras, em que era visível a crítica a algo da sociedade, como já foi referido acima. Este género textual foi explorado na disciplina de Português e, depois, os alunos criaram a sua própria banda desenhada, tendo como ponto de partida o valor da tolerância, que tinha sido o tema da banda desenhada explorada, e tiveram de ilustrá-la, na disciplina de Expressão Plástica. Uma vez que as aulas eram em regime de EaD, a criação da ilustração foi livre e não foi imposta a utilização de materiais específicos, de forma que a atividade fosse o mais justa possível para com todos, já que as famílias dos alunos tinham diferentes condições financeiras.

Numa sessão síncrona, através de uma videochamada online, os alunos apresentaram a sua banda desenhada, bem como a ilustração que fizeram. No geral, eles conseguiram cumprir os objetivos destas duas disciplinas.

Depois, ia-se rodando a roleta e, à medida que calhasse uma tira, os alunos iam expondo a sua opinião, tendo a minha orientação, e iam sendo criadas questões ao longo da sessão.

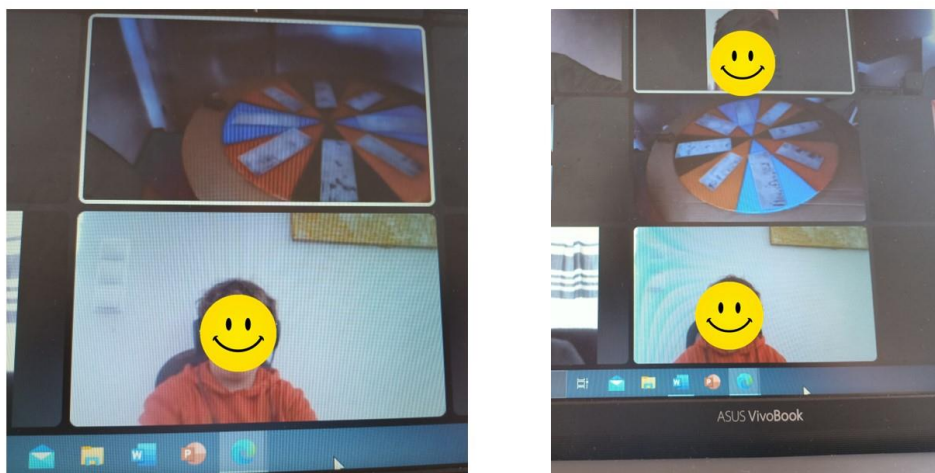


Figura 4 – Implementação da atividade “Roleta dos Problemas e dos Valores” (EaD)

Ao início, os alunos, no geral, mostraram-se um pouco retraídos, principalmente aqueles que eram mais tímidos e que tinham uma maior dificuldade em falar. Mas, ao longo da sessão, e como viram que era interessante falarem e partilharem a sua opinião, eles conseguiram fazê-lo. Foi muito interessante ouvir as opiniões da turma, todos concordaram que era importante seguir determinados valores, como o respeito e a amizade. Para além disso, eles iam partilhando situações que tinham vivenciado e outras que os avós lhes tinham contado, como foi o caso de uma situação de machismo pela qual uma das avós passou quando era mais nova.

A segunda parte contou com excertos de poemas, uma vez que foi esse o conteúdo explorado na disciplina de Português. Nesta disciplina, fez-se a revisão das características do poema e exercícios de interpretação do mesmo. Na disciplina de Cidadania, houve então a implementação da roleta. Desta vez, foram os alunos que a giraram e que leram os textos, o que também proporcionou o desenvolvimento da oralidade e da leitura. Apesar de todas as opiniões “concordarem” com o bem e com atitudes e comportamentos que demonstrem respeito, foi interessante ver os exemplos que os estudantes iam dando para justificarem as suas respostas, no sentido em que exemplificaram com situações muito simples da sua vida diária.



Figura 5 – Implementação “Roleta dos Problemas e dos Valores” (Ensino presencial)

Ainda na segunda parte, foram criadas pequenas frases, coletivamente, sobre os excertos debatidos, como um género de conclusões. Os alunos depois registaram-nas nos seus cadernos. Estas frases também serviram para os alunos refletirem e fazerem uma introspeção sobre as suas ações, na relação consigo mesmos ou com os outros. Mais uma vez, é possível observar que a estratégia utilizada no âmbito da Educação para Valores é a exploração reconstrutiva, onde os alunos são levados a refletir sobre as situações.

Em ambas as partes, os alunos conseguiram realizar as atividades propostas, seguindo as orientações dadas pela professora estagiária.

Houve, de facto, uma interdisciplinaridade entre as diferentes áreas curriculares e considera-se que foi muito benéfico para a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos.

Notou-se uma evolução da primeira para a segunda parte, na medida em que se observou uma diferença na maneira como os estudantes apresentavam as suas opiniões, pois já o faziam de uma forma mais espontânea e mostraram-se interessados em ouvir os colegas, em responder-lhes.

Considera-se que o recurso criado foi também um fator impulsionador da motivação e interesse de participação por parte dos discentes. Foi um recurso visualmente atrativo, no qual todos queriam mexer e girar.

Todos os estudantes participaram, inclusive os alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais), o que por si só já é uma grande conquista, pois, por vezes, havia um aluno que não se interessava muito pelas atividades propostas. Como já foi referido,

notou-se, de facto, uma evolução nos alunos, na forma de participarem e na ânsia com que demonstraram interesse em partilhar as suas ideias.

No entanto, este não é um trabalho estanque, pelo contrário, deve ser explorado com mais frequência, deve-se dar abertura para que os alunos consigam desabafar, conversar, partilhar as suas opiniões, etc. Por exemplo, nós verificámos uma evolução nas crianças, porque elas aperceberam-se da importância da leitura e relacionaram-na com os Valores:

“E – Por que é que vocês acham que é importante ler?”

C14 – Porque não é só com a escola que aprendemos, também é com os livros.

E – O que é que vocês aprendem com as histórias?

C14 – Que nós devemos ser humildes com os outros, devemos ser bem-comportados.

E – Como é que ao leres uma história aprendes isso?

C14 – Eu leio, depois eu penso no que eu não devia ter feito...

E – E tu voltas a fazer o que não devias ter feito?

C14 – Não, faço o que está correto.” (ver apêndice 11).

4.3.2. Atividade “Correio da Amizade”

A turma, no geral, demonstrava dificuldades na produção escrita, relativamente à disciplina de Português, e algum receio na partilha das suas emoções/sentimentos, isto relacionado com a disciplina de Cidadania. Deste modo, o intuito era trabalhar ambas as dificuldades, recorrendo à interdisciplinaridade, de maneira a tornar as atividades sequenciadas e bem estruturadas.

Foi criado um recurso para esta atividade (e não só), que é o “Correio da Amizade”. Consistia num correio em que era possível enviar e receber mensagens, recados, poemas e outros textos dos colegas. Este recurso era versátil, uma vez que podia ser utilizado em outras atividades e, ainda, estimulava a escrita por parte do aluno, já que da mesma forma que ele iria escrever uma mensagem, outro amigo iria responder-lhe e assim sucessivamente.

Na aula de Português, foi explorado o conto “Os ratos das botas”, integrado na obra *Trinta por uma linha*, de António Torrado. Este texto permitiu fazer tanto uma interpretação e compreensão textual, como criar o mote para a escrita do recado, uma vez que o conto retratava a situação de dois amigos que estavam zangados e que, depois, conseguiram reconciliar-se. Para além disso, o conto também fala sobre as atitudes que os amigos têm uns para com os outros. Nesta atividade, são convocados os nossos objetivos para este Relatório, nomeadamente, “desenvolver o raciocínio moral autónomo”.

Além de se relacionar com questões de Cidadania, nomeadamente com a amizade, a escolha deste conto deveu-se também ao facto de estar integrado numa obra recomendada pelas Metas Curriculares de Português para o 3.º ano de escolaridade, ou seja, torna-se numa obra de leitura importante para os alunos deste ano de escolaridade.

Os alunos fizeram a leitura do texto e fizeram também a exploração do mesmo; exprimindo a sua opinião relativamente à amizade, definiram-na e deram exemplos do que é ser amigo.

Posteriormente, realizaram uma ficha de trabalho com questões de interpretação do texto. Esta ficha foi criada por mim e seguiu o modelo que é utilizado nas fichas de avaliação sumativas (três questões de resposta múltipla e duas de resposta aberta). Assim, os discentes também conseguiram ter um exemplo de como seria o teste. A correção foi feita no quadro, pelos alunos.

De seguida, foram sorteados os nomes dos alunos a quem tinham de escrever o recado. O recado é um tipo de texto sucinto e que transmite uma mensagem curta. Foi explicado o que era esse tipo de texto e entregue uma folha para os alunos o escreverem.

Houve discentes que, ao início, se mostraram perdidos, sem saber o que escrever para o colega (a já referida dificuldade em exprimir os sentimentos), como também houve outros que conseguiram realizar esta tarefa com uma certa rapidez.



Figura 6 – Ilustração dos recados

Com alguma ajuda da minha parte, todos conseguiram realizar a tarefa com sucesso.

Esta atividade também se relacionou com a área de expressão plástica, uma vez que os alunos demonstraram dificuldades não só na expressão escrita e verbal, mas também na expressão plástica.

Segundo Borges e Clauss (2005, p.1), “cada uma [criança] possui seu próprio jeito de representar o que está ao seu redor com desenhos, fazendo disso um meio de comunicação para expressar seus sentimentos e assim, pode-se até, definir seu desenvolvimento”, pelo que optámos por usar o desenho como meio de comunicação e expressão de sentimentos, pelo que se pediu aos alunos que ilustrassem os recados escritos, recorrendo a diversas técnicas de Expressão Plástica, nomeadamente o recorte e colagem, o pontilhismo e a estampagem.

Ao ilustrarem os recados, os alunos estavam a utilizar a linguagem não verbal, o que pode ser uma forma mais fácil de comunicar do que a própria linguagem verbal.

A estampagem foi feita com rochas, já que se trabalhou esse conteúdo em Estudo do Meio nessa semana e serviu como consolidação do mesmo. Quando os alunos queriam estampar, tinham de identificar o tipo de rocha e referir uma característica da mesma.

Nesta atividade, como as escolhas das técnicas utilizadas eram livres, os alunos não optaram pelo recorte e colagem, exploraram apenas o pontilhismo e a estampagem com rochas.

As produções dos estudantes ficaram muito interessantes e houve de facto a exploração de técnicas diferentes. Alguns deles nunca tinham realizado o pontilhismo e nenhum deles tinha estampado rochas.

Na aula de Cidadania, à vez, era retirado um recado de dentro do “Correio da Amizade” e o discente lia-o em voz alta, à frente da turma e apreciava o desenho, associando-o a alguma característica física ou psicológica.



Figura 7 – Apresentação dos recados à turma

Depois de ler, o aluno dava a sua opinião e, em todos os casos, foi notória a felicidade que os estudantes demonstraram ao receber uma mensagem positiva dos colegas. Criou-se um diálogo com toda a turma, sobre a importância da amizade, de como era benéfico e importante ter amigos, quais os sentimentos que os amigos lhes despertavam, entre outros aspetos.

Os alunos realizaram esta atividade com um entusiasmo enorme e, no final, levaram os recados para casa, para quando tiverem um dia menos bom ou quando se sentirem sozinhos, poderem sempre reler as mensagens que receberam. Os alunos, nesta faixa etária, começam a ser mais críticos consigo próprios, o que pode fazer com que tenham uma baixa autoestima. Assim, torna-se fulcral implementar atividades que desenvolvam a autoestima dos alunos.

Existe um aluno com Necessidades Educativas Especiais que recebeu um convite para se juntar às brincadeiras com os colegas na hora do intervalo, isto porque ele era um

aluno muito reservado e que não dava muita confiança. Viu-se, perfeitamente, a felicidade nos seus olhos.

No final da aula, foi visível a satisfação por parte dos alunos e foi com muito carinho que levaram os seus recados para casa.

A escola é a instituição responsável pela formação dos alunos, obviamente que essa responsabilidade é partilhada pela família, pelos amigos, etc., mas como tal, é importante desenvolver competências nos estudantes que os tornem cidadãos ativos na sociedade, que saibam agir e que não tenham receio de expressar a sua opinião. Tal como refere Alarcão (2006), a escola deve “(...) contribuir para que a criança continue a construir o seu edifício de valores e de normas/regas de vida. Por tudo isto, é notória a complementaridade do papel educativo da família e da escola” (p. 156).

Por isso, é que também se considera fulcral a discussão oral com os alunos, dado que esta é uma forma de os levar a refletir acerca das suas ações/atitude para com os outros.


Deste modo, esta atividade enquadrou-se perfeitamente com os propósitos existentes, nomeadamente para colmatar as dificuldades dos alunos na expressão dos seus sentimentos e, ainda, ajudá-los a refletir sobre as suas ações/atitude, possibilitando a reflexão, para que sejam cidadãos reflexivos e ativos na sociedade.

4.3.3. Atividade “A importância da preservação ambiental”

Esta atividade intitula-se “A importância da preservação ambiental” e consistiu na criação de poemas relacionados com a temática referida. Nesta atividade, as áreas foco foram Português e Cidadania.

Para iniciar esta atividade, fizemos a leitura e exploração do texto poético “Mar”, de Regina Gouveia. A exploração foi feita oralmente e, também, através de perguntas de interpretação presentes no manual da disciplina de Português.

Mar



Já brincaste com a areia
e com as conchinhas do mar?
Já ouviste as ondas a ir,
para logo a seguir voltar?
Encosta um búzio ao ouvido
e fica atento a escutar.
Parece que se ouve o mar
a contar os seus segredos.
Diz que se sente doente,
que está muito poluído.
Hoje é um petroleiro,
amanhã é um cargueiro
que deita lixo para o mar.

E também há muita gente
que deita na praia lixo,
uma garrafa, uma lata,
uma pistola de esguicho,
uma embalagem qualquer.
Ora isso não pode ser
pois a poluição mata algas e peixinhos.
Mata até os passarinhos
que na areia vão pousar
ou água vão debicar
nas pocinhas
dos rochedos.

Regina Gouveia, Ciência para meninos
em poemas pequeninos, 2.ª ed., Galatrinho, 2010

3 Que segredos conta o mar, quando se encosta o búzio ao ouvido?

4 O mar diz que está poluído. A quem atribui ele a responsabilidade pela sua poluição?

5 Que outros seres vivos, para além das algas e dos peixes, referidos no texto, sofrem os efeitos da poluição?

Figura 8 – Poema “Mar”, de Regina Gouveia, e perguntas de interpretação

Na exploração oral, foi criado um diálogo e os alunos iam referindo aspetos do seu quotidiano. Houve um aluno que partilhou um costume que tinha, que consistia em ir com os primos para a praia e fazer uma competição para ver quem juntava mais lixo. Desta forma, eles sentiam o espírito competitivo, o que lhes dava motivação, e, ao mesmo tempo, estavam a limpar o meio ambiente.

Após a exploração oral, os alunos responderam às questões de interpretação autonomamente e, posteriormente, fizemos a correção das mesmas no quadro.

Na produção do poema, houve alunos que sentiram dificuldade em fazer a estrutura de um texto poético. Como estavam mais habituados a escrever textos narrativos, a sua intenção era, de facto, narrar uma história, e, por vezes, esqueciam-se de fazer o texto em versos. Apesar disto, os alunos foram sendo chamados à atenção e fomos

sempre referindo as características de um poema e eles foram capazes de escrever, efetivamente, um poema sobre a poluição.

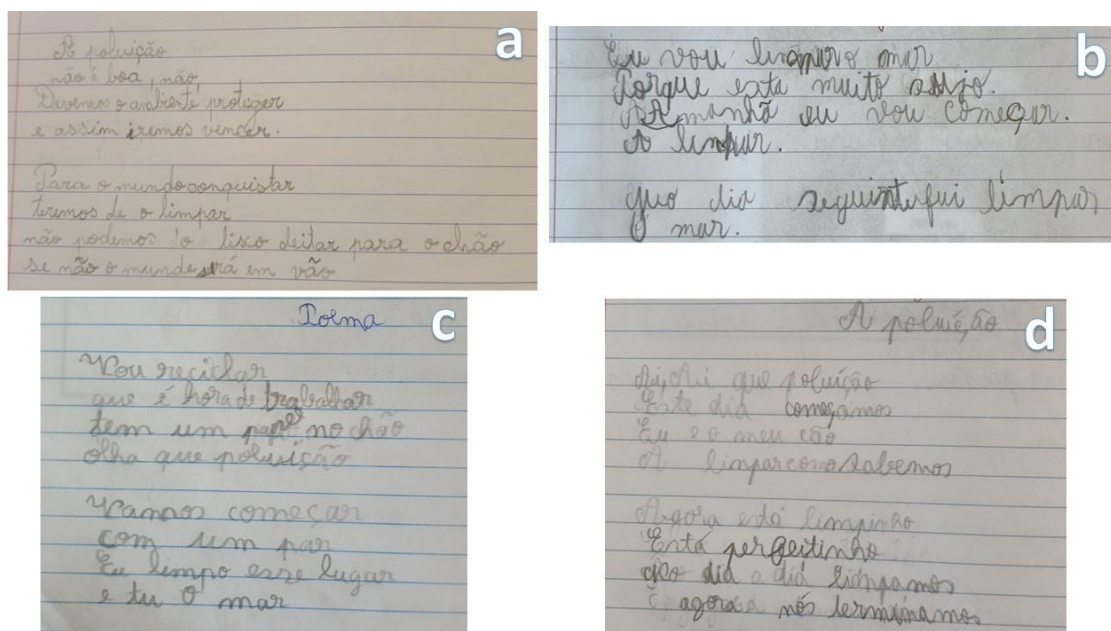


Figura 9 – Poemas criados pelos alunos

a) Poema do aluno K; b) Poema do aluno A; c) Poema do aluno M; d) Poema do aluno P

Após a escrita do poema, na aula de Cidadania, os alunos apresentaram os seus poemas à turma. No final de cada apresentação, os alunos iam fazendo uma apreciação de cada um e iam dando a sua opinião.

A esta atividade que envolveu a exploração do poema “Mar”, a produção escrita, o diálogo e as apresentações, interligou-se os valores e a educação ambiental, que são conteúdos de Cidadania, à disciplina de Português e esta integração acabou por beneficiar e facilitar a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. Tal como se questiona Fonseca (2011, p.193), “Se ele nunca foi estimulado a pensar sobre o seu dever perante a poluição, o ambiente e as gerações futuras, como poderemos querer que ele saia da apatia e seja um cidadão crítico, activo e responsável?”.

No geral, o resultado foi muito interessante e verificou-se a imaginação de certos alunos. Para além disso, também foi agradável assistir à troca de ideias/experiências entre os alunos.

Considerações Finais

De forma a concluirmos o nosso trabalho, chegou o momento de revermos todo o percurso que realizámos para chegar até aqui. Assim, iremos referenciar os aspetos positivos e menos positivos deste que foi o processo de construção de uma futura educadora/professora.

Recordando os nossos objetivos iniciais, podemos afirmar que os mesmos foram atingidos e foram, sem dúvida alguma, fulcrais para orientar a implementação da nossa prática pedagógica. Através da delimitação dos nossos objetivos, conseguimos organizar a nossa prática pedagógica, de modo a que ela seguisse um fio condutor e que houvesse, de facto, uma sequência lógica.

Que a as crianças não são todas iguais é um facto, por isso, em ambos os estágios pedagógicos tivemos alunos que necessitaram de ajustes ainda mais acentuados, para que conseguissem, efetivamente, aprender. Tivemos crianças com características próprias e que exigiram imensa atenção e cuidado, sem descuidar as restantes crianças. Assim, é possível afirmar que conseguimos compreender as necessidades de cada criança e que fomos capazes de organizar um processo de ensino-aprendizagem contextualizado e significativo.

Apesar de nem sempre ter sido fácil, devido às alterações a que nos vimos obrigados devido à pandemia, conseguimos planificar uma Educação para Valores através da Literatura Infantil em ambos os estágios, mesmo que para isso tivéssemos recorrido a sessões síncronas, vídeos explicativos, dinâmicas diferentes, para que as crianças conseguissem retirar o maior proveito do Ensino à Distância.

Ainda que a formação de alunos enquanto cidadãos ativos, responsáveis e autónomos não seja algo estanque, uma vez que estes aspetos devem ser trabalhados em todos os contextos e ao longo de toda a vida, acreditamos que conseguimos, através das atividades implementadas, fazer com que as crianças/alunos conseguissem compreender a importância da reflexão sobre os seus atos e conseguissem também partilhar a sua opinião sem dar tanta importância àquilo que os outros vão pensar.

Ao longo dos estágios, observámos as diferentes estratégias implementadas pela educadora e professora cooperantes e tivemos a oportunidade de criar as nossas próprias estratégias pedagógica e cientificamente estruturadas para oferecermos o que de melhor tínhamos para dar.

Pelo menos enquanto estivemos a implementar a nossa prática pedagógica, conseguimos, de facto, promover a leitura nas crianças da Educação Pré-Escolar e nos alunos do 1.º ciclo. Foi notório o interesse que as crianças demonstravam à medida que íamos criando atividades e recursos com esse intuito. O facto de termos construído recursos apelativos fez com que as crianças/alunos se interessassem mais pelas atividades propostas e, conseqüentemente, que se dedicassem mais à leitura e escrita.

Relativamente ao objetivo de promover a consciência crítica nas crianças através da Literatura Infantil, por vezes é mais complicado fazer com que certas crianças reflitam acerca de uma história. A verdade é que a Literatura Infantil também tem a vertente lúdica e nem tudo tem necessariamente de estar ligado com a parte educacional. A literatura não tem de ser educativa; só o é se for significativa, se falar aos leitores. Até porque o gosto que as crianças vão adquirir pela leitura irá existir porque, de facto, ler deve ser algo prazeroso. Mas, no geral, provámos que as crianças foram capazes de pensar acerca do enredo da história e de se colocarem na situação das personagens.

As atividades que promoviam, em simultâneo, uma Educação para Valores aliada à Literatura Infantil foram ideias práticas e que fazem todo o sentido porque, efetivamente, podemos planificar uma Educação para Valores através da Literatura Infantil.

No que diz respeito ao estudo que realizámos com outros professores do da ilha de São Miguel, e aos dados recolhidos por questionário, a maioria adota estratégias de exploração reconstrutiva e cria ambientes propícios à reflexão dos alunos, seja através de situações do quotidiano seja pela exploração de algum texto, como já vimos. No que concerne às cooperantes, elas admitiram não planificar previamente uma Educação para Valores, só fazem essa discussão dos valores depois de implementarem as atividades. Realmente, importa referir, neste caso, o facto da literatura infantil não ser trabalhada de forma contextualizada, mas ser trabalhada de forma prescritiva, porque é o que surge no Plano Nacional de Leitura.

Acerca das entrevistas realizadas aos alunos, estas serviram para termos uma perspetiva diferente e verificar se, na verdade, houve evolução no que diz respeito à compreensão do conceito de valor, à reflexão sobre as suas atitudes, à interpretação textual e ao gosto pela leitura. O que é facto é que, ao adotarmos uma prática pedagógica articulada com a literatura infantil, permitimos aos alunos conhecerem diferentes tipos de texto e obras interessantes para a faixa etária de cada uma das turmas, tanto para a Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Também foi interessante verificar que as crianças, ao praticarem a autorreflexão, começaram a clarificar valores e atitudes que potenciaram um processo de auto e hétero avaliação e mudanças de atitudes.

Concluindo, por tudo o que já apresentámos anteriormente, podemos afirmar, com toda a certeza, que é possível Educar para Valores através da Literatura Infantil.

Bibliografia

- Aguiar e Silva, M. V. (1982). *Teoria da Literatura*. 8.^a ed. Almedina;
- Alarcão, M. (2006). (Des)equilíbrios familiares. 3.^a ed. Quarteto;
- Andrade, E. (2015). (Re)Construindo valores com as crianças em educação pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico. Relatório de Estágio. Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo;
- Arraba, M. F.; Fonseca, J. S.; Lima, J. F.; Silva, K. C. & Simões, V. A. P. Jogos e brincadeiras: um espaço para o lúdico na educação infantil. *EDUCERE - Revista da Educação, Umuarama*, v. 14, n. 2, p. 259-271, jul./dez. 2014;
- Bento, A. (2012, abril). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade?. *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, n.º 64, ano VII, 40-43;
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2003). *Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora;
- Bolarinho, P. A. (2018). A educação para valores na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Relatório de estágio. Universidade dos Açores;
- Calleja, J. (2008). *Os professores deste século. Algumas reflexões*.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta;

- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., Viera, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. XIII, 355-378.
- Cerrillo, P. C. & Padrino, J. G. (1999). *Literatura Infantil y su Didáctica*. Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha;
- Cerrillo, P. C. & Padrino, J. G. (2000). *Presente y futuro de la literatura infantil*. Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha;
- Cervera, J. (1991). *Teoría de la Literatura Infantil*. Ediciones Mensajero;
- Comparin, E. (2012). *Jogos cooperativos como fator de motivação e socialização*. São Paulo;
- Corral, L. S. (2001). *Literatura Infantil y lenguaje literario*. Paidós;
- Cunha, P. D. (1996). *Ética e Educação*. Universidade Católica Portuguesa;
- Direção-Geral da Educação. (2013). *Educação para a cidadania – linhas orientadoras*;
- Fonseca, J. (2005). Educação e Valores: que relação?, *Arquipélago. Ciências da Educação*, 6: 107-126. ISSN 0873-8165. Universidade dos Açores. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/2502>. Acedido a 21 de agosto de 2021;
- Fonseca, J. (2011). *A cidadania como projecto educacional: Uma abordagem reflexiva e reconstrutiva*. Tese de Doutoramento. Universidades dos Açores;

- Freitas, D. (2002). *Escola - Família na Sociedades Pós-Moderna*. Brotéria 4, Vol. 155;
- Gómez, G. R., Flores, J. G., & Jiménez, E. G. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Ediciones Aljibe;
- Lima, F. (2016). *O Desafio de Educar para Valores no séc. XXI*. Relatório de Estágio. Instituto Superior de Educação e Ciências;
- Lourenço, A. S. P. (2011). *Contributos da Literatura Infantil no Jardim de Infância: propostas para uma aprendizagem eficaz*. Relatório de Estágio. Universidade da Beira Interior;
- Marques, R. (1997). *Escola, Currículo e Valores*. Livros Horizonte;
- Marques, R. (2003). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Editorial Presença;
- Mesquita, A. (2002). *Pedagogias do imaginário – Olhares sobre a literatura infantil*. Asa Editores;
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes da educação para o futuro*. Instituto Piaget;
- Neves, P. M. A. (2009). *A observação participante como ferramenta para a criação de um sistema de sugestões*. Relatório de Estágio. Universidade de Aveiro;
- Patrício, M. F. (1993). *Lições de axiologia educacional*. Universidade Aberta;
- Quintana Cabanas, J. M. (2002). *Teoria da Educação – Conceção antinómica da educação*. Asa Editores;

- Roig Rechou, B. A. (2013). *Educação literária e literatura infantojuvenil*. Tropelias Companhia;
- Rosado, I. (2011). *Literatura para a Infância – Conceções e acompanhamento parental em idade pré-escolar com vista à promoção de hábitos de leitura*. Relatório de Estágio. Escola Superior de Educação;
- Santos, J. Henriques, S. (2021). *Inquérito por questionário: contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Universidade Aberta;
- Silva, M. (2010). *Literatura Infantil e Mediação Leitora – Do papel do Mediador ao contexto de sala de aula*. Relatório de Estágio. Universidade da Beira Interior;
- Silva, J. L. C.; Salazar, J; Poças, M. E. (2015). Trabalho cooperativo como finalidade e estratégia de aprendizagem: um estudo de caso em biologia humana. *Revista da ESES*, n.º 39, pp.485-510;
- Silveiro, A. (2012). *Literatura para a Infância e Representações de Género*. Relatório de Estágio. Instituto Politécnico de Castelo Branco;
- Trillo, F., Bolívar, A., Pinto, F. C., Caride, J. A., Rubal, X. & Zabalza, M. (2000). *Atitudes e valores no ensino*. Horizontes Pedagógicos;
- Velosa, M. (2014). *Contributos da Literatura para a Infância para o desenvolvimento emocional da criança em idade pré-escolar*. Relatório de Estágio. Instituto Politécnico de Portalegre;

- Vieira, F. & Restivo, M. T. (2014). *Novas tecnologias e educação: ensinar a aprender, aprender a ensinar*. Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;

Legislação e outros documentos consultados:

- Lei de Bases do Sistema Educativo Português, Lei n.º 46/86 - Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14.

Apêndices

Apêndice 1 - Protocolo de Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em Estudos de Investigação

O presente protocolo clarifica a natureza e o modo de colaboração do(a) Educador(a) de infância e do(a) Professor(a) do 1.º ciclo do Ensino Básico no projeto de investigação intitulado “Educar para Valores através da Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico”, que visa compreender as conceções dos(as) mesmos(as) relativamente à Educação para Valores através da Literatura Infantil, sendo coordenado por Filipa Alexandre Medeiros Pereira e realizado no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e na disciplina de Relatório de Estágio, sob a orientação da Prof.^a Doutora Josélia Mafalda Ribeiro da Fonseca e coorientação da Prof.^a Doutora Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva. Neste contexto, venho solicitar a sua participação numa entrevista. Para além disso, peço o seu consentimento para utilizar e divulgar os dados recolhidos através deste método de investigação e também por meio da observação direta realizada ao longo do estágio. Na verdade, este trabalho de investigação insere-se num quadro de ética profissional que permite viabilizar o referido projeto e, ao mesmo tempo, assegurar benefícios quer para os participantes quer para o investigador.

O investigador compromete-se a:

- Atender à confidencialidade da informação recolhida.
- Apresentar os dados mediante siglas, omitindo o nome do colaborador e da instituição a que pertence.
- Retificar os dados sempre que o colaborador tenha motivos para essa retificação.
- Aceitar a desistência de participação sempre que o colaborador assim o expresse.
- Discutir questões relativas à investigação caso o colaborador as considere oportunas.
- Assegurar a interpretação da informação proporcionada como um dado pontual, sem deduzir qualquer avaliação do colaborador ou da sua competência profissional.

O investigador espera dos colaboradores:

- Obter dados relacionados com as vivências dos colaboradores, através da observação direta e de uma entrevista.
- Obter autorização para proceder a registos áudio e/ou de imagens, de modo a melhor assegurar o rigor da informação.
- Poder utilizar e divulgar os dados facultados, no âmbito da investigação em curso.

_____, ____/____/____.

A investigadora:

(Filipa Alexandre Medeiros Pereira)

O(A) colaborador(a) (Educador(a) ou Professor(a): _____

Apêndice 2 - Guião das entrevistas aos educadores/professores cooperantes

- 1 - Quantos anos de serviço tem?
- 2 – O que entende por Educação?
- 3 – O que entende por Valores?
- 4 – Para si, um valor é o mesmo que norma e/ou atitude?
- 5 – Como entende a presença dos Valores na educação e que importância lhe atribui?
- 6 - Promove a educação para Valores?
- 7 - Que estratégias utiliza na Educação de Valores: informativo-instrutivas (transmissão direta dos valores como conteúdos) ou exploração reconstrutiva (utilização de metodologias ativas que levam os alunos a experienciar valores e a refletir sobre eles)?
- 8 - Dê exemplos de atividades em que promove a Educação para Valores.
- 9 - Com que frequência é que implementa a Literatura Infantil na sua prática pedagógica?
- 10 – Acha que a Literatura Infantil pode facilitar a discussão de Valores?
- 11 – Costuma usar contos para trabalhar a Educação para Valores?
- 12 – Quais os contos que tem trabalhado com as crianças/alunos?
- 13 – Que estratégias costuma utilizar para promover a discussão de valores a partir das suas obras? Dê exemplos.
- 14 – No seu entender, quais são os Valores que se devem trabalhar com as crianças no pré-escolar/ no 1.º ciclo do Ensino Básico?

Apêndice 3 - Transcrição da entrevista realizada à educadora cooperante

E – Entrevistadora

Ed – educadora

E – Quantos anos de serviço tem?

Ed – Olha, eu comecei em 86, portanto, vai a caminho dos 35.

E – O que entende por educação?

Ed – Educação eu penso que é todo o processo de desenvolvimento, desde crianças, e todos os dias vamos aprendendo coisas novas, mas tem a ver com o intelectual, com o físico, com a moral da pessoa e, depois, também a sua inserção na sociedade.

E – O que entende por valores?

Ed – Valores... penso que tem muito a ver com o moral, não é? Tem a ver com a parte moral, pronto, se uma pessoa dá importância a uma determinada coisa, a coragem, a estima, a autoestima, portanto, tem a ver um bocado com essa área, acho eu. São os valores humanos, morais, é mais isso.

E – Para si, um valor é o mesmo que uma norma/atitude?

Ed – Não, eu acho que não, penso que não. Uma norma é uma regra, que existe numa determinada... por exemplo, nas escolas há regras, em casa também há regras... e os valores são diferentes, eu posso cumprir várias regras e não ter valores, penso eu.

E – Como entende a presença dos valores na educação e que importância lhe atribui?

Ed – Eu dou muita importância, tento sempre inculcar nas crianças valores, portanto, a autoestima, o respeito, o ter cuidado com os outros, com o próximo, com o ambiente, entre outros, mas a responsabilidade, autonomia, autonomia não é tanto um valor, coragem, ser valente, confiança, que a pessoa vai conseguir. Portanto, nas minhas crianças tento inculcar e desenvolver.

E – Promove uma educação para valores nas suas práticas?

Ed – Sim, ao fim ao cabo, penso que está tudo direcionado nesse sentido. Não faço uma coisa especificamente para promover o desenvolvimento dos valores, mas trabalho à volta disto tudo, mas sempre tendo em atenção os valores.

E – Que estratégias utiliza na educação de valores: informativo-instrutivas, ou seja, a transmissão direta dos valores como conteúdos, ou uma exploração reconstrutiva, que é a utilização de metodologias ativas que levam os alunos a experienciar valores e a refletir sobre eles?

Ed – Penso que, talvez, as duas coisas. Ah... pronto, pode ser através de uma história, ou algum vídeo para eles verem. Outra vez, talvez mesmo provoca certas atitudes, ou

demonstrar, através da expressão dramática, ou através mesmo da observação daquilo que aconteceu no recreio ou dentro da sala e, a partir daí desenvolver e chegar àquilo que eu pretendo. Penso que, ao fim ao cabo, serão as duas estratégias.

E – Acho que a próxima pergunta vai ao encontro daquilo que respondeu, pois já deu exemplos, mas quer acrescentar algum exemplo de atividades que promovam a educação para valores?

Ed – Sim, foi o que eu disse. Portanto, quando foi no dia... agora temos estado tanto tempo em casa... mas eu lembro-me que quando foi o dia da deficiência (3 de dezembro), [os alunos] passaram por uma situação, eu tapei-lhes os olhos, para eles terem a sensação do que é ser invisual, eles esbarravam e começavam-se a rir, e então, para eles terem esse respeito, o cuidado para não rirem, para terem o respeito ao próximo. Tento fazer assim, coisas desta forma e, outras vezes, é só mesmo através da visualização de um vídeo ou então contar histórias, é isso.

E – Com que frequência é que implementa a Literatura Infantil na sua prática pedagógica?

Ed – Ah, Literatura Infantil... quase todos os dias. Há sempre um livro, há sempre uma história, há todos os dias.

E – Acha que a Literatura Infantil pode facilitar a discussão de valores?

Ed – Sim, acho que sim. Torna-se mais fácil uma pessoa através de um livro abordar o valor que pretende, mas sim, acho que sim.

E – Costumar usar contos para trabalhar a educação para valores, com o intuito de os trabalhar, não apenas para contar alguma história, mas com a intenção de trabalhar mesmo um valor?

Ed – Sim, não é com muita frequência, mas sim, eu utilizo.

E – Quais os contos que tem trabalhado com as crianças?

Ed – Agora não me lembro dos nomes, mas... *O segredo do nabo gigante, o dragão rabugento*, contos que tenham a ver com a partilha, com a interajuda, e há outros.

E – Que estratégias costuma utilizar para promover a discussão de valores, a partir das obras literárias? Dê exemplos.

Ed – Não percebi bem...

E – Que estratégias costuma utilizar para promover a discussão de valores, a partir das obras literárias? Por exemplo, se conta as histórias utilizando fantoches, se cria alguma música para as histórias...

Ed – Ah sim, também depende um bocado. Se é para trabalhar uma história de raiz, se é uma coisa que eu já tenho, utilizo o material, mas às vezes construo o material, os

fantoches. Mas, às vezes, conto sem recorrer a recursos/materiais... fazer o reconto, fazer perguntas, que final poderia ser, se acham que poderia ser de forma diferente, serem eles a darem outro final à história ou o final mais “feliz”, diferente... Os fantoches não costumo utilizar muito, porque também não tenho muitos fantoches apropriados, mas posso recorrer a algum acessório, ou a algum boneco, ou aquilo que está na sala, quase sempre utilizamos o material que lá existe.

E – Por fim, no seu entender, quais são os valores que se devem trabalhar com as crianças na educação pré-escolar?

Ed – Olha, portanto, essencialmente a autoestima, o respeito, a ajuda, a interajuda, também a responsabilidade, coragem, ter confiança, reforçar o positivismo, não ser negativo. É mais neste sentido, a colaboração, essencialmente estes.

Apêndice 4 - Transcrição da entrevista realizada à professora cooperante

E – Entrevistadora

P – Professora

E – Quantos anos de serviço tem?

P – Dezasseis.

E – O que entende por educação?

P – Para mim, a educação é a base de toda uma sociedade, que se pretende livre, culta, responsável, ativa... portanto, normalmente, quando se fala em educação pensa-se muito no processo de ensino-aprendizagem, mas eu acho que é muito para além disso, acho que é a base de uma sociedade.

E – O que entende por valores?

P – Os valores, eu acho que são aqueles elementos que definem a nossa conduta e que definem o que é que está certo e o que é que está errado, que podem ser diferentes de pessoa para pessoa. Os valores que definem o meu certo e o meu errado certamente poderão ser diferentes dos valores que definem o certo e o errado de outra pessoa qualquer e acho que são essenciais para que se consiga viver em comunidade.

E – Para si, o valor é o mesmo que uma norma/atitude?

P – Não, eu acho que as normas sim, são regras. Dando um exemplo é mais fácil, tu podes cumprir as regras, porque és obrigada e não teres valores. Quer dizer, tens, mas não os valores essenciais para que se viva bem em sociedade. Uma pessoa com valores pode ou não cumprir as regras, ou seja, tu até podes cumprir as regras, porque estás ali “presa” a uma conduta que te é imposta, mas isso não quer dizer que tu respeites os valores que te ensinaram, ou os valores da maior parte das pessoas integradas numa comunidade ou sociedade, acho que são coisas distintas.

E – Como entende a presença dos valores na educação e qual a importância que lhes atribui?

P – Se a educação, no meu ponto de vista, é a base de uma sociedade, que obviamente começa numa comunidade mais pequena que é a família e depois as pessoas mais próximas e todas as ligações que se têm, obviamente que os valores estão completamente associados e que têm toda a importância para que se construa um cidadão responsável, cívico, proativo, na sociedade que se quer construir.

E – Então, neste sentido, atribui uma grande importância aos valores?

P – Toda, toda a importância.

E – Na sua prática, promove uma educação para valores?

P – Claro que sim. Essencialmente, eu acho que é muito fácil dizer “não façam isto, não façam aquilo”, mas acho que o princípio não é este. Eu acho é que, e o que eu tento fazer é, com situações do dia-a-dia, criar um ambiente em que os alunos possam refletir. Ou seja, nós damos a base, digamos assim, criamos as condições necessárias para que eles possam refletir sobre as situações e aí chegar à conclusão de que comportamento é que podiam ter tido, o que é que podem alterar, que valores é que foram colocados em causa, como é que se sentem. Promovendo um ambiente que permita a reflexão sobre os seus comportamentos/ações e, posteriormente, consciência dos valores. Não dar tudo... eu acho que são as crianças, nesta idade, que devem ser capazes de refletir sobre as suas ações, sem que o adulto esteja sempre a intervir. Nós criamos as condições e o ambiente que eles precisam para poderem refletir sobre as suas ações e perceberem que valores é que são colocados em causa, que valores é que são fundamentais para conseguirem gerir conflitos, para conseguirem estar bem uns com os outros.

E – Quais são as estratégias que utiliza na educação para valores: informativo-instrutivas (que têm por base a transmissão direta de valores como conteúdos) ou uma exploração reconstrutiva (que é a utilização de metodologias ativas)?

P – Acho que já respondi. Uma exploração reconstrutiva que tem a ver com aquilo que eu já disse anteriormente. É criar o ambiente, criar as condições, que levem os alunos a refletir sobre os seus atos e, posteriormente, sobre os valores que lhes são inculcados e os outros que eles vão por si só escolhendo e valorizando.

E – Para além do exemplo que já deu, quais são as outras atividades que utiliza para promover uma educação para valores?

P – Debates, exploração de dilemas, a própria reflexão de alguma situação que aconteça no recreio ou na sala de aula que possa gerar algum conflito, exploração de obras literárias que permitam essa própria reflexão.

E – Com que frequência é que implementa a literatura infantil na sua prática pedagógica, sejam contos, poemas, obras literárias, ...?

P – Podia dizer diariamente, nem que seja na leitura de um texto, por isso é com muita frequência, quase diariamente.

E – Acha que através da literatura infantil podemos facilitar a discussão de valores?

P – Completamente. Por vezes os miúdos, nessas idades, quando não passam por determinadas situações, às vezes é difícil colocarem-se no papel dos outros e acho que as histórias têm essa importância, porque eles envolvem-se de tal forma no conteúdo/na história em si que acabam por criar uma ligação com uma ou com outra personagem e

esta ligação está associada aos valores que eles definem como essenciais. Por isso, querem que o herói/o bom se dê bem na história e que o mau tenha o castigo que merece. Pronto, eu acho que, de uma forma muito simplificada, as histórias acabam por envolver os miúdos e como há o pormenor acabam por criar as imagens na sua cabecinha e assim conseguem colocar-se no lugar das personagens e perceber o que é que era correto, o que é que não era. Acho que todas as histórias permitem isso, que é eles colocarem-se no papel das personagens e claro que acabam por ter uma tendência de resolução do problema que acontece na história. Às vezes, quando a história fica a meio, eles sentem aquela ansiedade de “o que é que vai acontecer?”, ou seja, porque eles são movidos/conduzidos para os valores que eles têm. A literatura infantil permite essa discussão porque, depois, nós fazemos toda uma exploração do texto em si e conseguimos perceber a posição que os alunos tomam e que tem a ver com os valores que eles defendem.

E – Já compreendi que utiliza a literatura infantil para trabalhar a educação para valores, mas, na sua seleção de contos ou obras literárias, escolhe especificamente um texto para trabalhar os valores ou para trabalhar certos conteúdos de gramática ou outros conteúdos programáticos e, depois, é que discute os valores com os alunos?

P – Acho que isso depende. Por exemplo, no primeiro ano, quando eu recebi a turma, era e é uma turma bastante heterogénea e, em termos de valores, havia meninos bem educados, mas com alguma dificuldade em manter uma postura correta, surgiam alguns conflitos no recreio, facilmente demonstravam a sua opinião mas nem sempre de forma a agradar os colegas... e aí, que é quando eu acho que faz sentido, quando pegamos no grupo temos de o “agarrar” e o meu ponto de partida foi, pegando na história *O monstro das cores*, trabalhar emoções, saber gerir essas mesmas emoções, tentar não reagir de forma reativa, por isso o ponto de partida foi este. Neste momento, e até porque há vários alunos da turma que iniciaram o primeiro ano com cinco anos, ou seja, havia ali também muita imaturidade, dificuldade em estar sentadinho no seu lugar ou estar tanto tempo sentado, por isso surgiu a ideia de explorar o livro... acho que resultou e eles conseguiram fazer essa reflexão e chegar ao ponto que, neste momento, eu acho que é positivo.

E – Já deu o exemplo d’*O monstro das cores*, mas que outros contos, textos ou obras tem trabalhado com os alunos?

P – Ora bem, tirando o *Elefante cor-de-rosa*, de Luísa da Costa, que é uma obra extraordinária e os *Contos Populares*, de Adolfo Coelho, que são duas obras que foram trabalhadas no segundo ano, eu depois acabei por me resumir às obras que são trabalhadas

no terceiro ano... *O monstro das cores* também, no primeiro ano; *Os poemas da mentira e da verdade*, de uma forma divertida, alegre e brincalhona, também de uma forma um bocadinho irónica também se consegue trabalhar os valores; *O senhor do seu nariz*, que apesar de ter aquela dificuldade de ter um nariz muito comprido, nunca foi arrogante, era uma personagem que nunca se mostrava zangada com ninguém, ajudava os outros, ou seja, isso tudo ajuda, que era isso que estávamos a falar anteriormente de como é que a literatura infantil pode facilitar a discussão dos valores.

E – Para além da leitura e do debate, que outras estratégias costuma utilizar para trabalhar as obras literárias que escolhe?

P – A caracterização das personagens (oral e escrita), a representação e a forma como eles “vestem” a personagem e a representam para os colegas, embora seja difícil para alguns meninos esta exposição; discussões, debates, podemos ir aos dilemas a partir de uma expressão ou de um parágrafo da obra, produção escrita. Nestas situações, quando trabalho alguma obra literária, normalmente a produção escrita é para eles se colocarem na posição de uma determinada personagem (se fariam da mesma forma ou não) ou então para continuarem a história, ou seja, não trabalho a obra até ao fim, trabalho até a uma determinada parte e eles, depois, a partir daí... para perceber que rumo é que eles dariam, obviamente que o rumo que eles escolhem para as personagens é completamente influenciado pelos seus valores.

E – No seu entender, quais são os valores que se devem trabalhar com os alunos do primeiro ciclo?

P – A gente podia ficar aqui até amanhã, mas eu vou escolher aqueles que acho que as crianças e os adultos devem trabalhar a vida toda: o respeito, a igualdade, a liberdade, a partilha, a honestidade e a amizade.

Apêndice 5 – Sistema de Categorias (análise das entrevistas às cooperantes)

Dimensões	Categorias
Conceção de “educação”	Ensino de conhecimentos, regras, atitudes e valores.
	Processo de desenvolvimento de conhecimento, de valores e de atitudes.
Conceção de “valores”	Conjunto de atitudes.
	Características ideais que permitem aos sujeitos interpretar a realidade.
	Conjunto de normas e regras sociais.
Intencionalidade	Intencional
	Espontânea
Abordagem	Disciplinarmente
	Integradamente
Articulação da Educação para Valores com a Literatura Infantil	Articula
	Não articula
	Articula à priori
	Articula à posteriori

Apêndice 6 - Inquérito por questionário aos educadores e professores do 1.º ciclo do Ensino Básico

O presente questionário insere-se num estudo incorporado no projeto de relatório de estágio com o tema *Educar para Valores através das Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar e no 1.º ciclo do Ensino Básico*, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Com este questionário, pretende-se compreender como é que os educadores e os professores perspetivam a relação entre os Valores e a Literatura Infantil e como é que concebem a sua prática pedagógica neste domínio. As respostas são anónimas e confidenciais. Agradeço, desde já, a sua participação e colaboração.

1 – Dados Pessoais

Nas respostas de escolha múltipla seleccione uma opção, colocando um × apenas na resposta que melhor reflete a sua opinião.

1.1) Idade: _____

1.2) Sexo: Feminino Masculino

1.3) Habilitações académicas

Bacharelato Licenciatura Mestrado Doutoramento

1.4) Nível de ensino em que exerce as suas funções

Educação de Infância 1.º Ciclo

1.5) Anos de serviço: _____

2 – Educação para Valores e Literatura Infantil

2.1) O que entende por “Educação”?

a) Instrução de conhecimentos, regras, atitudes e valores.

b) Processo de desenvolvimento de conhecimento e competências atitudinais e valorativas.

c) Outra.

Se na resposta anterior assinalou a opção “c) Outra”, indique qual a sua definição de “Educação”.

2.2) Qual a importância que atribui à Educação?

a) Nada importante.

b) Pouco importante.

c) Importante.

d) Muito importante.

e) Extremamente importante.

Justifique a sua resposta.

2.3) O que entende por “Valores”?

a) Conjunto de atitudes.

b) Características ideais que permitem aos sujeitos interpretar a realidade.

c) Conjunto de normas e regras sociais.

d) Outra.

Se na resposta anterior assinalou a opção “d) Outra”, indique qual a sua definição de “Valores”.

2.4) Qual a importância que atribui à Educação para Valores?

- a) Nada importante.
- b) Pouco importante.
- c) Importante.
- d) Muito importante.
- e) Extremamente importante.

Justifique a sua resposta.

2.5) Promove uma Educação para Valores?

Sim Não

2.6) Que estratégias utiliza na Educação de Valores?

- a) informativo-instrutivas (transmissão direta dos valores como conteúdos).
- b) exploração reconstrutiva (utilização de metodologias ativas que levam os alunos a experienciar valores e a refletir sobre eles).

2.7) Com que frequência é que implementa a Literatura Infantil na sua prática pedagógica?

- a) Nunca.
- b) Raramente.
- c) Frequentemente.
- e) Sempre.

2.8) Acha que a Literatura Infantil pode facilitar a discussão de Valores?

Sim Não

2.9) Costuma utilizar contos para trabalhar a Educação para Valores?

Sim Não

2.9.1) Se sim, quais os contos que tem trabalhado com as crianças/alunos?

2.10) Que estratégias costuma utilizar para promover a discussão de Valores a partir das suas obras? (Pode seleccionar mais do que uma opção.)

- a) Perguntas.
- b) Dilemas.
- c) Debates.
- d) Continuação do enredo.
- e) Criação de um final diferente do enredo.
- f) Outra(s).

2.11) Quais são os valores que considera fulcrais desenvolver no processo educativo?

(Coloque, em cada item, um X na opção que melhor reflete a sua opinião.)

Valores	Escala				
	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante
Autonomia					
Cooperação					
Responsabilidade					
Solidariedade					
Justiça					
Tolerância					
Respeito					
Honestidade					

Generosidade					
Amizade					

Outros: _____

Agradeço a sua colaboração,
Filipa Pereira

Apêndice 7 - Guião da entrevista semiestruturada às crianças (4/5 anos)

- O que é que vocês acham que é uma atitude correta? Deem exemplos.
- O que é que vocês acham que é uma atitude incorreta/errada? Deem exemplos.
- Como é que vocês resolvem quando têm um problema? Falam com a pessoa, brigam, ficam zangados?
- Existem regras na sala de aula? Sabem quais são? Costumam cumpri-las?
- Costumam ouvir histórias?
- Gostam de ouvir histórias? Porquê?
- Será que podemos aprender através das histórias? Porquê? Como?

Apêndice 8 - Transcrição da entrevista inicial realizada ao grupo de crianças de educação pré-escolar

E – Entrevistadora

C – Crianças

E – Vocês acham que todas as coisas que fazem são corretas?

C1 – Sim.

E – Porquê? Diz-me quais são as coisas que fazes que estão corretas?

C1 – Eu como tudo, eu arrumo tudo...

E – Mas tudo o que fazes está correto? Nunca bates num amigo, nunca gritas, nunca fazes birras?

C1 – Sim.

E – Os teus pais nunca brigam contigo?

C1 – Sim, quando eu não me porto bem.

E – Por que é que vocês acham que essas coisas são incorretas?

C2 – Eu não faço essas coisas, porque o meu pai briga.

E – Diz-me quais são as coisas que tu fazes e que o teu pai briga contigo.

C2 – Ele coloca-me de castigo.

E – Mas por que é que ele te coloca de castigo?

C2 – Porque eu estou sempre perto da televisão e ele grita porque eu não tenho os óculos.

C1 – Ontem ele [C2] chorou, na casa da minha mãe, e eu não chorei.

C2 – Temos de ser meninos bem-comportados.

E – Em casa, ou na escola, vocês têm problemas?

Todos – Não.

E – Por exemplo, se menino X bater no menino Y e a menina Z vir, o que é que ela deve fazer?

C3 – Eu digo à professora.

E – Por que é que tu dizes à professora?

C3 – Porque o menino X magoou o menino Y.

E – E isso é uma coisa boa ou uma coisa má.

Todos – Má.

E – Em casa, se acontece alguma coisa/algum problema, vocês falam com quem?

Todos – Com os pais.

E – Se vocês estão em casa a fazer uma coisa má e os vossos pais brigarem convosco, o que é que vocês fazem?

C4 – Ficamos de castigo.

E – E depois, o que fazes? Pedes desculpa aos pais?

Todos – Eu peço.

C2 – Se eu quiser alguma coisa, eu peço “por favor, mãe” e ela diz “não” ou “sim”.

E – Se a mãe disser que não podes, o que é que fazes?

C2 – Eu brinco a outra coisa.

E – Aqui na sala, imaginem que a menina X está a brincar com um carrinho e a menina Y tira o carrinho da mão da menina X. Isto é uma coisa boa ou uma coisa má?

Todos - Má.

E – E porquê?

C2 – Porque as pessoas assim são mal-educadas.

C1 – E pode partir o carro.

E – Se eu estiver a brincar com um brinquedo, vocês acham que é correto outra pessoa tirá-lo das minhas mãos?

Todos – Não.

E – O que é que devemos fazer quando outra pessoa está a brincar com um brinquedo e nós também queremos brincar com ele?

C5 – Temos de dizer “por favor”.

E – E se a pessoa disser “não”?

C1 – Brincar de outra coisa, tem bastantes brinquedos.

C2 – Temos o quadro, temos a casa, temos a garagem...

C6 – Se uma pessoa for egoísta, a outra também não vai partilhar os seus brinquedos porque também não é justo.

E – O que é uma pessoa egoísta?

C6 – É uma pessoa que não empresta os brinquedos.

E – É verdade. Aqui na sala, existem regras?

Todos – Sim, temos.

C1 – Para não bater, para não empurrar, para não gritar.

C2 – E para não magoar os amigos.

C6 – E para não brigar com a professora.

E – Vocês cumprem essas regras muitas vezes ou poucas vezes?

Todos – Muitas.

C2 – Temos de respeitar todos, até os pais, os avós, as mães.

C6 – As professoras.

E – Vocês costumam ouvir histórias?

Todos – Não.

E – Na sala, a professora não costuma contar histórias?

Todos – Sim.

E – E onde é que ouvem mais histórias, em casa ou aqui na escola?

C1 – Nas duas, na escola e em casa.

C7 – Na escola.

C2 – Em casa dos avós, em casa dos tios.

E – E vocês gostam de ouvir histórias?

Todos – Sim.

C1 – Sim, eu conto [as histórias] sozinho, não preciso de ajuda.

E – Como é que tu contas as histórias se não sabes ler?

C1 – Eu conto o que eu quiser.

C6 – Eu conto as histórias quando a minha mãe me diz uma frase e depois eu repito.

E – Por que é que vocês gostam de ouvir histórias?

C8 – Porque assim aprendo a ler.

C4 – Eu tenho tantas histórias.

E – A mãe lê as histórias?

C4 – Sim.

E – Por que é que vocês gostam de ouvir histórias?

C2 – Porque eu gosto das imagens.

E – Vocês acham que podemos aprender alguma coisa através das histórias?

E – Alguém aqui conhece a história da Capuchinho Vermelho?

Todos – Sim.

E – O que é que a mãe disse à Capuchinho Vermelho?

C9 – Que era para ela não ir pela floresta.

E – E o que é que a Capuchinho Vermelho fez?

Todos – Foi.

C1 – Foi e encontrou um lobo.

E – O que é que o lobo fez à Capuchinho Vermelho?

C1 – Fez mal e à avó.

C2 – Ele [lobo] esperou dentro do armário e comeu.

E – O que é que aprendemos com essa história?

C10 – Devemos fazer o que a mãe diz.

C2 – Devemos vestir o que a mãe diz. A gente não pode desrespeitar porque não pode vir de calções porque já está muito frio.

Apêndice 9 - Transcrição da entrevista final realizada ao grupo de crianças de educação pré-escolar

E – Entrevistadora

C – Crianças

E – O que é que vocês acham que é uma atitude correta?

C1 – Não deixar a torneira aberta.

E – Isso é para proteger o ambiente. Mas o que é uma atitude correta? Por exemplo, quando eu digo “muito bem, agiste bem”.

C2 – É fazer coisas boas.

E – Isso é uma atitude correta?

C2 – Sim.

E – Dá-me um exemplo.

C2 – Cuidar da natureza, não magoar as pessoas.

C3 – Partilhar os brinquedos.

C1 – Não magoar as pessoas.

C4 – Não matar as plantinhas.

E – O que é uma atitude incorreta, uma atitude errada?

C2 – Por exemplo, se a menina está aqui a brincar com um brinquedo, vamos fingir que é uma boneca, e eu depois tiro-lha da mão sem dizer “por favor”, é uma coisa má.

E – Quem é que sabe dar mais exemplos de coisas más?

C2 – O que a menina fez.

E – O que é que a menina fez?

C2 – Anteontem, já não me lembro, que o menino estava a abrir uma caixa e ela fechou e trincou-lhe o dedo lá dentro.

C1 – Não magoar as pessoas.

C4 – Não matar os animais.

E – Como é que vocês resolvem os vossos problemas?

C5 – Chamo um amigo ou o pai.

E – Por exemplo, quando brigam com os vossos pais, o que é que acontece?

C3 – Nós pedimos desculpa.

E – O que é que os teus pais fazem, aceitam as desculpas ou continuam zangados?

C3 – Eles de vez em quando continuam zangados e outras vezes dizem que estou sempre a pedir desculpa.

C2 – Às vezes, os meus pais brigam comigo, mas eu digo “desculpa”, só que os meus pais continuam zangados, mas eu vou ficar sempre desculpada.

E – Eles desculpam sempre?

C2 – É... alguns dias.

E – Se alguém brigar com vocês, o que fazem? Se alguma criança se portar mal com vocês, o que é que vocês fazem? Estavam a dar o exemplo de quando a criança B te tirou a boneca das mãos sem pedir autorização, o que é que vocês dizem à criança B?

C2 – Tens de pedir por favor.

E – E tiras o brinquedo das mãos dela?

C2 – Criança, eu posso brincar com a tua boneca? E ela tem de dizer que sim, se ela disse que não, é não.

E – E não lhe vais tirar a boneca das mãos?

C2 – Não, eu tenho que esperar que ela acabe para eu depois brincar.

E – Aqui na sala existem regras?

Todos – Sim!!

C6 – Eu sei uma regra. Não podemos bater nos amigos, nem empurrar.

C3 – Não se pode correr nem gritar.

C2 – Eu sei uma!

E – Podes dizer.

C2 – É parecida à de não gritar. Quando a gente está a fazer trabalhos, os outros não podem falar muito alto.

C4 – Não se pode partir os brinquedos.

C2 – Não podemos fazer birra.

C4 – Não podemos chorar.

C7 – E quando a gente se magoa?

E – Tu choras quando te magoas?

C6 – Quando a gente se magoa mesmo a sério é que a gente tem de chorar.

E – Alguém aqui já tinha dito que não se deve bater nas pessoas. Mas vocês costumam cumprir essas regras?

C6 – Em casa, sim.

E – E aqui na sala?

Todos – Não...

E – E porquê?

C3 – Porque o menino M grita e faz birras.

E – Só ele é que faz birras?

C4 – Não, eu não consigo ficar quieto.

E – Em casa, vocês costumam ouvir histórias?

Grande parte das crianças – Não.

E – E aqui na sala?

Todos – Sim!

E – Vocês gostam de ouvir histórias?

Todos – Sim!

E – Porquê?

C6 - Podemos aprender coisas, aprender letras e aprender a história.

E – O que é que podemos aprender mais com as histórias?

C2 – A ler. A gente pode abrir o livro e escrever o que está lá.

E – Fazer uma cópia?

C2 – Sim, e também podemos inventar a nossa própria história, mas escrevendo.

E – Alguém se lembra das histórias que ouvimos aqui na sala?

C2 – *A girafa que comia estrelas.*

E – O que é que aconteceu na história?

C2 – A mãe dela disse que estava frio e que ela ia ficar doente, porque ela estava a tentar comer estrelas.

E – Mas o que foi que a girafa e a galinha fizeram?

C1 – Tentaram fazer chover.

C2 – A galinha colocou uma pena no nariz, ela espirrou e voltou a chover.

E – Qual é o valor que temos nesta história?

C2 – Ajudar.

E – Podemos dar outro nome a esse valor. Alguém sabe?

C6 – Cooperar.

E – Alguém sabe outras histórias que nós trabalhámos?

C1 – Eu sei! *O Dragão Rabugento.*

E – De que é que fala a história?

C2 – Da amizade.

E – Quem é que o Dragão ajudou?

C1 – Os meninos. Eu sei! Eles estavam perdidos numa floresta e depois eles encontraram um dragão e o dragão tentava assustar as pessoas. Só que quando os meninos contaram [que estavam perdidos] ele já não ficou rabugento, ele ajudou. E depois ele levou-os à

aldeia. E depois as pessoas da aldeia ficaram assustadas. E depois eles convidaram o dragão para uma festa na aldeia. E ficaram todos felizes e amigos.

E – Vocês aqui na sala já cumprem melhor as regras?

C7 – Eu dei o cartão à menina.

E – Tu partilhaste os cartões, no trabalho?

C7 – Sim.

Apêndice 10 – Transcrição da entrevista inicial realizada à turma do 3.º ano do Ensino Básico

E – Entrevistadora

A – Alunos

E – Vocês acham que são bons meninos e boas meninas ou que são maus meninos e más meninas?

A1 – Eu acho que sou boa. Eu não sou má, eu nunca bati em ninguém. Só quando a minha irmã me bate é que eu bato nela.

A2 – Mais ou menos. Quando a minha irmã pega nos meus brinquedos sem a minha autorização eu pego nos dela e escondo-os.

E – É uma coisa boa que tu fazes?

A2 – Quando brincamos juntas.

A3 – Eu faço coisas boas, o outro dia eu ajudei a minha mãe a fazer um bolo com a minha irmã.

A4 – Mais ou menos, porque quando o meu irmão pega nos meus brinquedos, eu pego nos dele e escondo-os até ele se esquecer deles. E também, às vezes, chateio-me com ele.

A5 – Eu já fiz o pequeno-almoço para os meus pais.

A6 – Eu, às vezes, faço doces, assim a minha mãe não tem de fazer doces para o fim de semana.

E – Já alguma vez mentiram?

A7 – Eu já menti à minha irmã.

A8 – Eu minto ao meu irmão. Eu digo que há monstros debaixo da cama dele, mas não há.

E – Porque é que fazes isso?

A8 – Para brincar com ele.

E – E ele não fica com medo?

A8 – Às vezes.

A9 – Eu já menti, mas não foi muito problemático.

E – Tu podes mentir e os outros não podem?

A9 – Não, são brincadeiras.

E – Já alguma vez vocês foram injustos com alguém?

Algumas crianças – O que é isso?

E – Exatamente, o que é isso?

A10 – Por exemplo, os dois querem a bolacha. Eles partem a bolacha ao meio e há uma parte que fica maior do que a outra. Um fica com a parte maior e outro com a parte pequena. Isso é uma injustiça.

E – É isso. Por exemplo, imaginem que eu vou à casa de banho com a criança X e eu parto a maçaneta da porta sem querer. Quando eu chego à sala, eu digo que foi a criança X que partiu a maçaneta. Acham que isso é justo?

Todos – Não!

C11 – Na ginástica, estávamos a brincar à toca do coelho, o menino Y chegou primeiro, mas eu disse que eu é que tinha sido o primeiro e o outro menino saiu do jogo. Mas, depois, eu disse a verdade e ele voltou para o jogo.

C5 – O outro dia eu estava a brigar com a minha irmã e a minha mãe perguntou o que se tinha passado e eu disse que foi a minha irmã que começou a brigar, mas fui eu.

E – Há algum amigo ou algum colega que vocês acham que é boa pessoa?

C4 – Sim.

E – Por que é que achas que ele é uma boa pessoa? Quais são as atitudes dele/as ações que te levam a achar que ele é uma boa pessoa?

C5 – Porque ele brinca muitas vezes comigo.

C4 – Porque ele está sempre atrás de mim, nunca me deixa sozinho e brincamos sempre juntos.

E – Há algum colega ou amigo que vocês acham que é mau? Não precisam dizer os nomes das pessoas.

C8 – Sim, de vez em quando, ela rouba-me os livros.

C3 – Sim, tenho uma, que não me convidou para comer pipocas.

C9 – Sim, tem um que me tira sempre os brinquedos.

E – Há alguém da escola que vos causa problemas? Por exemplo, quando estão no recreio e se portam mal com vocês?

C10 – Há umas raparigas que não param de me incomodar.

E – O que elas te dizem?

C10 – Uma vez no Carnaval gozaram comigo. Eu fui à casa de banho e essa rapariga estava lá e ela disse-me assim: “Não quero saber da tua vida”.

E – Achas que isso é gozar contigo? Lá por ela dizer que não quer saber da tua vida, não quer dizer que ela esteja a gozar de ti.

C10 – Pois...

E – Aqui na sala existem regras?

Todos – Sim! Estão ali mesmo!

E – E sabem quais são?

C3 – Levantar o dedo quando se quer falar.

E – Digam-me lá mais regras.

C3 – Ouvir as professoras.

C2 – Quando estamos a brincar lá fora não devemos deixar ninguém excluído.

E – Vocês costumam cumprir as regras da sala? Vocês agora não estão a cumprir as regras, estão todos a falar. Qual foi a primeira regra que falámos?

C1 – Às vezes, eu esqueço-me de pôr o dedo no ar.

E – Por que é que vocês acham que é importante haver regras na sala?

C12 – Um ia estar a falar de uma coisa, o outro ia estar a falar de outra e assim ninguém se entendia.

C14 – Porque a sala ia ficar uma bagunça.

E – Vocês costumam ler ou ouvir histórias?

C15 – Raramente, gosto de ler, mas não gosto de ouvir.

E – Vocês leem histórias mais vezes em casa ou na escola?

C6 – Na escola.

E – Vocês acham que aprendem coisas novas com as histórias?

C7 – Gosto de ler para ir melhorando a leitura.

C10 – Ao ler histórias, aprendo novas palavras.

C9 – Eu aprendo muito, aprendo novas lições. Não devemos roubar.

C13 – Eu quero saber o que é que acontece e também eu melhoro a minha leitura.

C1 – Gosto de aprender lições.

Apêndice 11 – Transcrição da entrevista final realizada à turma do 3.º ano do Ensino Básico

E – Entrevistadora

A – Alunos

E – Consideram que são bons ou maus meninos?

Todos – Bons!

E – Porquê?

C1 – Porque nós prestamos atenção às aulas, somos bons colegas e nós também partilhamos coisas.

E – Partilhas coisas? Tipo o quê?

C1 – Eu dei uns óculos ao menino X, porque Portugal jogou na terça-feira.

E – Tu deste os óculos, mas diz-me uma coisas que tu partilhas.

C1 – Às vezes, quando eu vou almoçar a casa, eu trago gomas e partilho com os amigos.

E – Vocês acham que são bons ou maus meninos? Vocês acham que fazem mais coisas boas ou mais coisas más?

C2 – Mais ou menos.

E – Porquê?

C2 – Eu brinco com alguns colegas e ajudo-os, às vezes.

E – E uma coisa má que fazes?

C2 – Quando eu tenho nervos, eu finjo que vou bater.

E – Mas tu bates mesmo ou só finges?

C2 – Às vezes, bato mesmo.

E – Achas que essa é uma atitude correta?

C2 – É má.

E – O que é que devias fazer quando estás nervoso?

C2 – Acalmar-me.

E – Como é que te podes acalmar?

C2 – Eu fecho os olhos.

E – Alguém costuma fazer coisas boas?

C3 – Às vezes.

E – Como o quê?

C3 – Hmm...

E – Ajudas a mãe, ajudas o pai, ajudas os teus amigos?

C3 – Eu ajudo, às vezes, as minhas amigas.

E – Como?

C3 – Por exemplo, se alguém bater nelas eu ajudo-as e digo para elas se acalmarem.

E – Já alguma vez mentiram?

C4 – Eu já.

E – Dá-me exemplos. Se a mãe te perguntar se te portaste bem na escola, o que respondes?

C4 – Que me portei bem.

E – E é verdade ou mentira.

C4 – É mentira.

E – Achas que é bom mentir às pessoas?

C4 – Não.

E – O que é que achas que devias fazer?

C4 – Dizer a verdade.

E – Já alguma vez foram injustos com alguém?

C5 – Eu já fui injusta com a minha irmã. Uma vez que estava a comer com a minha irmã e eu escondi-lhe o pão. O meu pai chegou e perguntou de quem era o pão e eu disse que era da minha irmã e que ela não o tinha comigo.

E – Há algum amigo que vocês consideram que é muito boa pessoa?

C6 – Sim, ele não faz nada de mal.

E – Os vossos amigos são boas pessoas? Porquê?

C7 – Porque eu brinco com eles e eles não me batem.

E – Vocês já tiveram algum problema com algum amigo?

C8 – Sim, tive problema no recreio ao decidir qual era a brincadeira que queríamos. Ficámos chateados os 3, fomos para um canto e passado um bocado pedimos desculpa uns aos outros.

E – E fizeram as pazes?

C8 – Sim.

E – Quando alguém se porta mal com vocês, quer dizer que essa pessoa é má?

Alguns alunos – Sim.

Outros alunos – Não.

C9 – Não, não quer dizer que ela seja má. Ela pode ter-se chateado muito e... ela pode só se ter chateado com uma coisa e ter acumulado muito e descarregar tudo de uma vez. Eu já fiz isso a minha irmã, porque os meus dão tudo só a ela.

E – Achas isso bem, zangares-te com a tua irmã?

C9 – Não.

E – Pediste desculpa à tua irmã?

C9 – Não, eu conversei com a minha mãe.

E - Mas resolveste as coisas?

C9 – Não, eu continuo a ficar triste. Mas a minha mãe deu-me um exemplo: se tu visses um cachorrinho na rua e um cão mais velho, em qual é que ias dar festinhas? No mais novinho porque ele é mais fofinho.

E – Pois.

E – Aqui na escola há algum colega que vos faz mal?

C10 – Sim.

E - Ele bate-te?

C10 – Não me bate, mas chateia-me o dia todo.

E – Como é que ele te chateia?

C10 – Chateando.

E – Mas como? Ele empurra-te, está constantemente a chamar o teu nome?

C10 – Ela está me sempre a chamar e quando eu não quero ficar com ela, ela fica chateada.

E – O que é que vocês fazem quando se zangam com alguém?

C11 – Eu ontem chateei-me com uma menina aqui da sala, mas ela depois começou a fugir de mim. Então, eu vim para a sala e quando ela chegou à sala eu perguntei se nós podíamos fazer as pazes.

E – E vocês fizeram as pazes?

C11 – Sim.

E – Ou seja, vocês conversaram?

C11 – Sim!

E – Existem regras aqui na sala de aula?

C12 – Sim, levantar o dedo para falar e não bater nos colegas.

E – E costumam cumprir as regras?

C12 – Às vezes.

E – Por que é que achas que é importante haver regras?

C12 – Para não ficar tudo misturado, tudo desorientado.

E – Uma confusão?

C12 – Sim.

C13 – Se ninguém levantasse o dedo para falar, ficava uma barulheira. Se ninguém arrumasse as coisas, ficava tudo desorganizado.

E – Vocês costumam ler histórias?

C10 – Sim, eu costumo. Mas eu não gosto de ler para as outras pessoas, só para mim.

E – Dá-me um exemplo.

C10 – *Os contos de Perrault*.

E – Por que é que vocês acham que é importante ler?

C10 – A minha mãe disse-me que quando estava grávida da minha irmã que não falava muito, então ela começou a ler livros e depois começou a falar mais.

C14 – Porque não é só com a escola que aprendemos, também é com os livros.

E – O que é que vocês aprendem com as histórias?

C14 – Que nós devemos ser humildes com os outros, devemos ser bem-comportados.

E – Como é que ao leres uma história aprendes isso?

C14 – Eu leio, depois eu penso no que eu não devia ter feito...

E – E tu voltas a fazer o que não devias ter feito?

C14 – Não, faço o que está correto.

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal



2022

DM

Educar para Valores da Literatura Infantil no 1.º CEB

Filipa Pereira